

MISSÃO URBANA

ESTRATÉGIA PARA A CONQUISTA DE CIDADES

JOSÉ ALVES

JOSÉ ALVES

MISSÃO URBANA

ESTRATÉGIA PARA A CONQUISTA DE CIDADES

1ª Edição
CPAD
Rio de Janeiro
2020

Todos os direitos reservados. Copyright © 2020 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento

Revisão: Daniele Pereira

Capa: Joab Santos

Projeto gráfico e editoração: Anderson Lopes

Conversão para ePub: Cumbuca Studio

CDD: 266 – Missões

e-ISBN: 978-65-86146-20-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso *site*: https://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2020

APRESENTAÇÃO

Creio que poucas pessoas tenham tanta alegria quanto eu em poder apresentar esta obra e o seu autor. Por alguns poucos, porém intensos anos, tive a satisfação de ter a meu lado no ministério pastoral o pastor José Alves. Foram momentos de transição em que, juntos, experimentamos o sabor de frustrações e de memoráveis conquistas na liderança. Enquanto planejávamos, orávamos, expúnhamo-nos a treinamentos e organizávamos times ministeriais, as inúmeras competências e firmes valores do autor destacavam-se. Entre as suas competências, ficou evidente o prazer investigativo desse escritor por boa literatura, principalmente nas áreas de liderança, crescimento de igreja e Missões. Nenhuma conversa com ele escapava a esses assuntos, e ninguém saía da sua presença sem a recomendação de um novo livro ou autor. Tenho certeza de que, no meio pentecostal brasileiro, são poucos os que estão devidamente preparados quanto Alves para abordar o tema deste livro: *Missão Urbana*. Parabéns a todos quantos adquiriram um exemplar desta obra. Disponha o seu coração e seja contagiado pelo amor que Deus prova ter pela cidade por meio das Escrituras e da história.

Também felicito nossa CPAD pela iniciativa de lançar esta obra inédita no meio pentecostal assembleiano, que foi escrita por um pastor presidente

e teólogo pentecostal brasileiro que é filho de nosso movimento.

Pastor Mauro dos Santos
Presidente da Igreja Assembleia de Deus
de Cachoeirinha no Rio Grande do Sul
e membro do Global Kingdom
Partnerships Network

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Apresentação

Capítulo 1
Conhecendo a Cidade

Capítulo 2
Fundamentos para a Transformação da Sociedade

Capítulo 3
A Igreja na Cidade

Capítulo 4
Ministério de Intercessão pela Cidade

Capítulo 5
Evangelizando a Cidade

Capítulo 6
Desenvolvendo Pequenos Grupos na Cidade

Capítulo 7
Alcançando os Pobres da Cidade

Capítulo 8
Sendo uma Voz Profética na Cidade

Capítulo 9
Sendo uma Igreja Terapêutica na Cidade

1 Conhecendo a Cidade

Se pretendemos transformar nossas cidades mediante a pregação do Evangelho e de ações ministeriais que produzam um impacto transformador, precisamos conhecer nossa cidade, pois ela será nosso campo missionário. Quando falamos em missões transculturais, enfatizamos a importância de o missionário conhecer bem as características sociais, geográficas e culturais do povo para onde ele está sendo enviado; mas, quando falamos em missão urbana, não nos preocupamos em conhecer nossas cidades com todas as suas complexidades. Conhecer a cidade onde se está ministrando é fundamental para a sua transformação, pois ela é o campo de ação do missionário urbano e, como tal, possui as suas características geográficas, culturais, sociais, econômicas e espirituais. Por isso, o missionário urbano, assim como um exegeta, precisa fazer uma exegese da sua cidade para saber quais serão as ações ministeriais que poderão produzir transformação nessa cidade.

> A primeira coisa que devemos fazer é conhecer nossa cidade. Temos que entendê-la, entender como ela opera, por que funciona e para que propósito. Devemos perguntar quem se beneficia na nossa cidade e por quê? Quem está levando vantagem e por quê? Por que a igreja é tão freqüentemente marginalizada e ignorada pela cidade? Temos que entender nossa cidade política, econômica e socialmente. Mas, como cristãos, devemos, acima de tudo, entender nossa cidade espiritual e biblicamente.[1]

I. O FENÔMENO DA URBANIZAÇÃO

O fenômeno social conhecido como urbanização tem atingido proporções globais. Praticamente em todo o mundo, o processo migratório do campo para a cidade chamado de êxodo rural é uma realidade crescente.

No Brasil, a urbanização já atingiu 85% da população. Isso quer dizer que, a cada 100 brasileiros, mais de 80 vivem em grandes ou pequenas cidades. Em questões mais globais, existem no mundo 20 cidades com mais de 10 milhões de habitantes; mais de 60 com mais de 4 milhões e mais de 400 com mais de 1 milhão.

Todos esses fatores levam-nos a assumir um compromisso natural com o alcance dessas cidades.

> Em resposta a isso, é importante lembrarmos que Deus mesmo está urbanizando o mundo. Não é necessário provar isso numericamente. Em todos os cantos do planeta e em todos os continentes, isso está acontecendo sob o domínio do nosso Deus soberano. Quer aceitemos ou não, a cidade urbana é uma marca de destaque no século XXI. Este século será o século das cidades; e este mundo será o mundo das cidades.[2]

O objetivo deste capítulo não é apresentar uma exaustiva exposição de todas as teorias em relação à cidade. Meu objetivo é analisar a urbanização de maneira multidisciplinar, abordando os seus vários aspectos para ajudar o leitor a compreender um pouco alguns dos desdobramentos que fazem da cidade um lugar de paradoxo.

II. CONHECENDO A PERSPECTIVA HISTÓRICA DA CIDADE

1. Resumo Histórico de Urbanização Brasileira

A colonização do Brasil pelos portugueses iniciou-se no século XVI com a plantação da cana-de-açúcar. Embora o cultivo da cana e a sua transformação em açúcar fossem realizados no campo, a comercialização desse produto levou ao desenvolvimento de atividades urbanas, como o comércio, os empréstimos bancários e os transportes marítimos. Com isso, surgiram cidades brasileiras ao longo do litoral, principalmente no Nordeste. Nessas cidades, que eram os centros de comercialização do

açúcar, instalaram-se representantes do governo da metrópole portuguesa para exercer o controle das atividades da colônia. Logo chegou em 1549 o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa (1503–1579), que fundou Salvador, primeira capital e sede da organização política, jurídica e administrativa da colônia. Recife e Olinda eram as duas outras cidades importantes na época.

Durante todo o período em que a economia brasileira dependeu da monocultura canavieira, a maior parte da população vivia no campo. O cultivo da cana e a fabricação do açúcar eram feitos pelo trabalho escravo nos próprios engenhos (as fazendas canavieiras). Nos engenhos, havia algumas lavouras de subsistência; criava-se gado para alimentar a população, e desenvolvia-se artesanato para prover as demais necessidades pessoais. Os senhores de engenho também viviam no campo e recorriam ao comércio europeu para obter produtos mais sofisticados para o seu consumo e o da sua família. Por isso, nessa época, não chegou a ser efetivamente estabelecida uma sólida divisão territorial do trabalho entre o campo e a cidade. Do ponto de vista econômico, as cidades limitavam-se a ser um elo com o mercado europeu. Nenhuma se tornou um importante mercado consumidor, pois os escravos não possuíam liberdade e nem salário para adquirir mercadorias.

Portanto, a lavoura canavieira permitiu apenas um pequeno crescimento urbano, definindo uma característica que se tornou marcante no Brasil durante cerca de dois séculos: a existência de uma frágil vida urbana, constituída por algumas poucas grandes cidades localizadas no litoral.

Apenas no começo do século XVIII, quando a mineração deslocou o eixo da economia brasileira do litoral para o interior, é que surgiram várias cidades pequenas, além de cidades médias, nos lugares em que os recursos minerais (ouro e pedras preciosas) eram encontrados.

A mineração favoreceu uma divisão territorial do trabalho entre o campo e a cidade e, gradativamente, entre várias cidades. Isso porque aqueles que extraíam o ouro não tinham nenhum interesse em ocupar-se da plantação de gêneros alimentícios.

Assim, pela primeira vez, estabeleceram-se intensas relações comerciais entre o nordeste açucareiro, o centro minerador e o sul pecuário da colônia. Dessa forma, surgiram cidades como Cuiabá, Barbacena, Ouro Preto (antiga Vila Rica), Sabará, São João Del Rei, Mariana, Cáceres, Goiás (antiga Vila Boa) e outras. O Rio de Janeiro, onde se localizava o grande porto exportador de ouro, tornou-se capital da colônia em 1763, o que explica por que não tardou a transformar-se numa grande cidade.

Apesar de a mineração ter propiciado um crescimento urbano considerável, várias das cidades criadas na região das minas entraram em crise quando se esgotaram as riquezas minerais. Portanto, continuou predominando no Brasil uma vida urbana com poucas grandes cidades.

A partir da primeira metade do século XIX, a lavoura cafeeira ocasionou um crescimento significativo de pequenas e médias cidades. A lavoura teve características itinerantes, ou seja, o cultivo do café, com o emprego de técnicas rudimentares, foi esgotando os solos onde era realizado e estendendo-se para outras áreas. Isso explica o surgimento de muitas cidades, primeiro no eixo Rio de Janeiro–São Paulo, depois avançando por todo o interior do Estado de São Paulo e atingindo o norte do Paraná. Um grande número de cidades cresceu ao longo das ferrovias construídas para transportar o café.

Entretanto, os capitais provenientes da exportação do café concentraram-se em duas grandes cidades: primeiro no Rio de Janeiro, que possuía 272.972 habitantes em 1872 (enquanto São Paulo possuía apenas 31.385 habitantes); e, depois, em São Paulo, que já possuía 239.820 habitantes em

1900. Na verdade, a lavoura cafeeira trouxe mais benefícios à cidade de São Paulo particularmente a partir do momento em que a exportação de café passou a ser feita pelo porto de Santos.

Embora a lavoura cafeeira tenha contribuído para a formação de pequenas e médias cidades, o processo de urbanização do país só se iniciou no século XX, com a industrialização.

A indústria atraiu um grande número de pessoas que migraram do campo para a cidade, o que fez dar início à urbanização. Só então a população das cidades passou a crescer mais do que a população rural do país. Trata-se, portanto, de uma urbanização recente. Apenas em 1970 é que a população urbana brasileira, que correspondia a 56% do total, ultrapassou pela primeira vez a população rural (44%). Em 1980, ela já correspondia a 67% e, em 1990, a aproximadamente 77%.

A industrialização tardia trouxe consequências importantes para a urbanização do país. As fábricas instaladas nas cidades que se industrializaram não conseguiram absorver grande parte da população expulsa do campo. Assim, cresceu muito a fração do setor terciário que abriga o subemprego (comércio ambulante, empregos domésticos, etc.) e que utiliza muita mão de obra. Esse setor terciário não qualificado caracteriza a maioria das cidades brasileiras.

III. CONHECENDO A PERSPECTIVA GEOGRÁFICA DA CIDADE

1. Composição Geográfica do Espaço Urbano

a) O sítio urbano

O sítio urbano constitui-se da área ocupada por uma cidade, incluindo o seu terreno, as suas colinas, as baixadas, os vales e os

brejos. Algumas cidades situam-se nos planaltos, outras no litoral, e outras na base das montanhas.

É importante observarmos que o sítio urbano influencia a vida na cidade, pois a localização geográfica da cidade determina a cultura do lugar e as estratégias que devemos utilizar para alcançar a cidade. Por exemplo, o leitor poderia detectar as diferenças que existem entre a cidade de Gramado, na serra gaúcha, e a cidade do Rio de Janeiro?

b) A situação da cidade

Aqui me refiro à sua localização geográfica no que diz respeito ao seu espaço mais amplo, como as suas estradas, os seus meios de comunicação, a sua distância em relação aos grandes centros urbanos e a presença de riquezas naturais tanto nela como nas cidades vizinhas, bem como o modo como isso pode beneficiar ou prejudicar a cidade.

c) O centro da cidade

Toda cidade tem o seu centro, que é a área onde se concentram mais pessoas, onde há maior comércio e outros serviços, como movimento bancário, consultórios, entre outros. O centro da cidade não precisa estar localizado na área central do espaço urbano. Ele pode estar situado na orla marítima, por exemplo. Portanto, o centro de uma cidade não se define pela sua localização central, mas, sim, pelo movimento de pessoas, veículos, comércio e os seus imóveis. Em geral, o centro (ou os centros, pois pode haver mais de um) possui edifícios mais elevados que as demais partes da cidade; além de ruas, avenidas e praças mais movimentadas e imóveis que se destacam na vida da cidade (igreja matriz, teatro, etc.).

As pequenas cidades possuem um centro tradicional, onde normalmente há uma igreja e a praça principal. Já as médias e grandes cidades podem ter mais de um centro: o centro de negócios (bancos, comércio) numa área e o centro de lazer (bares, restaurantes, praças ou avenidas mais movimentadas pelos pedestres) em outra. Pode existir um centro velho, tradicional, e um (ou até mais de um) centro novo, que vem substituindo o antigo como uma área de terrenos mais valorizados, um local de maior movimento de comércio, bancos e pessoas.

d) A expansão da cidade

Uma cidade pode crescer de duas formas: (1) pela construção de elevados edifícios ou galerias subterrâneas (crescimento vertical) e (2) pela expansão do seu espaço urbano (crescimento horizontal). No crescimento horizontal da cidade, há uma expansão da periferia, ou seja, das áreas ou bairros mais distantes. No Brasil, as periferias dos grandes centros urbanos normalmente são áreas pobres, com pouca infraestrutura (água encanada, eletricidade, asfalto, linhas telefônicas, transporte coletivo, etc.). Em alguns países, como, por exemplo, os Estados Unidos, existem periferias urbanas muito valorizadas chamadas de subúrbios, onde residem populações de altas rendas, que se deslocam das áreas centrais para ter mais espaço (casas com amplos jardins e quintais e muito verde nas ruas), fugindo dos congestionamentos e da poluição intensa.

Quando se expande uma cidade, ela pode encontrar-se com uma cidade vizinha. Nesse caso, acontece o que chamamos de conurbação, que significa a junção de dois espaços urbanos, normalmente causada

pela expansão de uma cidade maior que atingiu os limites de uma ou algumas cidades menores.

e) A rede urbana

A rede urbana é formada por cidades que se destacam nas suas atividades econômicas e culturais, que oferecem algo tanto para a sua própria população como para a população de outras áreas. A essa relação que essas cidades têm entre si denominamos rede urbana. Na rede urbana, o papel principal é exercido por uma grande cidade, que é a que mais se destaca pela influência econômica e cultural em relação às outras. A essa cidade damos o nome de metrópole, que, em grego, significa “cidade-mãe”.

f) As metrópoles

Normalmente, a metrópole é uma cidade com mais de 1 milhão de habitantes. No entanto, o critério que se utiliza para medi-la não é o número de habitantes, mas, sim, a capacidade de polarização que a mesma exerce, que é a capacidade que a metrópole tem de subordinar a si as outras cidades.

IV. CONHECENDO A PERSPECTIVA CULTURAL DA CIDADE

O espaço urbano é composto por vários fenômenos sociais, que, em conjunto, formam a cultura de uma cidade. Para que haja uma comunicação eficaz do Evangelho, faz-se necessário compreender essa cultura e, assim, contextualizar a mensagem divina a fim de que ela seja compreensível à mentalidade urbana.

1. Características da Cultura Urbana

a) Pluralismo

Para Rubem Amorese, o pluralismo é a capacidade que os portadores do pós-modernismo têm de produzirem: “[...] um efeito inescapável de mostrar, como num supermercado, uma enorme quantidade de opções para um mesmo produto. Você pode escolher o que mais lhe agradar”.[3]

Comblim diz que a novidade, a diversidade e a mobilidade da vida urbana tornam-se elementos de sedução, pois tudo isso possibilita ao indivíduo conhecer novas pessoas, passar por novas experiências e experimentar novos prazeres. Ali também eles podem conhecer os seus ídolos, que, outrora, pareciam tão distantes e somente eram vistos pela televisão.

Na cidade pós-moderna, o pluralismo é demonstrado por vários aspectos.

b) Pluralismo cultural

Pelo fato de estarmos vivendo na era da informação, é ela que nos traz a realidade, as alternativas e as diferentes maneiras de vermos as coisas em outras partes do mundo. Ao entrarmos em contato com pessoas diferentes de nós, que possuem outros costumes e formas diferentes de enxergar as coisas, começamos a conviver com a ideia de que existe uma alternativa para tudo além daquela que conhecemos.

c) Pluralismo do real conceito da verdade

A sociedade urbana pós-moderna não está preocupada em provar o que está certo ou errado, pois a verdade não existe como um fator único e absoluto para ela. Para os pós-modernos, a verdade está enraizada na comunidade a que o indivíduo pertence; e, como existem várias comunidades, existem várias verdades. Para eles, essas pluralidades de verdades podem perfeitamente existir uma do lado da outra desde que haja um respeito entre ambas as partes. Eles ainda dizem que "aquilo que é certo para uma comunidade pode não ser para a outra" e vice-versa.

d) Pluralismo da moralidade

Neste tópico, mencionamos o que Amorese diz a esse respeito:

> No mundo da pluralidade não há absolutos. Em termos de opção, a moralidade não mais existe, porque cada atitude pode ser justificada como sendo uma opção íntima e estribada em motivações e razões particulares que, no caso, não são da conta de mais ninguém. Por exemplo: ser gay, hoje em dia, é apenas uma opção sexual.[4]

e) Pluralismo da religiosidade

Em nossa sociedade, a religião é apenas mais um produto de consumo. O sistema tradicional de religião, que exige compromisso do fiel, já ficou ultrapassado, pois atualmente existe uma infinidade de opções religiosas menos convencionais, que exigem menos compromisso e, ao mesmo tempo, trazem algum tipo de satisfação espiritual, ainda que momentânea.

2. Individualismo

Amorese chama esse individualismo de privatização segundo a mentalidade pós-moderna, já que vivemos em uma sociedade-mercado e

temos à nossa disposição uma infinidade de opções. Nesse caso, também podemos ter o direito de escolher nossas opções, e ninguém tem nada a ver com isso. E as escolhas são feitas baseadas no resultado imediato, pois as pessoas escolhem aquilo que, em curtíssimo prazo, lhes causem menos dor, esforço ou preço. É na cidade que as pessoas sentem-se libertas das dependências tradicionais da família, dos vizinhos e dos donos do lugar. Na cidade, o indivíduo também é seduzido pela possibilidade de ser "livre" para fazer o que bem quiser.

3. Consumismo

Enquanto que, na zona rural, a vida era bastante limitada às opções que o lugar proporcionava e as pessoas deveriam contentar-se com o que se tinha disponível, isso já é diferente na cidade. Aliás, é essa busca por meios e maneiras mais alternativas de viver que levou milhões de brasileiros a deixar o campo e aventurar-se a ganhar a vida na cidade. Como prova disso, basta ir ao centro de uma cidade (principalmente de uma metrópole) e observar o grande número de pessoas entrando e saindo nos estabelecimentos comerciais, comprando e consumindo os mais variados tipos de produtos.

Por isso, Jean Baudrillard (1929–2007) denominou nossa sociedade de "sociedade de consumo". Segundo ele, nós "[...] viveríamos em um contexto onde o consumo invade a vida das pessoas, suas relações envolvem toda a sociedade e as satisfações pessoais são completamente traçadas através dele".[5]

4. Dinamismo

Se o mundo rural é parado, o mesmo não acontece na vida urbana. Na cidade, as pessoas estão sempre correndo em busca de melhores condições

e conquistas; as famílias querem melhorar a casa, aumentar o seu espaço, adquirir mobília nova, carro novo, ter mais conforto e vestir a roupa da moda.

Uma prova do dinamismo da cidade é a sua constante mudança. A mesma acontece por meio das transformações do espaço com as grandes obras de construções, novos prédios para abrigar *shoppings centers*, lugares de lazer e entretenimento.

Essa correria motivada pelo desejo desenfreado de sempre conquistar mais faz com que as pessoas da área urbana afastem-se das igrejas tradicionais e comecem a querer os movimentos que sejam dinâmicos assim como eles. Hoje em dia, muitas pessoas vão para um templo não para adorar a Deus, mas para, de certa forma, "consumir" Deus. Não são adoradores, mas consumidores das coisas sagradas.

5. Tribos urbanas

Tribo urbana é o termo geral como são chamados os vários grupos urbanos. A tribo é um conjunto de comunidades que falam a mesma língua e possuem os mesmos costumes, tradições, normas, ritos e instituições em comum. Trata-se de uma organização social bem antiga.

Sobretudo nas grandes cidades, os adolescentes e os jovens formam grupos mais ou menos conhecidos e até temidos, quando não violentos. São chamados de turmas, galeras, comandos e bandos. Os grupos mais agressivos são as famigeradas gangues ou quadrilhas, que provocam confusões, arrastões e dominam regiões.

Manter boas relações de amizade nas cidades grandes não é fácil. Mesmo a vizinhança tem pouca aproximação. Portanto, o processo de tribalização ou de formar grupos de pessoas com interesses comuns é a

maneira que muitos encontram para resistir à despersonalização no meio das multidões e estabelecer relações de companheirismo.

Com o enfraquecimento de certas instituições sociais, como a família, a escola e a religião, aumentou a procura dessas tribos por parte dos jovens que vivem na miséria e na marginalização sempre crescentes e que levam à perda dos valores, à violência e à insegurança. A rua, além de ser espaço de socialização, passou a ser lugar de aprendizado do crime nas periferias. As tribos urbanas participam dessa realidade e, muitas vezes, praticam violência, causando medo nas pessoas.

As tribos chegam até a fazer coisas surpreendentes. Eles partilham o que têm entre si e ajudam uns aos outros, mas tornam-se violentos e destruidores quando consomem drogas ou entram em conflito com outras gangues.

V. CONHECENDO A PERSPECTIVA SOCIAL DA CIDADE

As cidades são os centros culturais, econômicos, governamentais, populacionais, de transportes e comunicações. São nelas que as pessoas deslocam-se para conseguir emprego para ganhar a vida. Também é nelas que encontramos uma variedade de atividades culturais e recreativas. Ainda assim, nem tudo na cidade é belo e alegre, pois é nelas que encontramos, talvez, os mais profundos problemas de nossa sociedade, uma vez que a sociedade urbana enfrenta problemas de ordem social, econômica e governamental.

1. Problemas sociais

Os problemas sociais das cidades modernas abrangem o crime, a delinquência juvenil, o alcoolismo, a droga em alguns países e o atrito entre

grupos de origens distintas. A pobreza, problema tanto social quanto econômico, também é uma realidade presente.

Comportamentos antissociais, como o crime, a delinquência juvenil e o vício da droga, devem-se, em parte, à incapacidade de certas pessoas para ajustarem-se à vida urbana. Os sociólogos apontam o relacionamento impessoal da sociedade urbana com o indivíduo como a causa dessa incapacidade. Alguns sentem como se não houvesse um lugar na sociedade para eles. Talvez se voltem para o crime e para a delinquência como maneira de criticar a sociedade ou de obter vantagens materiais; talvez procurem uma fuga da sociedade por meio do abuso do álcool e das drogas. A aplicação mais rigorosa da lei poderá ajudar a reduzir o comportamento antissocial, mas o problema não poderá ser eliminado completamente enquanto as suas causas não forem eliminadas. Organizações privadas e governamentais têm sido criadas a fim de tentar reduzir o comportamento antissocial. As moradias precárias também são outro problema social. Essas são habitações mal construídas, em ruínas, insalubres ou com excesso de moradores. Nos países em desenvolvimento, milhões de pessoas vivem em barracos ou em outras moradias que mal proporcionam algum abrigo.

2. Problemas econômicos

A maioria dos habitantes das cidades nos países desenvolvidos usufrui de elevado padrão de vida. No entanto, mesmo nas melhores épocas, há sempre muitas pessoas pobres numa cidade. Com muito mais razão, isso se aplica às cidades dos países menos desenvolvidos ou subdesenvolvidos. A pobreza sempre existiu, mas a riqueza que se observa nas cidades modernas faz realçar o problema. As classes pobres, em muitos lugares, procuram reivindicar melhores condições de vida, o que às vezes tem provocado distúrbios em alguns locais.

Complexos fatores econômicos e sociais às vezes conduzem a uma queda nos negócios. Durante os períodos de recesso econômico, muitos trabalhadores perdem o emprego, e o número de necessidades nas cidades aumenta. Os desempregados diminuem as suas despesas, e os negócios sofrem uma retração.

3. Problemas governamentais

Com o decorrer do tempo, a tarefa de administrar as cidades tornou-se cada vez mais complexa. Hoje, os governos das cidades veem-se obrigados a restaurar áreas velhas e em ruínas e a oferecer boas escolas, proteção policial e outros serviços necessários. O crescimento e a mudança da população, a falta de recursos e de autoridade, o conflito de poderes; enfim, tudo contribui para dificultar o governo das cidades.

O constante aumento da população das cidades indica que os seus governos devem fornecer serviços para um número cada vez maior de pessoas. Em algumas cidades, assim como nas capitais brasileiras, os recém-chegados frequentemente são famílias provenientes do campo, quase inteiramente desprovidas de recursos; incapazes, portanto, de pagar pelos serviços de que necessitam. Os governos estaduais e federais ajudam a cobrir o custo para manter uma cidade. Ainda assim, as cidades enfrentam sérias crises financeiras.

O governo de uma cidade faz parte de um complicado sistema de poder. Cada cidade tem as suas próprias normas e, em alguns países como o Brasil, também tem que se sujeitar a certa regulamentação ou leis estaduais e federais.

VI. CONHECENDO A PERSPECTIVA ESPIRITUAL DA CIDADE

Ao buscarmos estratégias para a realização de nossos projetos missionários e evangelísticos, não podemos esquecer-nos de que todos os meios humanos que utilizarmos terão pouco ou nenhum impacto se não levarmos em consideração a realidade do conflito que está sendo travado no mundo espiritual.

> O que tenho descoberto é que toda a tecnologia evangelística do mundo exerce apenas um efeito mínimo, a menos que a batalha espiritual seja vencida. É como um automóvel zero quilômetro, dotado de avanços tecnológicos mais recentes. Um carro bonito e perfeitamente construído, mas que não pode funcionar enquanto não for bombeado o combustível para o seu tanque. A mesma coisa aplica-se ao poder espiritual nos campos do evangelismo e crescimento da igreja.[6]

Os estudiosos do crescimento da igreja nas cidades têm percebido que, em todo o mundo, os fatores espirituais são mais cruciais do que os fatores institucionais e sociológicos. Por isso, esses missiólogos entendem o porquê da expansão e do crescimento do movimento pentecostal: “Em toda a história da humanidade, nenhum outro movimento voluntário não militarista e não-político têm crescido de forma tão dramática nos últimos anos quanto o movimento pentecostal”.[7]

O fato é que a verdadeira batalha na missão urbana em uma cidade é a batalha espiritual. Por isso, o movimento pentecostal tem crescido nas cidades, pois o seu estilo de evangelização envolve sinais e maravilhas, libertação dos demônios, curas, adoração contínua e contagiante.

As cidades de nossos dias estão debaixo de maldições e de domínios malignos. Existem determinadas coisas que acontecem nelas que não temos explicações humanas; ou seja, são fatores espirituais. Se nos preocupássemos em estudar um pouco da história das cidades (como, por quem e para quê ela foi fundada), descobriríamos coisas muito importantes a seu respeito, assim como saberíamos por que determinadas coisas acontecem no seu dia a dia.

Ainda falando sobre olharmos para além do que está visível, é importante salientar que fatores culturais aparentemente importantes do ponto de vista sociológico podem ser, na verdade, expressões do tipo de domínio maligno que atua na cidade.

> Os antropólogos costumam analisar coisas como a arquitetura e a arte, bem como o comportamento humano em várias culturas. Eles são capazes de distinguir com notável exatidão as formas, as funções e os significados dos componentes culturais. Mas até mesmo os melhores cientistas sociais só podem examinar aquilo que é visível. Para irem além disso, teriam que apelar para uma dimensão que é estranha para a antropologia cultural — o discernimento de espíritos. A antropologia vê a cultura como ela parece ser, ao passo que o mapeamento espiritual tenta enxergar a cultura (cidade) como ela realmente é.[8]

Precisamos olhar nossa cidade do ponto de vista de Deus. Procure imaginar sua cidade conforme ela é vista do alto. Usualmente, uma cidade consiste em uma massa de pessoas de várias classes sociais. Algumas dessas pessoas esforçam-se por levar uma vida moral, refinada e decente, ao passo que outras se caracterizam por um estilo de vida menos disciplinado. Mas toda aquela gente acha-se engolfada em uma teia de futilidades, na maior parte das vezes acompanhadas por profundos pesares pessoais. Muitas cidades vivem às voltas com o crime e a violência, já outras são dominadas pela ansiedade de encontrar algum significado para a existência.

---

[1] LINTHICUM, Robert C. Revitalizando a Igreja. São Paulo: Bom Pastor, 1996, p. 100.

[2] MUZIO, Rubens R. O Pastor Urbano. Londrina: Descoberta, 2003, p. 23.

[3] AMORESE, Rubem Martins. Icabode: da Mente de Cristo à Consciência Moderna. São Paulo: Abba Press, 1993, p. 47.

[4] *Ibidem*, p. 49.

[5] BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 22.

[6] WAGNER, Peter C. Oração de Guerra. São Paulo: Unilit, 1992, p. 38.

[7] *Ibidem*, p. 46.

[8] WAGNER, Peter C. Derrubando Fortalezas em sua Cidade. São Paulo: Unilit, 1995, p. 60.

2 Fundamentos para a Transformação da Sociedade

Transformação é uma palavra forte, um conceito poderoso que tem sido usado em vários contextos de nossa sociedade.

Mas, em se tratando de transformar nossa sociedade pelo poder do Evangelho, o que isso realmente significa? Será que o DNA espiritual de uma sociedade pode ser alterado? Se a resposta for sim, então quais são as características que esse novo cenário de transformação produz?

I. CRIAÇÃO E FORMAÇÃO

Transformação é um conceito-chave neste trabalho que está sendo produzido. Se nosso objetivo é transformar nossa sociedade mediante a inserção dos valores do Reino de Deus, resgatando o propósito original de Deus para ela, então precisamos começar nossa análise observando quais eram esses propósitos. Por isso, temos que começar com a obra da criação, conforme apresentada no livro de Gênesis. Timóteo Carriker diz que "qualquer teologia da missão que pretenda arraigar sua autoridade na revelação bíblica deve necessariamente começar com os vários relatos da criação no Velho Testamento".[9]

1. A Criação do Mundo

Muito embora o planeta esteja enfrentando um momento de deformação por causa da irresponsabilidade humana, a criação é um dos canais de revelação de Deus para a humanidade, pois "os céus proclamam a glória de

Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (Sl 19.1). O apóstolo Paulo também disse aos romanos: "Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis" (Rm 1.20).

Quando Deus começou a dar forma a este mundo, o mesmo encontrava-se em uma situação bastante caótica, sem forma e totalmente vazio. Então, foi nessa realidade que o Senhor passou a dar forma a um mundo sem forma.

> Deus deu à Terra — no princípio não apenas vazia, mas sem forma — uma forma a partir da não-forma. Muitos certamente imaginaram esse fato pelo ponto de vista geográfico, ou seja, de o Criador tê-la feito redonda. Vamos no entanto extrapolar o literalismo, traduzindo forma por projeto. Isto é: a partir do nada, da não-forma. Em sua mente infinita e sábia, Deus idealizou um projeto para a Terra.[10]

2. A Criação do Homem

Ao criar o Homem e inseri-lo no contexto da sua criação, podemos observar que o objetivo de Deus não era somente criar mais um planeta no Universo, mas a existência da humanidade neste planeta também mostra que o Senhor estava estabelecendo um estilo de vida que deveria ser vivido. Podemos ver isso nas orientações que Ele dá ao primeiro homem após criá-lo, colocando-o como o governador-administrador de toda a criação. Deus responsabiliza-o pela manutenção do mundo que Ele criou. O teólogo Von Rad disse que "como seu próprio governador na terra, o homem existe para representar no seu domínio a reivindicação de Deus para a soberania na terra. Cada relacionamento com Deus no mundo, então, resume-se no homem. Nele, o mundo tem a sua conexão mais direta com Deus; nenhuma criatura está mais perto de Deus do que ele. Diante de Deus ele é o centro e o alvo da criação".[11]

2.1. Deus criou o homem à sua imagem

Sabemos que o homem não é igual a Deus em nenhum sentido, nem mesmo fisicamente. A verdade de que o homem é à sua imagem e semelhança só se fixará em nossa mente se levarmos em conta três fatores importantes da imagem de Deus no homem:

a) O homem foi criado como um ser racional

Os animais possuem instinto; já o homem possui raciocínio, a faculdade da razão.

b) O homem foi criado como um ser moral

Quando Deus criou o homem, ele era puro, não havendo nele sombra de imperfeição até que ele pecou.

c) O homem foi criado como um ser em santidade

A formosura e a perfeição do Éden eram símbolos da santidade de Adão, e Deus ali o pôs num conjunto harmonioso sem qualquer defeito ou impureza. Na condição de pai da raça humana, Adão foi criado como o selo da santidade de Deus.

2.2. O papel do homem no mundo que Deus criou

Deus mostrou claramente que tinha um projeto de vida para o homem e que esse projeto incluía a vida humana organizada em sociedade. Essa sociedade, seja no relacionamento conjugal, seja no relacionamento com os outros, seria o fundamento daquilo que posteriormente se tornaria a sociedade civil, pois o homem é a única criatura capaz de formar uma civilização. Nessa relação em sociedade, estavam incluídos a família, a

cultura, o governo e as relações sociais, políticas e econômicas. Cornelius Plantinga afirma que "a boa criação de Deus inclui não apenas a terra e as suas criaturas, mas também uma gama de bens culturais, tais como casamento, família, arte, linguagem, comércio e governo".[12]

O Senhor estava concedendo ao homem a honra de ser participante no mundo criado por Ele, exercendo a capacidade de dominar e sujeitar não como um tirano, mas como alguém responsável em dar continuidade àquilo que Ele havia criado. Sendo assim, o ideal de Deus era que a glória dEle fosse espalhada por todo o mundo por meio do homem e dos seus descendentes e, também, que toda a humanidade vivesse em harmonia uns com os outros — em harmonia com a natureza e, principalmente, em harmonia com o Criador.

II. QUEDA E DEFORMAÇÃO

Embora recebendo todos os atributos que Deus havia-lhe outorgado, o homem pretendeu ir além dos limites que lhe haviam sido estabelecidos. Semelhantemente ao que aconteceu com Lúcifer, o homem quis ser como Deus. A queda do homem era o início da deformação de tudo o que o Senhor havia criado.

1. A Tentação e a Queda

No capítulo 3 do livro de Gênesis, lemos a maneira sutil como Satanás enganou Eva a ponto de ela ceder à sua tentação.

Ao fazer concessões com o inimigo de Deus, o homem conseguiu contaminar-se com o pecado; e, ao ceder à tentação, nossos primeiros pais demonstraram uma profunda desconfiança, ingratidão e egocentrismo. Aquele ato trouxe não somente consequências imediatas a Adão e Eva, como também sobre toda a raça humana que viria depois deles.

2. As Consequências da Queda

A Queda do homem trouxe sérias consequências:

a) Na sua vida pessoal

"[...] temi, porque estava nu, e escondi-me" (Gn 3.10).

b) No relacionamento conjugal

"Então, disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi" (v. 12).

"[...] e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará" (v. 16).

c) No relacionamento com a natureza

"[...] maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos também te produzirá, e comerás a erva do campo" (vv. 17,18).

d) No seu relacionamento com Deus

"O SENHOR Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra, de que fora tomado. E, havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida" (vv. 23,24).

e) No seu relacionamento com o próximo

"E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel e o matou" (Gn

4.8).

Orlando Costas, analisando os impactos sociais da Queda, disse que

> Adão e Eva não só sofreram separação de Deus (Gênesis 3.23, 24) e a ameaça de uma eventual separação física um do outro (Gênesis 3.19), mas seu pecado também causou a maldição da terra e afetou o futuro dos seus próprios descendentes. Portanto, o pecado é um ato de violência não só contra o seu próximo, mas também contra si mesmo. Provoca total alienação de mulheres e homens, pois os separa dos seus próximos, da criação, do seu Criador e de si mesmo.[13]

3. A Deformação do Pecado na Formação das Civilizações

Apesar da Queda, Deus não tira do homem as suas potencialidades e capacidades para levar em frente o mandato cultural. Infelizmente, a partir da Queda, tudo o que o homem iria fazer e construir segundo a sua inteligência e criatividade sempre estaria ameaçado de ser deformado pelo pecado. Por isso, a história da humanidade que se segue é marcada pela corrupção do pecado na vida humana.

Ainda falando sobre a Queda e as suas consequências, a Bíblia registra dois acontecimentos históricos que marcaram o tratamento de Deus com a humanidade. Esses fatos foram caracterizados pela ação do juízo de Deus sobre a corrupção do pecado na vida humana.

O primeiro acontecimento foi o Dilúvio. A Bíblia diz que o pecado da humanidade agravou-se de tal maneira que Deus arrependeu-se de ter feito o homem. Não querendo entrar em questões teológicas do sentido da expressão “Deus se arrependeu”, o fato é que o homem havia decepcionado o Senhor de tal maneira que a única alternativa seria Ele, de alguma forma, purificar a Terra através do Dilúvio, sem, no entanto, extinguir a raça humana, preservando, assim, Noé e a sua família para recomeçar neles um novo processo histórico para a humanidade.

O segundo acontecimento foi a construção da Torre de Babel. Muito embora os homens daquela época tivessem conhecimento do Dilúvio como juízo de Deus sobre o pecado, eles ainda tinham um sentimento de independência e de soberba, pois eles queriam construir uma torre para que ela fosse um símbolo da sua grandeza e, também, para tornarem célebres os seus nomes. Além disso, estavam desobedecendo à ordem de Deus para o primeiro homem (Adão) — a de serem fecundos, multiplicarem-se e encherem a terra. A construção da torre também tinha este propósito: não permitir que eles fossem espalhados pelo mundo criado.

Como todos falavam a mesma língua, sendo esse o principal motivo do sucesso da construção, Deus confundiu o idioma deles, de forma que os construtores já não compreendiam mais uns aos outros; somente as famílias entendiam-se. Sendo assim, eles foram obrigados a espalhar-se, e cada família foi levada a morar em regiões diferentes, dando, assim, início à formação das antigas civilizações.

4. A Deformação do Pecado na Formação das Cidades

É nesse contexto de deformação que também começam a surgir as primeiras cidades de que temos conhecimento na história da humanidade. Como eram frutos dos seus idealizadores, elas também eram marcadas pelas deformações dos seus habitantes.

As cidades em si não são ruins ou corruptas, mas acabam tornando-se centros de impiedade por causa das pessoas que ali moram. Aliás, a degradação de uma sociedade é algo que acontece de cima para baixo, ou seja, inicia-se nos altos escalões da sociedade urbana e vai descendo até o povo, corrompendo-o. Assim sendo, quando uma cidade fica plenamente mergulhada no pecado, não restando nenhum grupo que possa colocar-se entre ela e Deus, essa cidade torna-se alvo da ira do Senhor.

III. MISSÃO E TRANSFORMAÇÃO

Após estudarmos todas as implicações que envolveram a formação e a deformação do mundo e da sociedade que nele vive, vamos agora nos prender no estudo da visão DNA para a transformação da nação, que é a essência do conceito de discipulado de uma nação. Isso é o que o dr. Jun Vencer chama de "A visão DNA – igreja transformando as nações". Esse conceito é baseado nos padrões de transformação de uma sociedade, quando os valores do Reino de Deus conseguem penetrar profundamente nela, levando-a a reconhecer o senhorio de Cristo.

Quando olhamos para a situação de nossa sociedade, podemos constatar claramente que Jesus Cristo não é tido como o Senhor das vidas que aqui vivem, e isso vale até mesmo para os que se consideram cristãos. Mesmo os países de predominância cristã (católicos) e com grande crescimento entre os evangélicos (como é o caso do Brasil), é possível notar claramente que nosso país, apesar disso, não apresenta sinais de mudança nacional. Caso discorde, procure encontrar respostas para as seguintes perguntas:

- Se a Igreja cresce, por que o nível de marginalidade não diminui?
- Se a Igreja cresce, por que o nível de imoralidade não diminui?
- Se a Igreja cresce, por que o nível de violência não diminui?
- Se a Igreja cresce, por que o nível de corrupção política não diminui?
- Se a Igreja cresce, por que o número de divórcios não diminui?

Se você encontrar dificuldades para responder a essas perguntas, então há de convir comigo que precisamos rever alguns de nossos conceitos em relação à nossa identidade como povo de Deus.

Os fundamentos da visão DNA para a transformação da nação estão baseados no livro de Isaías 11.9,10 e 9.3-7, que diz:

> Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar. E acontecerá, naquele dia, que as nações perguntarão pela raiz de Jessé, posta por pendão dos povos, e o lugar do seu repouso será glorioso. Tu multiplicaste este povo e a alegria lhe aumentaste; todos se alegrarão perante ti, como se alegram na ceifa e como exultam quando se repartem os despojos. Porque tu quebraste o jugo que pesava sobre ele, a vara que lhe feria os ombros e o cetro do seu opressor, como no dia dos midianitas. Porque toda a armadura daqueles que pelejavam com ruído e as vestes que rolavam no sangue serão queimadas, servirão de pasto ao fogo. Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do incremento deste principado e da paz, não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora e para sempre; o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto.

Nesses textos, o profeta fala sobre as características do Reino do Messias e da sua influência sobre a terra. Porém, antes de falar sobre essas características, o profeta apresenta a situação lamentável de Israel e Jerusalém por causa dos seus pecados. E o quadro apresentado por Isaías também serve para analisarmos a realidade de nossa sociedade contemporânea à luz do texto bíblico de Isaías 1.4-8:

> Ai da nação pecadora, do povo carregado da iniquidade da semente de malignos, dos filhos corruptores! Deixaram o Senhor, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás. Porque seríeis castigados, se mais vos rebelaríeis? Toda a cabeça está enferma, e todo o coração, fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres, não espremidas, nem ligadas, nem nenhuma delas amolecida com óleo. A vossa terra está assolada, e as vossas cidades, abrasadas pelo fogo; a vossa região, os estranhos a devoram em vossa presença; e está devastada, como em uma subversão de estranhos. E a filha de Sião se ficou com a cabana na vinha, como a choupana no pepinal, como cidade sitiada.

1. A Inserção dos Valores do Reino de Deus para a Transformação da Sociedade

Se quisermos ver nossas cidades e, consequentemente, nossa nação transformada, precisamos urgentemente nos voltar para o tema “Reino de Deus” — diga-se de passagem, esse é um assunto pouco mencionado nos púlpitos de nossas igrejas. Essa é a razão por que estamos vendo uma

secularização do cristianismo contemporâneo no mundo ocidental, pois ele tem sido moldado pelo sistema dominante em nossa sociedade. Sendo assim, ficamos cada vez mais distantes dos fundamentos do Reino de Deus que devem nortear a ação da igreja.

> Pois a igreja é a "comunidade escatológica da aliança". Sendo uma comunidade, ela tem uma aliança de viver pela lei de Deus sob o governo de Cristo, o Cabeça da igreja (Efésios 1.22). A igreja está sob o governo ou reinado de Deus. No contexto do reinado divino, é necessário examinar mais de perto os ensinos bíblicos a respeito do Reino de Deus. Porque a igreja é *ekklesia* (uma assembléia) e basiléia (governo ou reino de Deus). A igreja é a comunidade do Reino; é tanto a referência primária quanto a principal agência para se discipular as nações.[14]

Nesse aspecto, alguém pode perguntar se é possível experimentarmos os valores do Reino de Deus no atual momento em que estamos vivendo. A resposta é que, embora não o experimentemos na totalidade da sua plenitude, podemos experimentá-lo agora como um vislumbre daquilo que será a sua manifestação plena no futuro. Isso é o que os teólogos chamam de a dialética do Reino "o já e o ainda não".

2. Os Fundamentos da Visão DNA – Transformando Nações

O profeta Isaías fala dos padrões de transformação de nossa sociedade a partir dos valores do Reino de Deus. Esses padrões constituem-se a essência da visão DNA para a transformação da nação, conforme nos mostra o dr. Jun Vencer:

> Gostaria de aventurar-me por esta visão. Em uma comunidade ou país onde o Cordeiro é o centro da vida ou onde os valores do Reino estejam inculturados nas pessoas e instituições, nesta comunidade ou país haveria suficiência econômica, paz social, justiça pública, retidão nacional e um crescente reconhecimento de Jesus como Soberano.[15]

2.1. Influência cristã

Segundo Jun Vencer, uma nação que é verdadeiramente discipulada é aquela em que Jesus Cristo torna-se o seu Senhor em todas as esferas. Baseado nesse padrão, ele mostra-nos quais devem ser as ações de toda igreja que deseja ser parceira de Deus na transformação da sua nação por intermédio da sua influência na sociedade onde está inserida:

a) Pregar o Evangelho a todas as pessoas

Isso significa uma comunicação evangelística dirigida pelo Espírito Santo, sistemática e sustentada em casa e no exterior.

b) Plantar uma igreja local viável e cheia de vida em todos os povoados ou grupos de pessoas

Onde Cristo está, ali também está a glória de Deus. Em particular, Cristo está presente onde estiverem reunidas duas ou três pessoas em seu nome (conforme Mateus 18.20). Essa é a presença nuclear da Igreja em uma localidade específica.

c) Discipular cada crente para que este viva conforme todos os ensinamentos do Senhor

Deve haver solidez ou maturidade entre o povo de Deus. Sem tal fortalecimento de mente e espírito, o povo pode ser desencorajado e marginalizado. A Palavra e o Espírito de Deus tornam-se indispensáveis nesse processo. A obediência cristã, contudo, é essencial para conhecer ao Senhor e crescer no Espírito.

d) Dar forma ao Reino de Deus em sua nova comunidade

Se quisermos ter uma sociedade ideal, deve haver um testemunho cristão muito cheio de vida em nossa sociedade. Não é suficiente termos igrejas plantadas em nossas cidades. Essas igrejas devem estar reavivadas, vivas e vivenciando o seu testemunho para as suas comunidades. Elas devem ser o centro catalisador da vida integral, uma igreja na qual as bênçãos do Reino são desfrutadas e compartilhadas com a comunidade à qual são chamadas a servir.

e) Mediar os valores do Reino na sociedade mediante vocações transformadoras

O testemunho para a sociedade torna-se uma consequência natural na vida de um crente, assim como o calor pertence ao fogo. Esse testemunho é, muitas vezes, uma contracultura. A afirmação de que "Jesus é Senhor" é uma reivindicação única e universal.

f) Compartilhar as bênçãos do Reino de Deus com todas as nações do mundo

A intenção de Deus não é apenas a de abençoar uma nação. Ele tem um plano não apenas para as suas criaturas, como também para a sua criação. O Senhor espera que a sua Igreja cresça e que se expanda, que seja abençoada e que compartilhe essas bênçãos.

2.2. Suficiência econômica: "Como se alegram na ceifa e como exultam quando se repartem os despojos".

Duas metáforas são utilizadas por Isaías, que são o regozijo pela colheita e aqueles que tomam posse dos despojos da guerra. Essas são linguagens que falam sobre a suficiência econômica para que as necessidades sejam supridas.

Embora o ideal de Deus seja a inexistência de pobres entre nós (Dt 15.4), infelizmente essa é uma triste realidade que atinge nossa sociedade contemporânea. A pobreza não é um caso isolado em algumas partes do mundo, mas atinge todos os países, e muitos possuem altos índices de pobreza e miséria, onde os seus habitantes não têm nenhuma perspectiva de melhorias socioeconômicas para viverem a vida normal de um ser humano. O que mais nos impressiona neste quadro de calamidade é que a pobreza que atinge as massas é o resultado de sistemas políticos e econômicos corruptos, malignos e opressores, pois o planeta produz bens, riquezas e alimentos suficientes para dar uma vida digna a todas as pessoas que vivem nele.

Quando falamos em suficiência econômica, não estamos dizendo que todos devem ser ricos, pois, além da corrupção política, também existem outras variáveis que podem produzir a pobreza. Mas, com suficiência econômica, refiro-me ao fato de que não podemos permitir que uma pessoa, por mais pobre que ela seja, não tenha condições de suprir as suas necessidades básicas.

No decorrer da História, a Igreja tem tomado muitas iniciativas para amenizar o sofrimento dos pobres, desde um assistencialismo imediato até o desenvolvimento de projetos sociais contínuos. No entanto, precisamos de um engajamento maior para trabalhar em prol de uma justiça pública transformadora, influenciando nossa sociedade com os valores éticos do Reino de Deus, para diminuir o índice de corrupção em nossa sociedade. Também precisamos trabalhar dentro de uma perspectiva de ação social que possibilite ao pobre não apenas receber doações, mas, acima de tudo, levá-lo a reconhecer o valor do trabalho e, assim, proporcionar oportunidades para que ele desenvolva as suas habilidades e, por meio do seu próprio

trabalho, possa sair da sua condição de miséria e adquirir a sua suficiência econômica.

Voltaremos a falar mais especificamente nesse assunto no capítulo 7, que trata da missão integral.

2.3. Paz social: "Príncipe da Paz. Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim".

O terceiro fator transformador é a paz social. Embora os líderes das nações busquem cada vez mais a paz e a tranquilidade para aqueles que moram dentro das suas fronteiras, parece que ela é algo cada vez mais distante. Apesar de a principal responsável pela falta de paz ser a guerra, quando nos referimos à paz social, não estamos pensando somente em um cessar-fogo, mas também no bem-estar em todos os aspectos fundamentais da vida humana.

No texto de Isaías que estamos estudando, o profeta, quando se refere ao Messias, diz que Ele é o Príncipe da Paz e que o seu domínio será caracterizado pela paz sem fim.

Jun Vencer fala sobre quatro fatores que compõem o ideal da paz social:

a) A paz social é um fator-chave para a erradicação da pobreza

Havendo paz social em uma nação, ela poderá ser uma nação potencialmente capaz de atrair investimentos para o seu território.

Um fator-chave para o desenvolvimento de muitos países é a sua habilidade de atrair investimentos, capital externo de risco para desenvolver a economia. Os investimentos não vão fluir em direção aos países com tensões sociais. A paz social é um pré-requisito para o crescimento econômico. Será que a fé evangélica pode contribuir para a construção de uma nova ordem que se aproxime do Reino de

Deus? A resposta é “sim”. Na verdade, a Igreja é chamada como parceira primária de Deus para concretizar essa ordem que certamente está por vir.

b) Uma paz social duradoura começa com a paz com Deus

O Messias, nosso Senhor Jesus, é o Príncipe da Paz. O seu governo real será estabelecido de maneira não violenta. Será pelo Evangelho da paz, e isso é fundamental. Devemos chamar homens que têm estado alienados de Deus (conforme Rm 3.23,24) para que sejam reconciliados com Ele através de Cristo Jesus.

c) A paz com Deus leva à paz com nosso próximo

Mais do que qualquer outro grupo dentro de uma nação, a igreja evangélica terá uma vantagem decisiva no ministério da reconciliação: os seus membros são chamados para ser pacificadores (Mt 5.9). A longa caminhada para a paz social começa nas igrejas. O ministério de reconciliação deve trabalhar ali ou, então, estamos desqualificados como árbitros da paz em nossas sociedades. A Igreja, como a comunidade do povo reconciliado com Deus pela graça, deve tornar-se embaixadora da paz onde existem tensões. Verdadeiramente, ela deve seguir os passos do Príncipe da Paz.

d) Paz com o meio-ambiente

Deus selou uma aliança de bênção com Noé, os seus descendentes e com toda criatura viva (Gn 9.10). Deus deseja que a sua abundância seja experimentada por todas as suas criaturas. Isso significa provisões adequadas, boa saúde e liberdade. Ele espera que o seu

povo celebre a vida e regozije-se nEle. No entanto, tudo isso exige que o ar não esteja poluído; que os lagos e mares não sejam depósitos de lixo industrial; que a água seja potável; que haja uma cobertura de florestas suficiente para prevenir a erosão do solo e a proteção de mananciais; que os recursos naturais sejam usados cuidadosamente; que a ganância não destrua as espécies de peixes e torne nossos animais extintos; que as ruas não estejam cheirando mal pelo lixo não coletado e que a terra seja mantida fértil enquanto passa de uma geração para outra. Não devemos ser apenas os guardiões de nossos irmãos e irmãs. Devemos também ser bons jardineiros e bons vice-regentes de toda a criação.

2.4. Justiça pública: "No seu reino, para o estabelecer e o fortificar em retidão e em justiça, desde agora e para sempre".

A justiça é algo essencial para a manutenção da ordem em uma sociedade. As anarquias e o autoritarismo, que sempre fizeram parte da sociedade civil, é resultado da injustiça e da impunidade. A justiça é o princípio judicial da equidade; é tratar casos semelhantes da mesma maneira e fazer com que a recompensa e a punição sejam apropriadas à gravidade do ato.

A justiça é um dos valores do Reino de Deus mais esquecido e menos anunciado pela Igreja, embora a Bíblia seja enfática em dizer que o reinado do Messias será de paz, mas também de justiça.

Jun Vencer, que também é formado em Direito, diz que a justiça pública é baseada em dimensões essenciais.

a) Legislação equitativa e justa para todos

Todas as leis declaram, diretamente ou por implicação, que um comportamento é correto, e o seu oposto é errado. Em outras palavras, todas as boas leis são leis justas, e legislar a justiça é legislar a moralidade. Como assegurar a justiça é, na verdade, a função primária de nosso governo; legislar a moralidade é não apenas constitucional, mas também inevitável e necessário. A única questão é "qual moralidade deve ser legislada?".

b) A justiça é concebida como reparação

Processos de reparação são cruciais na administração da justiça. Se o processo reparador é violado, então não pode haver uma ampla proteção para os direitos da pessoa.

c) A justiça inclui penalidades

Para que a justiça exista, a penalidade da lei deve ser igualmente aplicada sobre os culpados, sejam eles ricos, sejam pobres, e independentemente de quem eles conhecem ou não. Além disso, deve ser correspondente à ofensa. As bênçãos de Israel sob Davi (e outros reis) eram devidas à sua administração de justiça — para todas as pessoas (1 Cr 18.4).

2.5. Retidão nacional

O último padrão para a transformação é a retidão nacional. Para que uma sociedade seja justa e pratique a justiça, ela também deve possuir retidão, pois a justiça e a retidão são elementos fundamentais da moral e da ética do Reino de Deus.

Para Jun Vencer, a retidão nacional possui cinco questões fundamentais:

Em primeiro lugar, a moralidade é o valor fundamental para que o cristianismo possa influenciar uma sociedade imoral.

Em segundo lugar, surge uma problemática. É que, embora a moral cristã seja algo importante para uma sociedade, ela não pode ser imposta a essa mesma sociedade em forma de legislação, pois a lei pune o ato criminoso, mas não as motivações internas do infrator.

Em terceiro lugar, Vencer diz que, para que a moralidade cristã bíblica influencie nossa sociedade, a Igreja deve, por meio de palavras e obras, demonstrar os valores morais do Reino de Deus para que eles sejam assimilados pela nossa cultura secular.

Em quarto lugar, para que as pessoas possam viver uma vida de retidão num mundo de pecado, precisam analisar os seus atos pecaminosos não apenas como falhas humanas, mas também como resultados de uma natureza pecaminosa que acompanha a raça humana desde a Queda. Por isso, os pecadores devem saber que precisam ser transformados pelo poder de Cristo mediante o arrependimento dos pecados. Dessa forma, esses pecadores serão justificados, perdoados, regenerados e transformados em novas criaturas para a glória de Deus.

E, em quinto lugar, a retidão individual produzirá atos de retidão coletiva e nacional, pois a transformação que o Evangelho produz no interior do ser humano será estendida aos seus atos externos nas suas relações sociais.

> A retidão se expressa em termos de misericórdia mostrada aos pobres (conforme Mateus 6.1,2 e 2 Coríntios 9.9,10). Esta inferência é tirada do fato de que em um mundo caído, com falta gritante de retidão, o próprio Deus deve se tornar o protetor e vingador dos oprimidos. Isto pode incluir libertação política, como no êxodo (Êxodo 9.27); e libertação espiritual, como na redenção do pecado e do cativeiro do diabo. O Evangelho é o poder de Deus para a salvação e a revelada justiça de Deus (Romanos 1.16,17). Deus declara retos aqueles que têm fé em Jesus (Romanos 3.24).[16]

Como o leitor pode perceber, todos esses padrões estão interligados e são a base do perfil do governo do Messias. Se quisermos ser fiéis à nossa

missão urbana, devemos obedecer a esses padrões para que nossas cidades sejam lugares de regozijo. “Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, gozo” (Is 65.18).

---

[9] CARRIKER, Timóteo. Missão Integral. São Paulo: Sepal, 1992, p. 13.

[10] CAVALCANTI, Robinson. Igreja: Agência de Transformação Histórica. Niterói: Vinde, 1987, p. 11,12.

[11] CARRIKER, Timóteo. Missão Integral. São Paulo: Sepal, 1992, p. 19.

[12] Apostila Igreja Transformando as Nações. p. 6

[13] CARRIKER, Timóteo. Missão Integral. São Paulo: Sepal, 1992, p. 26.

[14] VENCER, Jun. Leadership Development. Colorado Springs: DAWN, 2002.

[15] *Ibidem*.

[16] *Ibidem*.

3 A Igreja na Cidade

Como vimos nos capítulos anteriores, a realidade de nossas cidades é um contraste em relação ao ideal de Deus para as mesmas. Neste capítulo, procurarei discorrer sobre como a igreja poderá ser um agente de Deus para a transformação da cidade para que, por meio dela, os valores do Reino de Deus possam influenciar a sociedade urbana.

I. MODELOS DE IGREJAS EXISTENTES NA CIDADE

Começaremos analisando os vários modelos predominantes de igrejas que existem em nossas cidades. Vários modelos eclesiásticos e diversas maneiras de ser igreja têm surgido em nossos dias no contexto urbano. Em meio a essa diversificação de igrejas que têm surgido, precisamos entender se esses modelos de igreja têm correspondido às necessidades e urgências missionárias da cidade ou se têm sido apenas modelos eclesiásticos em que somente os seus fiéis estão sendo beneficiados sem nenhum compromisso transformador para a sociedade.

Peter Savage, citado por Howard Snyder,[17] apresenta quatro modelos de igrejas que operam no nível popular.

1. A Igreja-Auditório

Segundo Savage, essa é a igreja em que os crentes vão simplesmente para ouvir uma pregação ou um estudo bíblico, mas que não conseguem traduzir de forma prática aquilo que ouvem e não produzem nenhum impacto na sociedade em que estão inseridos.

2. A Igreja-Teatro

É onde os fiéis reúnem-se para assistir a alguns dramas ou representações, principalmente nestes dias em que muitas igrejas viraram mais palcos de encenações do que lugar de adoração.

3. A Igreja-Corporação

Essa já é uma igreja eficiente e altamente orientada para programas; são peritas em analisar o mercado evangélico para vender às massas os produtos sagrados. Nesse modelo de igreja, os seus pregadores são treinados mais para vender o sagrado do que para pregar o Evangelho da graça. Isso é o que Leonildo Campos chama do "encontro entre o púlpito-altar" e "balcão de milagres".

4. A Igreja-Clube Social

Por fim, a igreja-clube social é o lugar em que os cristãos vêm para suprir as necessidades uns dos outros e passar alguns momentos juntos sem maiores preocupações com quem está de fora.

II. AS LIMITAÇÕES DESSES MODELOS ECLESIAIS NO ALCANCE DA CIDADE

Todos esses modelos de igrejas podem até servir para os seus membros, mas não produzem nenhum tipo de impacto na cidade onde estão presentes. Tais modelos apresentam várias limitações que não permitem a essas igrejas serem relevantes para a vida urbana. Vejamos essas limitações:

1. Limitações Estruturais

As limitações estruturais acontecem quando, geralmente, a estrutura de uma igreja local está limitada somente ao espaço geográfico em que se encontra, onde o centro é o espaço litúrgico — o templo. Anexas ao templo, estão as outras dependências compostas por salas que abrigam a administração da igreja, salas para os departamentos e também para a educação religiosa. Poucas são as igrejas que possuem outras estruturas ou locais onde se possam realizar outras atividades que não são especificamente para os membros, com o propósito de servir a cidade.

2. Limitações Pastorais

As limitações pastorais nessas igrejas podem ser percebidas pelas atividades dos seus pastores, cujo ministério gira em torno dos fiéis da igreja. Esse pastor tem uma agenda apertada para poder atender todas as demandas administrativas e espirituais que a igreja local exige. Espera-se desse pastor que ele seja quase onipresente, estando em vários lugares quase que ao mesmo tempo, e que seja quase onipotente, isto é, que tenha o poder e a capacidade para fazer todas as coisas que lhe exige a igreja, pois ele é pago para isso.

3. Limitações Ministeriais

Uma igreja introspectiva também esbarra nos seus limites ministeriais. Por ser uma comunidade que vive em torno de si, não possui muitos ministérios que são voltados para os de fora. Além disso, os ministérios existentes são iniciativas isoladas dos membros, mas que muitas vezes não são ministérios integrados à igreja como sendo dela e, muito menos, mantidos financeiramente por ela. Diga-se de passagem, esses ministérios são tolerados até o momento em que não se ofereça algum tipo de ameaça ao comodismo da igreja. Isso tudo faz com que a igreja torne-se uma ilha

isolada dentro da cidade, vivendo num mundo e numa realidade totalmente alienada da realidade urbana que a cerca.

4. Limitações de Integração

E, por fim, esses modelos de igrejas também possuem uma limitação de integração pela ineficiência que possuem em atingir os grupos urbanos e integrá-los a elas. Muitas vezes, essas igrejas não conseguem comunicar nada ao mundo urbano, principalmente a essa geração emergente que está surgindo na cidade. Essa é a razão por que realmente ocorrem evasões de membros procurando outras comunidades mais contextualizadas ou outras espiritualidades que os ajudem a resolver os conflitos que são próprios do mundo urbano e que também comunique algo significativo para as suas vidas.

III. PROPOSTAS PASTORAIS PARA UMA AÇÃO ECLESIAL TRANSFORMADORA NA CIDADE

1. A Tensão entre Igreja e Cidade

Percebo muitas vezes que existe certa tensão entre igreja e cidade e, não raro, uma opondo-se à outra. Como povo de Deus na cidade, precisamos, além de conhecê-la, dialogar com ela sobre as grandes questões que fazem parte da vida urbana para descobrirmos onde poderemos ser úteis para o seu bem-estar. Para que isso aconteça, precisamos vencer nossas tensões em relação à nossa própria cidade, pois, se fomos colocados nela pelo próprio Deus, Ele espera que sejamos agentes de transformação nela. Jorge Barro[18] fala de algumas posturas que a igreja tem assumido em relação à cidade ao longo dos anos. Vejamos algumas delas:

a) Igreja-contra-a-cidade

Essa é uma postura que a igreja assume quando se relaciona com a cidade de maneira negativa e pessimista.

b) Igreja-da-cidade

Essa é a igreja que, ao assumir uma postura mais positiva em relação à cidade, acaba sendo absorvida por ela, perdendo, assim, a sua identidade de igreja.

c) Igreja-acima-da-cidade

Essa é a igreja que assume uma postura de alienação, somente pensando nas coisas da eternidade, desconectados com a vida real da cidade.

d) Igreja-a-favor-da-cidade

Essa é uma igreja que participa ativamente das questões da cidade; no entanto, não possui, como diz Barro, "um senso crítico e profético, sem discernir o bem e o mal na cidade".

e) Igreja-na-cidade

Essa é uma igreja que está geograficamente presente, mas que é alienada das questões da vida urbana que a cerca.

Após citar essas tensões entre igreja e cidade, Jorge Barro faz uma proposta em que devemos ser uma igreja-com-a-cidade. Para explicar essa postura que devemos ter em relação à cidade, ele propõe-nos cinco maneiras:

a) Desenvolver o ministério profético

Esse ministério profético é uma postura que temos de assumir, posicionando-nos contra toda

> impunidade da cidade, contra toda injustiça social promovida pela cidade. Contra toda idolatria da cidade. Contra o descaso para com os oprimidos, os menores nas ruas, o abandono dos aposentados e coisas semelhantes. Somos contra o mau uso dos recursos públicos [...].[19]

> Barro salienta que devemos ser contra não somente por ser contra, mas porque o Evangelho é contra essas práticas. Com isso, ele quer dizer que nossa postura de denúncia só é legítima enquanto denunciar aquilo que é reprovado pela Palavra de Deus, pois a igreja posiciona-se muitas vezes contra questões tão efêmeras e acabamos deixando de lado as questões mais sérias. E, como disse Jesus, "coamos um mosquito e engolimos um camelo".

b) Estar encarnada na cidade

Isto é, estar inserida no contexto urbano ao qual faz parte. Sobre essa postura de inserção, falarei no capítulo 5, ao tratar do tema "evangelização contextual".

c) Trazer a esperança do porvir para o agora

Isso está relacionado à nossa escatologia, pois muitos cristãos, quando veem as desgraças que acontecem no mundo, têm certo sentimento de satisfação, pois, se essas coisas acontecem, é sinal de que Jesus Cristo está voltando. Mas a questão é: quem é que vai enxugar as lágrimas daqueles que sofrem, trazendo-lhes esperança em meio ao caos em que vivem nossas cidades? A igreja, nesse caso, deve ser uma agente de esperança, trazendo a alegria e a esperança da Nova Jerusalém para nossas cidades atuais.

d) Ter uma visão positiva e inspiradora em relação à cidade

Nesse aspecto, Barro diz que muitas vezes conseguimos até trabalhar com as pessoas marginalizadas e que sofrem com a injustiça da cidade, mas, segundo ele, temos dificuldade de alcançar aqueles que se dão bem e que vivem uma boa vida na cidade. Por isso, precisamos não somente enxergar as mazelas da cidade, como também as coisas boas que ela possui, além de ocuparmos esses lugares e irmos ao encontro das pessoas que os frequentam.

e) Assumir a geografia que nos foi dada por Deus

Em último lugar, Barro desafia-nos a ocupar a geografia em que nos inseriu o Senhor Deus. Aqui, ele alerta-nos para não sermos uma igreja como as cidades-dormitório, onde os moradores passam a maior parte do tempo fora não somente da sua localização, como também da sua vida. Nessas igrejas "dormitórios", as pessoas que as frequentam são os membros, mas, após o culto, os membros voltam cada um para o seu bairro, não se comprometendo missionariamente com o bairro onde está o templo.

IV. ESTUDO DE CASO: CARACTERÍSTICAS DE UMA IGREJA URBANA RELEVANTE

Robert Linthicum,[20] que vem desenvolvendo há vários anos um ministério de capacitação para igrejas urbanas, relata no seu livro *Revitalizando a Igreja* uma pesquisa que ele realizou com 39 igrejas urbanas eficazes em países de vários continentes, inclusive o Brasil. Ao fazer essa pesquisa, ele pôde detectar alguns fatores em comum nessas igrejas que as tornavam eficazes nas suas missões na cidade.

É interessante observar que, na sua pesquisa, Linthicum descobriu que os mitos estratégicos do crescimento de igreja não poderiam ser aplicados a

essas igrejas.

1. As Igrejas Apresentavam Distinções umas das outras

a) Eram igrejas multiformes

As igrejas pesquisadas não eram uniformes, principalmente na sua teologia. Elas representavam várias tradições teológicas. Isso nos mostra que não há uma espiritualidade específica e nem mesmo um estilo de igreja perfeita que tenha a chave do crescimento. Isso também reforça a teologia paulina de que a igreja é a multiforme sabedoria de Deus.

b) Possuíam uma liderança multiforme

O crescimento não poderia ser especificamente atribuído a um perfil de liderança, pois os líderes dessas igrejas também eram multiformes, tanto no aspecto social quanto ao conhecimento acadêmico e teológico. Linthicum descobriu que o principal papel desses líderes era treinar, motivar e inspirar essas igrejas no cumprimento da sua missão na cidade.

c) As suas instalações e a localização geográfica eram multiformes

Isso é interessante, pois muitas vezes atribuímos o crescimento da igreja a esses fatores, só que, quanto às igrejas pesquisadas, umas estavam nos grandes centros, enquanto outras, nas favelas; umas tinham lindas e confortáveis estruturas, outras funcionavam em simples instalações. Ele salienta que a maioria nem tinha “cara” de

igreja, pois se encontravam em armazéns ou em casas. No entanto, todas elas eram igrejas eficazes na missão urbana.

Depois de detectar as distinções entre essas igrejas, Linthicum fala sobre o que elas tinham em comum.

2. As Igrejas Tinham Fatores em Comum

a) Foco missionário específico

Essas igrejas não se preocupavam em ser tudo ou fazer todas as coisas, mas concentravam-se em algum ministério específico e aproveitavam o potencial dos seus membros. No cumprimento desse foco missionário, George Barna disse:

> As igrejas bem-sucedidas resistem ao impulso de ser a resposta para todos os problemas, mas enfocando a sua atenção sobre o ministério, reafirmando sua dedicação à qualidade e reconhecendo as suas próprias limitações.[21]

b) Perspectiva missionária equilibrada

As igrejas tinham uma perspectiva missionária equilibrada, praticando a evangelização tanto por meio do testemunho dos seus membros como por meio de obras de justiça e ação social, ajudando aos necessitados. Os membros não viam a obra como uma responsabilidade do pastor ou dos "profissionais", mas sabiam que era uma responsabilidade de cada um deles.

c) Criavam meios capacitadores para os membros

Essas igrejas perceberam que, para alcançar os seus objetivos missionários, precisariam também criar os meios para que os membros/ministros fossem capacitados para cumprir os seus ministérios. Então, essas igrejas eram estruturadas para serem mais

do que um lugar de adoração, mas, principalmente, um centro de treinamento, pois o seu foco não era satisfazer os de dentro, mas, sim, alcançar os de fora.

3. Ponto de Vista Pastoral em Relação à Relevância das Igrejas no Contexto Urbano

Ao conversar com os pastores das igrejas pesquisadas, o autor descobriu três fatores que, do ponto de vista desses líderes, fazem uma igreja ser relevante no contexto urbano.

a) Fugir da institucionalização

O primeiro fator é que esses líderes tentavam fazer o máximo para que as igrejas não se institucionalizassem, mas que se tornassem um movimento. Linthicum diz que um dos problemas que levam muitas igrejas a perder a sua dinâmica é que elas tentam preservar-se como instituição, perdendo, dessa forma, a visão do crescimento para fora das suas estruturas. Quando isso acontece, inevitavelmente a tentativa de preservar a instituição levará à extinção, pois o movimento acaba sendo pego pelo institucionalismo. Se, por outro lado, a igreja concentrar-se em cumprir a sua missão, ela automaticamente também fortalecerá a sua instituição.

Linthicum também enfatiza que não é uma atitude correta tentar cumprir a missão e ganhar vidas, de forma a tentar suprir as suas necessidades, apenas buscando o crescimento e preservação da igreja. As pessoas que estão sendo agregadas a ela perceberão isso. Ele diz que nosso interesse por elas deve ser, em primeiro lugar, investir nossa vida e ministério proclamando e vivendo o Evangelho em meio

às dificuldades do ambiente urbano. Isso atrairá essas pessoas pela genuinidade da missão.

b) Possuir estruturas funcionais

Em segundo lugar, na opinião daqueles pastores, as igrejas que desejam ser relevantes na cidade precisam abandonar a estrutura tradicional de possuírem um ministério concentrado na operação de programas. As igrejas pesquisadas não tinham estruturas complexas, com vários departamentos ou comissões, mesmo possuindo milhares de membros. O máximo que possuíam era uma comissão que assumia a responsabilidade formal pelo governo da igreja. Linthicum reforça a tese desses pastores, dizendo, por experiência própria, ao mencionar uma igreja que ele mesmo pastoreou. Segundo ele, uma igreja cheia de departamentos acaba possuindo muitos programas para suprir as necessidades (e, muitas vezes, vaidade) dos seus membros. Com isso, gasta-se muita energia para suprir essas necessidades, restando muito pouco ou quase nada para cumprir a sua missão. Para Linthicum, o trabalho interno da igreja deve ser feito por aqueles que são vocacionados para tal, e não aqueles que são eleitos ou escolhidos para ocupar os cargos da instituição.

c) Descobrir e treinar os vocacionados

Em terceiro lugar, os pastores entrevistados disseram que, para descobrirem quem são as pessoas vocacionadas tanto para assumirem as responsabilidades internas da igreja como para o cumprimento da missão, toda igreja urbana deve criar meios para que cada membro descubra o seu ministério. E, ao descobrirem onde Deus quer que eles sirvam, esses membros devem ser treinados no exercício da sua

vocação. Linthicum ressalta que a liderança de uma igreja local deve dar prioridade na capacitação dos seus membros e que as igrejas estudadas eram muito iguais nesse aspecto, embora fossem distintas em diversos outros. Os membros eram capacitados a desenvolver os seus ministérios, tendo como foco não a igreja em si, mas o fato de descobrirem que os seus ministérios foram-lhes dados para servirem aos de fora.

4. Estratégias Missionárias para os Vocacionados

Linthicum também descobriu que os líderes não somente procuravam ajudar os membros a descobrir a sua vocação, como também criavam estratégias missionárias para que fossem desenvolvidas pelos membros.

a) Grupos de missão

Nesses grupos de missão, os membros envolvidos são aqueles que se sentem chamados para exercer aquele ministério. Dentro desses grupos, os membros elaboram planos e estratégias para cumprirem a sua missão, alcançando os perdidos por meio de várias atividades missionárias. Não somente isso, mas o grupo desenvolve um forte vínculo comunitário. Eles também ministram uns aos outros mediante reuniões de oração, estudos bíblicos e retiros espirituais.

b) Pequenos grupos com reuniões nas casas

Outra estratégia que essas igrejas utilizavam era os pequenos grupos com reuniões nas casas. Muitas das igrejas entrevistadas funcionavam literalmente estruturadas em células caseiras. Todavia, o objetivo dessas igrejas não era ficar ministrando prioritariamente aos cristãos, mas o foco era alcançar o bairro onde os grupos faziam as

suas reuniões. As atividades dessas igrejas eram o evangelismo, a ação social e o envolvimento político com o propósito de transformar o bairro e, consequentemente, a cidade pelo poder do Evangelho.

c) Grupo de pessoas

Outro enfoque estratégico era o grupo de pessoas que possuíam características semelhantes. Dentro da linguagem urbana, chamamos de tribos urbanas, e não somente as tribos, mas também os grupos sociais compostos por pessoas que são, de certa forma, homogêneos.

d) Organização comunitária

E, por último, essa também era a estratégia usada por várias das igrejas pesquisadas para que os seus membros desenvolvessem os seus ministérios.

> Organização comunitária é o processo pelo qual as pessoas de uma área urbana se organizam para tomar conta de sua situação e assim desenvolvem a idéia de ser uma comunidade. É uma ferramenta particularmente eficaz para os pobres e a classe média, na qual eles identificam para si mesmos as ações que precisarão para lidar com as forças essenciais que estão destruindo sua comunidades e sociedade.[22]

Na organização comunitária, a igreja é a agente de mobilização, que, mediante a reflexão ética da Palavra de Deus, passa a mobilizar a sua comunidade a agir para transformar a sua situação, levando essa mesma comunidade a comprometer-se com essa transformação.

5. Os Meios Capacitadores

Além de todas essas estratégias, os líderes das igrejas também desenvolveram meios para promover a capacitação dos seus membros no cumprimento da sua missão.

a) Cultos inspiradores

Segundo Linthicum, os líderes viam nos cultos um momento especial para treinar, motivar e inspirar os membros a permanecer desenvolvendo os seus ministérios.

b) Educação cristã

Esses líderes percebiam que, para que os ministérios produzissem resultados duradouros, precisariam estar bem fundamentados teologicamente. Por isso, cada uma das igrejas pesquisadas possuía um programa educacional para prover o treinamento formal dos membros.

c) Estruturas que facilitassem a execução da missão

Embora fossem simples, essas igrejas tinham uma estrutura que possibilitava o cumprimento da missão. Elas não eram construídas para si mesmas, mas para cumprir a missão. Isso é o que podemos chamar de igrejas estruturalmente missionárias.

V. IGREJA: A ESPERANÇA DA CIDADE

Quero encerrar este capítulo contando o relato feito pelo pastor Bill Hybels, líder da Comunidade da Willow Creeck, na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, no seu livro *Liderança Corajosa*.

Bill fala sobre a visita que ele fez à cidade de Nova York poucos dias depois dos atentados às torres gêmeas do World Trade Center, no dia 11 de setembro de 2001. Hybels conta que uma coisa é ter ouvido falar ou ter visto pela televisão, e outra coisa é ter estado lá e ter visto de perto os resultados daquela tragédia que abalou o mundo. Ele viu de perto os

guindastes que tiravam os destroços de concreto, os bombeiros com as mãos cheias de bolhas e sangrando, que procuravam supostos sobreviventes com muito cuidado. Ele também viu o desespero dos parentes das vítimas, com fotos dos seus entes queridos e que tinham alguma esperança de encontrá-los com vida. Naqueles dias, veio ajuda de todas as partes e de várias instituições, todas com o intuito de ajudar a amenizar a dor que aquelas pessoas sentiam por terem perdido pessoas que muito amavam. Contudo, diante de todas as atitudes de solidariedade, o que mais chamou a atenção do pastor Hybels foi algo que não foi divulgado nem por rádio, jornal ou televisão, mas que foi um fator primordial para ajudar aquelas pessoas. Vejamos o seu relato sobre esse fato.

> Mas, trabalho de um tipo mais profundo estava ocorrendo nos bastidores do centro de Manhattan naqueles dias. Enquanto muitos pastores e voluntários de igrejas se ajuntavam às ações de caridade, ajudando a suprir as necessidades físicas e materiais, eles também iam além disso — muito além. Simples cristãos, como eu e você, sentavam-se em restaurantes, prédios de escritórios e abrigos temporários, dirigindo uma palavra com coragem e sensibilidade às profundas questões da alma. Reunindo-se individualmente e em pequenos grupos, choravam e oravam com as pessoas. Eles ouviam. Eles abraçavam. Eles tranqüilizavam. Isso aconteceu durante vinte e quatro horas por dia a fio. Esta foi a história ignorada pela mídia, o clipe que nunca conseguiu chegar à rede de notícias. Enquanto muitas organizações primorosas cuidavam das necessidades externas das pessoas, a igreja estava lá para realizar o que somente ela está equipada para fazer: oferecer cura às almas profundamente feridas.[23]

Após acompanhar toda aquela ação dos cristãos, Hybels diz que fortaleceu ainda mais no seu coração o fato de a igreja ser a esperança para uma sociedade em crise:

> A igreja possui uma missão absolutamente única para cumprir neste planeta e o futuro da sociedade depende largamente de os líderes das igrejas compreenderem ou não essa missão e de mobilizarem suas congregações em função dela.[24]

[17] SNYDER, Howard. A Comunidade do Rei. São Paulo: ABU, 2004, p. 33, 34.

[18] BARRO, Jorge Henrique. O Pastor Urbano. Londrina: Descoberta, 2003, p. 203, 204.

[19] *Ibidem*, p. 204.

[20] LINTHICUM, Robert C. Revitalizando a Igreja. São Paulo: Bom Pastor, 1996, p. 43.

[21] BARNA, George**.** Igrejas Amigáveis e Acolhedoras. São Paulo: Abba Press, 2001, p. 55.

[22] *Ibidem*, p. 78.

[23] HYBELS, Bill. Liderança Corajosa. São Paulo: Vida, 2002, p. 16.

[24] *Ibidem*, p. 16.

4 Ministério de Intercessão pela Cidade

Ao iniciar a segunda parte deste livro, quero começar falando sobre o ministério de intercessão, mesmo porque a oração sempre deve ser o ponto de partida para todo plano de ação missionária da igreja.

Neste capítulo, falarei sobre intercessão, não tanto no aspecto devocional, como uma prática fundamental da espiritualidade cristã. Porém, abordarei aspectos da oração intercessória específica pela cidade, buscando, assim, a sua transformação a partir de uma vitória no mundo espiritual para depois atuar noutras áreas.

Portanto, falarei sobre a falta de intercessão na igreja, enfocando a sua razão e consequências. Depois trarei uma definição etimológica e conceitual de intercessão a partir do significado dessa palavra tanto no hebraico como no grego. Mostrarei a importância da intercessão para a missão urbana; procurarei apresentar algumas maneiras práticas de como a igreja pode interceder pela cidade e, por fim, trarei exemplos bíblicos e contemporâneos de como a intercessão pode trazer transformação para a cidade.

I. A FALTA DE INTERCESSÃO NA IGREJA CONTEMPORÂNEA

Embora falemos, escrevamos e preguemos muito sobre oração, ela não é uma prática intensa na igreja contemporânea, mesmo porque falar sobre

oração é mais fácil do que, na verdade, a praticar de maneira sistemática e perseverante.

> Nem sei quantas vezes já ouvi pastores dizerem: "A reunião de oração de quarta-feira à noite é a reunião mais importante da semana, em nossa igreja". Porém, com raras exceções, na prática não é nada disso. Essa é a reunião mais enfadonha, menos freqüentada, mais rotineira e que exige maior dose de paciência, em toda a semana.[25]

A sociedade em que vivemos é individualista e egocêntrica, onde o ser humano tem sido colocado no centro de tudo. Esse comportamento antropocêntrico faz com que todos estejamos cada vez menos preocupados com o próximo. Infelizmente, isso tem afetado a igreja, que se tornou introspectiva, principalmente depois do grande crescimento numérico que trouxe certo *status* social para os evangélicos de nossa nação nos últimos anos.

O desejo consumista de nossa sociedade também criou uma cultura evangélica consumista. Já faz algum tempo que as motivações que levam milhares de pessoas a frequentar os templos evangélicos são motivações egoístas, com o desejo apenas de receberem de Deus as suas bênçãos; tais motivações, se possível, têm o propósito de até mesmo extorquir essas pessoas com as suas ofertas, além de trazer sérias consequências, que acabam afetando profundamente a caminhada da igreja, prejudicando, assim, o cumprimento da sua missão.

Em primeiro lugar, essas motivações afetam nossas orações diante de Deus, tornando-as sem efeito transformador. As petições acontecem apenas no nível pessoal e, no máximo, estendem-se para a família; são orações feitas apenas para buscar sucesso e prosperidade. Não que essas coisas não tenham a sua importância — quem não quer prosperar em todas as áreas da sua vida e ser bem-sucedido nos seus empreendimentos? No entanto, nossas orações não podem visar somente ao nosso benefício, mas devemos

apresentar diante de Deus a triste realidade de nossa sociedade. O apóstolo Tiago criticou duramente as orações egoístas da igreja da sua época:

> Cobiçais e nada tendes; sois invejosos e cobiçosos e não podeis alcançar; combateis e guerreais e nada tendes, porque não pedis. Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites. (Tg 4.3)

Os profetas do Antigo Testamento também denunciavam as liturgias de Israel e as práticas da sua espiritualidade egoísta, dizendo que o Senhor estava longe dos seus cultos, mesmo que fossem feitos em nome dEle.

> De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o Senhor? Já estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais nédios; e não folgo com o sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecerdes perante mim, quem requereu isso de vossas mãos, que viésseis pisar os meus átrios? Não tragais mais ofertas debalde; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, e os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade, nem mesmo o ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova, e as vossas solenidades, as aborrece a minha alma; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. (Is 1.11-15)

Até o jejum que praticavam não tinha nenhum significado para Deus, pois também eram egoístas, destituídos de qualquer atitude solidária ou busca da justiça:

> Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu o não sabes? Eis que, no dia em que jejuais, achais o vosso próprio contentamento e requereis todo o vosso trabalho. Eis que, para contendas e debates, jejuais e para dardes punhadas impiamente; não jejueis como hoje, para fazer ouvir a vossa voz no alto. (Is 58.3-4)

Em resposta a essa prática, Deus diz qual é o jejum que lhe agrada:

> Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo, e que deixes livres os quebrantados, e que despedaces todo o jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto e recolhas em casa os pobres desterrados? E, vendo o nu, o cubras e não te escondas daquele que é da tua carne? (Is 58.6,7)

O resultado desse tipo de jejum, cujas motivações sejam a solidariedade e a preocupação para com o próximo, desencadearia grandes bênçãos de Deus sobre a vida tanto do seu povo como da sociedade.

> Então, romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do SENHOR será a tua retaguarda. Então, clamarás, e o SENHOR te responderá; gritarás, e ele dirá: Eis-me aqui; acontecerá isso se tirares do meio de ti o jugo, o estender do dedo e o falar vaidade; e, se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. E o SENHOR te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará teus ossos; e serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas nunca faltam. E os que de ti procederem edificarão os lugares antigamente assolados; e levantarás os fundamentos de geração em geração, e chamar-te-ão reparador das roturas e restaurador de veredas para morar. (Is 58.8-12)

Em segundo lugar, esse tipo de espiritualidade está provocando uma secularização da igreja evangélica contemporânea, pois as pessoas são atraídas para os cultos não mais pela presença de Deus, mas por aquilo que Ele pode dar.

Podemos chamar a cultura evangélica que se está estabelecendo no Brasil de secular. Usamos esse termo porque essa cultura tem o seu foco naquilo em que o Evangelho pode ser útil para o indivíduo, e não especificamente no seu compromisso com Deus.

> O cristianismo secular é uma religião que diz ao homem unicamente o que este quer ouvir: que é dono de si mesmo, que o futuro de sua história está em suas mãos, que Deus somente pode ser tolerado como algo impessoal que ele pode manipular, entre outros.[26]

Esse tipo de “evangelho” encontrou um solo fértil no Brasil, visto que nossa nação é basicamente pobre e as pessoas andam obcecadas por dinheiro, sucesso e prestígio.

A tônica desse tipo de mensagem evangelística é o que Deus pode fazer por você, e, quando as expectativas dos fiéis não são supridas, muitos líderes começam a criar métodos e mecanismos para manter e atrair cada vez mais fiéis. Quando determinada “promoção” começa a ficar

ultrapassada, os marqueteiros da fé lançam outras promoções evangélicas para atrair mais consumidores. Como diz Júlio César Lucarevski:

> Em nossos dias o que predomina é um evangelho açucarado, feito algodão doce. Algo que não custa caro e que atrai desde as criancinhas aos mais idosos. Mas este evangelho-de-algodão-doce não consegue satisfazer a justiça de Deus, nem os desejos essenciais do espírito humano. Uma vez apertado em uma das mãos, pouco resta, a não ser um punhadinho de açúcar.[27]

Um sociólogo americano chamado David Stole, que estudou o crescimento das igrejas evangélicas na América Latina, disse quais são os evangelistas de impacto no movimento evangélico:

> Eles são — por natureza dos seus empreendimentos — capitalistas bem-sucedidos, geralmente de antecedentes bem humildes e que por força de uma personalidade e espírito empreendedor, construíram grandes impérios. Apresentando sucesso como bênção divina, prometeram aos seus ouvintes que eles também poderiam ser ricamente abençoados pelo Senhor. O que parece esquecido em suas mensagens é o arrependimento.[28]

Essa mensagem produz em nós um sentimento egoísta e um desejo insaciável de querer cada vez mais, fazendo-nos esquecer da misericórdia e solidariedade para com o próximo.

Para atender às demandas e às exigências dos consumidores do sagrado, muitas igrejas precisam elaborar uma programação diversificada e cada vez mais atrativa para eles. É como se Jesus por si só não atraísse mais a atenção das pessoas. Um pastor amigo meu certa vez foi pregar em uma vigília num ginásio de esportes, onde achou que haveria muita oração. Sua surpresa foi tamanha quando viu que aquela reunião era um *show gospel*, e não uma vigília de oração. No entanto, o que mais o surpreendeu foi quando lá pelas 3 horas da madrugada o dirigente (ou, podemos dizer, o apresentador do *show*?) anunciava a chegada de uma cantora evangélica muito famosa. Então, o ginásio foi ao delírio e começou a cantar: "'Fulana',

cadê você?! Eu vim aqui só *pra* te ver!". Meu amigo, estarrecido, disse: "Jesus, tem misericórdia de mim e do Senhor hoje aqui".

O dr. A. J. Gordon (1836–1895) disse que:

> Nossa geração está perdendo rapidamente seu contato com o sobrenatural; e, em conseqüência, o púlpito está aceleradamente caindo para o nível do palco. Este declínio, segundo cremos, é devido, mais que tudo, ao desprezo em relação ao Espírito Santo como o supremo inspirador da pregação.[29]

Nossas reuniões são destituídas de momentos específicos de orações intercessórias por nossas cidades. Até mesmo as vigílias, que antes eram reuniões de oração, hoje são mais *shows* de música evangélica, algumas muito sofisticadas e com a presença de grandes "celebridades" do mundo *gospel*. No entanto, o que percebemos é que essa cultura evangélica não tem conseguido mudar a cultura brasileira, e podemos afirmar com base nas Escrituras que Deus não está nem um pouco interessado em algumas reuniões que denominamos de culto, pois, além de serem cultos a algumas personalidades evangélicas, são reuniões sem nenhuma preocupação com a transformação de nossa nação.

A igreja precisa redescobrir o valor da oração intercessória, pois ela é o Povo da Aliança, o Reino de sacerdotes para colocar-se diante de Deus em favor de nossas cidades. Inclusive, o movimento pentecostal, nos seus primórdios no Brasil, tinha na oração parte fundamental na expansão do movimento.

> O pentecostalismo, por outro lado, viveu dias de grande euforia. Seus cultos de oração, geralmente vibrantes, varavam noites com milhares de pessoas vendo o sol nascer ajoelhadas diante da glória de Deus. Homens e mulheres, anônimos gigantes da fé, geralmente saíam dessas reuniões no domingo de manhã para subir os morros, invadir as praças e visitar os hospitais. Cheios do Espírito Santo, destilavam virtude; pregando, expulsando demônios e plantando igrejas. Sem o carismatismo de um líder que encabeçasse o movimento, o pentecostalismo ensinou a toda uma geração que aqueles que esperassem em Jerusalém não sairiam dali decepcionados; o Senhor lhes visitaria como no dia de Pentecostes.[30]

Embora os próprios líderes das igrejas reconheçam que a oração é um fator primordial no crescimento da igreja, a maioria não desenvolve um efetivo ministério de oração, tanto em nível pessoal quanto comunitário. Dessa maneira, como podemos esperar que Deus dissipe as trevas espirituais de nossa cidade?

O pastor David Yonggi Cho assim se dirige aos líderes evangélicos:

> Quantas vezes você passou a noite inteira de joelhos diante de Deus? Quantas vezes sua igreja reuniu todos os membros para um longo período de jejum e oração? Seria a falta de oração o motivo de você não estar tendo reavivamento em sua vida e ministério?[31]

II. DEFINIÇÃO DE INTERCESSÃO

1. Definição Etimológica

a) No hebraico

A palavra "intercessão" no hebraico é *paga* e vem de raiz de uma palavra que significa "colidir pela violência". Segundo a concordância bíblica de Strong, essa expressão quer dizer: "colidir, encontrar por acidente, pela violência ou pela importunação. Suplicar, cair sobre, fazer intercessão, interceder, pleitear, prostrar, encontrar com, orar, alcançar, correr".

b) No grego

A palavra para "interceder" é *ënteuxis* (substantivo). Essa palavra quer dizer "encontrar com; uma conversação; uma petição". Trata-se de um termo técnico de aproximação de um rei, bem como para a aproximação de Deus em intercessão. Também há a forma *entugchano* (verbo). Esta outra palavra significa "harmonizar-se com, encontrar-se com o fim de conversar, fazer petição, especialmente

intercessão, pleitear com uma pessoa, tanto a favor quanto contra outros".

2. Definição Conceitual

Interceder é colocar-se no lugar de outro para pleitear a sua causa como se fora a sua própria. É estar entre Deus e os homens, a favor destes, tomando o seu lugar e sentindo a sua necessidade de tal maneira que luta em oração até a vitória na vida daquele por quem intercede.

> Quando mudamos da petição para a intercessão, estamos deslocando o centro de gravidade das nossas próprias necessidades para as necessidades e interesses dos outros. A oração intercessória é uma oração altruísta, até mesmo uma oração de autodoação. No trabalho contínuo do Reino de Deus, nada é mais importante do que a oração intercessória. As pessoas hoje precisam destemperadamente da ajuda que podemos lhes dar. Casamentos estão sendo despedaçados, crianças estão sendo destruídas. Indivíduos estão vivendo vidas de silencioso desespero, sem propósito nem futuro. E podemos fazer a diferença, se aprendermos a orar por eles.[32]

3. A Importância da Intercessão para a Missão Urbana

A oração é o segredo espiritual para vermos Deus derramar um poderoso avivamento em nossas cidades. Se acreditamos que o avivamento é uma ação soberana do Espírito Santo, a oração é a maneira pela qual veremos essa ação acontecer.

Na intercessão, a Igreja assume sobre os seus ombros a responsabilidade espiritual pelo bem-estar da cidade. No Antigo Testamento, o sacerdote carregava sobre os seus ombros os nomes dos filhos de Israel, para representá-los diante de Deus todas as vezes em que ele chegasse à presença do Senhor.

> E porás as duas pedras nas ombreiras do éfode, por pedras de memória para os filhos de Israel; e Arão levará os seus nomes sobre ambos os seus ombros, para memória diante do Senhor. (Êx 28.12)

A Igreja, como povo sacerdotal do Senhor, também precisa levar a sua cidade constantemente diante da presença de Deus. Somos colocados pelo Senhor como atalaias nos muros da cidade e temos a responsabilidade de não permitirmos que invasores entrem e destruam nossa sociedade.

> Ó Jerusalém! Sobre os teus muros pus guardas, que todo o dia e toda a noite se não calarão; ó vós que fazeis menção do Senhor, não haja silêncio em vós, nem estejais em silêncio, até que confirme e até que ponha a Jerusalém por louvor na terra. (Is 62.6,7)

Não podemos estar descansados enquanto nossa cidade estiver sob o perigo iminente da destruição por causa dos seus pecados. John Knox, um dos grandes líderes cristãos que atuaram na Reforma Protestante, certa vez, enquanto se refugiava no seu esconderijo, escondendo-se dos seus perseguidores, passou noite após noite orando com o rosto no piso de madeira. A sua esposa insistia para que ele dormisse e descansasse um pouco. Então, ele respondeu: "Como posso dormir enquanto minha pátria não estiver salva?".[33] Também é desse célebre pregador a famosa frase: "Senhor, dá-me a Escócia, senão eu morro!". Como resultado de tamanha perseverança na intercessão, Deus impactou aquela nação sob o ministério de Jonh Knox.

Nossa negligência na intercessão poderá trazer sérios prejuízos para nossas cidades. Deus disse ao profeta Ezequiel que estava procurando alguém para que levantasse o muro e pusesse-se na brecha perante Ele por esta terra, para que Ele não a destruísse (Ez 22.30b). E, depois de procurar em todos os seguimentos da sociedade, Deus chega à triste constatação: "[...] mas, a ninguém achei" (Ez 22.30c). Ninguém queria ou estava apto para assumir tal responsabilidade, e o resultado dessa falta de intercessores foi o que consta abaixo: "Por isso, eu derramei sobre eles a minha indignação; com o fogo do meu furor os consumi; fiz que o seu caminho recaísse sobre a sua cabeça, diz o Senhor JEOVÁ" (Ez 22.31).

A intercessão é importante na missão urbana, pois é por meio dela que podemos ver a ação interventora de Deus na história humana. Temos testemunhos desse fato tanto nas Escrituras quanto na história do povo de Deus. Aliás, essa foi uma determinação do próprio Senhor Deus.

> E o SENHOR apareceu de noite a Salomão e disse-lhe: Ouvi tua oração e escolhi para mim este lugar para casa de sacrifício. Se eu cerrar os céus, e não houver chuva, ou se ordenar aos gafanhotos que consumam a terra, ou se enviar a peste entre o meu povo; e se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra. (2 Cr 7.12-14)

Acredito que, se a igreja evangélica no Brasil realmente colocasse em prática os critérios que Deus estabeleceu no versículo 14, testemunharíamos a cura de Deus sobre as feridas expostas da sociedade brasileira. Veríamos a glória de Deus impactar nossa nação, bem como uma grande transformação em nossas cidades.

Outro fator importante da oração intercessória para a missão urbana é a hostilidade do mundo espiritual que cerca nossas cidades. Quando a Igreja compreende que está diante de uma grande luta no mundo espiritual, ela recorre às armas poderosas de Deus, que são sobre-humanas e espirituais, para destruir as fortalezas e potestades de Satanás. Afinal, as armas de nossa milícia não são carnais, mas poderosas em Deus para a demolição de fortalezas (2 Co 10.4).

Não há como impactar uma cidade com o poder do Evangelho se não levarmos em conta a influência que esses seres espirituais malignos exercem sobre ela; e também não há como enfrentá-los se a Igreja não estiver intensamente envolvida com um projeto de intercessão de maneira estratégica, pois ela prepara o caminho para que se manifeste o poder de Deus trazendo salvação, cura e libertação para os pecadores. Como vimos no capítulo 2 deste livro, onde tratamos da perspectiva espiritual da cidade e

como ela é influenciada por forças malignas que dominam e oprimem os seus moradores por meio de sistemas e mecanismos geradores dessas opressões, é somente através da oração intercessória (no nível de uma verdadeira batalha) que a Igreja conseguirá romper os obstáculos do mundo espiritual, para que a sua ação missionária na cidade possa obter os resultados desejados.

Jesus foi para o deserto antes de iniciar o seu ministério. Ali permaneceu durante um prolongado tempo de jejum e também de oração, pois Ele sabia que, na sua condição humana, precisaria de um revestimento de poder para enfrentar Satanás e os seus demônios. Foi por isso que Ele não somente teve condições de vencer o Diabo, como também expulsou muitos demônios durante o seu ministério. Jesus estava frequentemente em oração diante de Deus, pois também sabia que, para entrar na casa do valente, primeiro é preciso neutralizá-lo, e a oração era uma das armas que Ele utilizava para neutralizar o valente e depois lhe saquear os despojos, conforme Ele disse no Evangelho de Lucas:

> Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem. Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele e vencendo-o, tira-lhe toda a armadura em que confiava e reparte os seus despojos. (Lc 11.21,22)

A oração intercessória no nível de uma batalha é a maneira pela qual neutralizaremos as forças do valente para depois lhe saquear os bens.

Hoje, da mesma forma, muitos pastores e evangelistas que têm desenvolvido ministérios voltados para a conquista de cidades têm a oração intercessória como parte fundamental dos seus ministérios.

Edgardo Silvoso, analisando o sucesso do ministério dos pastores evangelistas argentinos que conduzem grandes cruzadas e plantam igrejas crescentes em lugares resistentes da Argentina, atribui esse sucesso ao

poder da oração intercessória, que confronta e dissipa o poder das trevas espirituais da cidade, dizendo que eles:

> [...] incorporam em seu trabalho evangelístico uma nova ênfase sobre a guerra espiritual — o desafio aos principados e potestades, bem como a proclamação do Evangelho ao povo, mas também aos carcereiros espirituais que conservam as pessoas cativas. Os evangelistas começam a orar pelas cidades, antes de proclamarem o Evangelho ali. E somente depois de sentirem que os poderes espirituais que dominam uma região foram amarrados, é que eles começam a pregar.[34]

IV. O PODER DA INTERCESSÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Agora apresentarei alguns exemplos tanto bíblicos quanto históricos e contemporâneos de como a mobilização do povo de Deus para intercessão pela sua cidade pode trazer a glória de Deus não somente sobre a cidade, como também sobre toda a nação.

1. O Poder da Intercessão para a Transformação da Sociedade na Bíblia

O modelo bíblico que quero mostrar é o do povo de Israel nos dias do profeta Joel, que nos mostra a crise pela qual enfrentou a nação e como o Senhor reverteu o quadro.

A origem da crise

Confira o que diz no livro do profeta Joel: “O que ficou da lagarta, o comeu o gafanhoto, e o que ficou do gafanhoto, o comeu a locusta, e o que ficou da locusta, o comeu o pulgão” (Jl 1.4).

A nação de Israel nos dias do profeta Joel estava vivendo em uma crise cujas raízes eram as locustas ou gafanhotos que invadiram as plantações, trazendo grandes prejuízos para o povo.

Como a base da economia de Israel era agrícola, a devastação da lavoura por parte dos gafanhotos desencadearia uma série de crises, sendo elas:

a) Crise econômica

Sem a colheita, o povo não poderia comercializar os seus produtos, gerando pobreza na nação.

b) Crise social

Pois o povo ficaria sem alimento para saciar a sua fome, inclusive a das suas crianças, e isso geraria uma crise política.

c) Crise política

Por mais bem-intencionados que fossem os governantes, eles não conseguiriam administrar as crises.

d) Crise religiosa

Essas crises afetaram o próprio relacionamento do povo para com Deus.

A consequência da crise

A terra chora: “O campo está assolado, e a terra, triste [...]” (Jl 1.10a).

A terra chora. Imagine quantos pais de famílias vão para a cama chorando porque têm crianças com fome, pedindo pão e nada têm para pôr na boca. Quantos corações apertados porque não têm o dinheiro para pagar o aluguel da casa onde moram, sendo ameaçados de despejo. Quantos choram quando chega o frio porque não têm um cobertor para cobrir-se.

Quantos pais estão chorando porque veem os seus filhos morrendo e não têm recursos para dar-lhes assistência médica que poderia salvar-lhes a vida. Quantos choram porque os seus corpos estão dilacerados pela dor da enfermidade e ainda têm de enfrentar fila, horas e dias de espera, e quantas vidas são ceifadas antes que o socorro possa chegar. Quantos choram porque a violência bateu à sua porta e uma vida inocente foi ceifada por uma bala perdida ou por marginais. Quantos choram porque não têm uma casa onde morar, não têm pai, nem mãe, entregues à rua, sem carinho, sem amor, transformados em pequenos monstros. A terra chora, e será que estamos dispostos a ouvir o seu clamor?

A razão do choro

O profeta prossegue na sua narração: "porque o trigo está destruído, o mosto se secou, o óleo falta" (Jl 1.10b).

1º. Falta trigo

A terra chora porque tem fome e milhões de brasileiros não têm o que comer. Há muitas geladeiras vazias. Falta trigo, falta comida, falta pão, mas também, por outro lado, falta o Pão do Céu em muitos púlpitos. A terra chora porque muitas pessoas vão aos templos e não encontram o pão integral da Palavra de Deus.

2º. Falta mosto

Mosto fala de alegria, de plenitude. Ela está ausente na casa de milhões de pessoas. Só Deus sabe o que se passa por trás das paredes de milhões de lares brasileiros. Em muitos púlpitos, também não há mosto, vinho novo; muitas igrejas já não têm a verdadeira alegria espiritual.

3º. Falta óleo

A terra chora porque falta óleo, a unção que quebra o jugo. Há muitas cadeias, mas só a unção do Espírito Santo pode quebrá-las. Há muitas mentes prisioneiras tanto dentro quanto fora da igreja, e somente a unção do Espírito Santo de Deus pode quebrar esses grilhões.

A solução da crise

Até aqui, temos visto a descrição do problema. O quadro é desolador. Estamos conscientes da origem de nossos males. Deus, porém, tem um propósito em permitir-nos diagnosticar o mal. Ele quer dar-nos a solução. É o que agora veremos.

a) O chamado

1º. Aos ministros

"Cingi-vos e lamentai-vos, sacerdotes; gemei, ministros do altar; entrai e passai, vestidos de panos de saco, durante a noite, ministros do meu Deus; porque a oferta de manjares e a libação cortadas foram da Casa de vosso Deus" (Jl 1.13).

2º. Ao povo

"E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao SENHOR, vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em beneficência e se arrepende do mal" (Jl 2.13).

b) A dimensão da convocação (Jl 2.16)

• Congregai o povo.
• Santificai a congregação.
• Ajuntai os anciãos.
• Congregai os meninos.
• Congregai as crianças de peito.
• Saia o noivo da sua recâmara e a noiva do seu tálamo.

A reversão do quadro

a) Eis que vos envio o trigo.
b) Eis que vos envio o vinho.
c) Eis que vos envio o azeite.
d) E deles sereis fartos.
e) E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões (Jl 2.28).

2. O Poder da Intercessão para a Transformação da Sociedade na Igreja Contemporânea

Londrina (Paraná)

Particularmente, pude presenciar um grande mover de Deus mediante a mobilização da igreja evangélica unida intercedendo pela cidade. Isso aconteceu na cidade de Londrina, no Paraná, no ano de 1995. Nesse ano, houve o desfecho de um projeto que já vinha sendo sonhado e trabalhado em anos anteriores. Os pastores da cidade uniram-se e decidiram que também uniriam as igrejas num grande plano de intercessão pela cidade. O nome do projeto era “Ore por Londrina”. Na ocasião, dezenas de igrejas aderiram ao projeto, realizando várias modalidades de reuniões de oração

tanto nos templos como publicamente. Era comum ter muitas dessas igrejas fazendo campanhas de oração de 24 horas durante tempo indeterminado. Os pastores começaram a visitar uns aos outros para pregar nas igrejas uns dos outros. Pela primeira vez em minha caminhada cristã, vi o Corpo de Cristo de uma cidade unido em torno de um projeto em comum. Foi então que passou a ser realizado anualmente um evento que também unia todas as igrejas chamado "Londrina em Chamas". Só quem participou desses encontros sabe o quanto eles influenciaram a vida de milhares de cristãos da cidade naquela época.

Um dia, participei de uma carreata que percorreu as principais ruas da cidade. Milhares de carros com adesivos evangélicos desfilaram, um caminhão de som com um palanque carregava os líderes das denominações que se revezavam no microfone, orando pela cidade. A carreata foi encerrada com uma grande reunião de oração pública e uma poderosa ministração da Palavra de Deus feita pelo pastor Messias Anacleto, que pregou sobre Lucas 19.41-44.

Foi um momento de grande quebrantamento, onde nós, povo de Deus, colocamo-nos diante do Senhor em favor da cidade para que houvesse um avivamento sobre ela.

Como resultado de toda essa mobilização, houve um derramar poderoso do Espírito de Deus sobre a cidade. As igrejas começaram a multiplicar-se; milhares de pecadores foram salvos, milagres extraordinários aconteceram; a cidade prosperou mais do que nunca, tornando-se uma cidade estratégica e de destaque nacional. O crescimento da igreja em Londrina foi tão grande que os pesquisadores, ao analisarem o impacto do povo de Deus na sociedade, sempre mencionam os fatos que ocorreram em Londrina.

> [...] no Brasil ocorreram várias mudanças promissoras, tanto na igreja como na sociedade, quando grupos de líderes se uniram em oração em cidades como Londrina e outras. Deus respondeu às suas orações, dando ao seu povo uma nova visão da sua glória

> em Cristo, e eles foram movidos a um maior amor, zelo e disposição para fazer a sua vontade.[35]

Seul (Coreia do Sul)

É de conhecimento de todos que acompanham um pouco do movimento evangélico no mundo que a Coreia do Sul tem-se destacado no ministério de intercessão transformadora.

Pesquisas mostram que o cristianismo protestante na Coreia do Sul cresceu de zero para mais de 30% da população no último século.

> A maior Igreja Batista, a maior Igreja Metodista, a maior Igreja Presbiteriana, a maior Igreja Holiness e as maiores igrejas pentecostais do mundo encontram-se na Coréia. A igreja Yoido Full Gospel Church, de David Yonggi Cho, é a maior delas, pois conta com setecentos mil membros.[36]

Segundo Peter Wagner, a dinâmica do movimento de oração da igreja na Coreia do Sul é caracterizada por três programas fundamentais:

a) Orações todas as manhãs

Orações matinais são um hábito da igreja coreana. Independentemente do tamanho dessas igrejas, das suas localizações geográficas ou do *status* social dos seus membros, eles reúnem-se todas as manhãs para orar durante os 365 dias do ano.

b) Reuniões de oração à noite

Não somente pelas manhãs, mas também os cristãos da Coreia frequentemente se reúnem para orar durante noites inteiras, geralmente das 22 horas até o alvorecer.

> Isso não significa que todos os crentes coreanos ajam assim, mas muitos deles assim fazem. Para exemplificar, isso é comum na Igreja Yoido Full Gospel Church, onde mais de dez mil pessoas costumam orar por toda uma noite a cada semana. E há um número crescente de igrejas que também determinam reuniões de noite inteira de oração. Se

considerarmos o fato de que há cerca de sete mil igrejas em Seul, eu não duvidaria que nas sextas-feiras à noite há mais de quatro milhões de crentes que oram a noite inteira, somente naquela cidade.[37]

c) Orações nos montes

Outra prática comum nas igrejas coreanas é comprar terrenos ou montes inteiros para a construção de locais para retiros de oração. "Muitas igrejas dispõem de grutas de oração, escavadas nos lados do próprio monte, onde uma pessoa pode abrigar-se ali para orar, durante horas ou mesmo dias".[38]

V. COMO ORAR PELA CIDADE

Agora vejamos algumas maneiras práticas de como podemos mobilizar tanto uma igreja local como toda a igreja evangélica de uma cidade para realizar um movimento de oração por ela.

1. Ter um Forte Desejo de Ver a Cidade Transformada

Todo movimento de oração que produz impacto transformador inicia-se com o desejo que os servos de Deus passam a nutrir para ver as suas cidades transformadas pelo Evangelho de Cristo. Esse desejo leva-nos a orar não apenas de maneira retórica, mas também de maneira intensa, sistemática e objetiva para que a glória de Deus seja manifestada em nossas cidades. É quando sentimos o peso da intercessão sobre os ombros, e não conseguimos conter as lágrimas, e mobilizamo-nos para interceder pelos pecadores. É como se não conseguíssemos mais viver enquanto não vermos Deus realizar uma obra extraordinária.

2. Obter muitas Informações sobre as Várias Realidades que Cercam a Cidade

Nos capítulos anteriores, falamos sobre a importância de conhecermos as cidades onde pretendemos desenvolver um ministério urbano transformador. No entanto, o conhecimento das estatísticas da cidade não serve somente para alimentar nosso banco de dados, mas também para estarmos bem informados sobre a realidade que nos cerca a fim de orarmos de maneira estratégica pela transformação da realidade social e espiritual de nossas cidades.

> A maioria dos intercessores anela por seguir as notícias, porquanto as respostas às suas orações com frequência figuram na primeira página dos jornais. Portanto, costumo desafiar os intercessores que assumem responsabilidade pelas cidades ou nações para que se façam tão bem informados como um delegado de polícia ou o editor de um jornal.[39]

3. Envolvimento, Apoio e Unidade da Liderança

Infelizmente, essa é uma das principais dificuldades, pois os líderes evangélicos da cidade têm uma forte tendência de querer isolar-se juntamente com a sua congregação das demais denominações da cidade. Queremos um avivamento, mas nosso desejo é um tanto egoísta, pois almejamos um avivamento em nossa denominação, não nas outras, pois, no fundo, consciente ou inconscientemente, achamos que nossa igreja é a detentora da verdade e rejeitamos ou, no mínimo, queremos manter distância daqueles que têm uma visão diferente da nossa — ainda que as suas doutrinas sejam tão bíblicas como a nossa —, pois temos medo de perder nossa “pureza” denominacional.

Nos exemplos anteriores, vimos que um dos pontos-chaves para o processo de transformação da cidade por meio da intercessão é a unidade da liderança. Não falo apenas de unidade doutrinária ou de governo eclesiástico, mas, sim, uma unidade de propósito, visando à glória de Deus para a cidade.

4. Realizar Várias Modalidades de Reuniões de Oração

Existem várias modalidades de reuniões de oração que podemos realizar pela transformação da cidade. Vejamos algumas delas:

a) Campanhas de oração

Uma campanha de oração em unidade na cidade é uma grande reunião em que os crentes reúnem-se em louvor, petição e intercessão. Trata-se de um evento unificado nos limites de uma área geográfica específica para os crentes demonstrarem ao mundo o testemunho visível da unidade do Corpo de Cristo para a cidade.

b) Marchas de oração

É o deslocamento dos crentes do prédio da igreja para as ruas da cidade a fim de interceder por ela. Isso é feito hoje em dia em muitos lugares do Brasil pelas igrejas evangélicas.

c) Células de oração

As células de oração são grupos que se reúnem ao redor de um programa ou proposta específica de oração pela cidade.

d) Vigílias de oração

São cultos que têm como objetivo apresentar petições durante a realização de orações que podem prolongar-se até o amanhecer do outro dia.

5. Sobre o que devemos orar

a) Pelos problemas da cidade.

b) Pelos líderes governamentais.

c) Pelo reavivamento nas igrejas.

d) Pela salvação das vidas.

e) Pelo cumprimento da missão de Cristo na terra.

f) Pela repreensão das forças satânicas que agem na cidade.

---

[25] WAGNER, Peter. Igrejas que Oram. São Paulo: Bom Pastor, 1993, p. 34.

[26] PADILLA, C. René. Missão Integral. São Paulo: FTL-B e Temática, 1992, p. 27.

[27] LUCAREVSKI, Júlio César. O que significa estar crucificado com Cristo. Site: http://estarcrucificadocomcristo.blogspot.com/. Acessado em 22/08/2019.

[28] AMORESE, Rubem M. Igreja Evangélica na Virada do Milênio. Brasília: Comunicarte, 1995, p. 88.

[29] DUEWEL, Wesley L. Em Chamas para Deus. São Paulo: Candeia, 1998, p. 200.

[30] GONDIM. Ricardo. Os Santos em Guerra. São Paulo: Abba Press, 1999, p. 123.

[31] CHO, David Yonggi. Muito Mais que Números. São Paulo: Vida, 1985, p. 116.

[32] FOSTER, Richard J. Oração, Refúgio da Alma. São Paulo: Vida, 1996, p. 197.

[33] DUEWEL, Wesley L. Em Chamas para Deus. São Paulo: Candeia, 1998, p. 101.

[34] WAGNER, Peter C. Oração de Guerra. São Paulo: Unilit, 1992, p. 26.

[35] Lourenço e Stefania Kraft e Neusa Itioka. Como Gerar um Movimento de Oração. São Paulo: Sepal, 1994, p. 13.

[36] WAGNER, Peter. Igrejas que Oram. São Paulo: Bom Pastor, 1993, p. 21.

[37] *Ibidem*, p. 24.

[38] *Ibidem*, p. 24.

[39] WAGNER, Peter C. Derrubando Fortalezas em sua Cidade. São Paulo: Unilit, 1995, p. 106.

5 Evangelizando a Cidade

Neste capítulo, buscaremos uma compreensão do verdadeiro significado de Evangelho, analisando os desafios da evangelização nas cidades brasileiras, observando as tendências da evangelização — que, hoje, é praticada em nossas cidades — e estudando os componentes de uma evangelização transformadora.

I. EVANGELHO: A MENSAGEM TRANSFORMADORA

1. Definição e Contexto

A palavra "evangelho" significa literalmente "boas novas". Em grego, a palavra é *euanggelion*.

No Antigo Testamento, essa palavra era usada não somente no anúncio de boas novas relacionadas à religião, como também em outros contextos.

Ainda no contexto secular, para os gregos, essa expressão também significava notícias relacionadas a vitórias tanto esportivas quanto militares.

A palavra evangelho era traduzida por notícias de boas novas nas religiões pagãs do mundo gentio — mesmo quando relacionadas com o culto aos imperadores romanos. Por exemplo, referindo-se a César Augusto, há uma inscrição em um monumento que diz: "O nascimento de deus foi para o mundo o começo das boas novas de gozo que foram anunciadas em seu nome".

Quando o Evangelho de Jesus foi anunciado, já existiam outros "evangelhos" sendo proclamados também com o propósito de trazer "salvação" para a humanidade.

2. Conteúdo

Hoje estamos plenamente conscientes da importância da missão da Igreja e da obra de evangelização. No entanto, é preciso começar a refletir no conteúdo do Evangelho que estamos anunciando no exercício de nossa obra evangelística. Essa compreensão do real significado do Evangelho determinará nossa prática evangelizadora.

Nosso interesse principal não deve ser somente descobrir novas maneiras, estratégias e métodos eficazes de comunicar nossa mensagem. Caso contrário, a eficácia da evangelização será medida e resumida apenas em termos de "resultados", de "conversões", sem, contudo, levar em consideração se a mensagem que pregamos é, de fato, fiel ao Evangelho de Cristo.

Vejamos quais as características do conteúdo do Evangelho:

2.1. É uma mensagem de esperança e Boas Novas

Evangelho é uma mensagem de esperança que anuncia a chegada de um tempo — o Reino de Deus — e que tem em Jesus Cristo o cumprimento dessa esperança conforme declara o Evangelho de Lucas 4.18.

O Reino de Deus era uma prioridade tanto na mensagem de Jesus quanto na sua missão. É interessante observar que o Senhor Jesus não priorizava a sua própria pessoa; sempre quando fez menção de si mesmo, assim a fez relacionada com a sua missão como instaurador desse Reino.

O Reino de Deus na mensagem de Jesus é o ato regente do Senhor em modificar e estabelecer uma nova ordem das coisas. É a intervenção de Deus na história da humanidade, manifestando a sua

soberania e senhorio sobre este mundo marcado pelo pecado e dominado pelas forças satânicas. E, através da sua mensagem e da sua missão, Jesus traz a realidade desse Reino. Por essa razão, Jesus andava "[...] de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do Reino de Deus" (Lc 8.1).

2.2. O Evangelho é uma mensagem que exige arrependimento

Se o Evangelho são as Boas Novas que anunciam a chegada do Reino de Deus como uma dádiva concedida aos homens, ele também anuncia que o arrependimento é parte fundamental para receber as bênçãos desse Reino.

A mensagem de arrependimento deve sempre fazer parte de nossas pregações, sejam estas a grandes multidões, sejam a pessoas individuais, pois, se assim não for, não estaremos sendo fiéis ao Evangelho.

2.3. O Evangelho é uma mensagem de salvação

O Evangelho também é uma mensagem que anuncia a salvação de Deus por intermédio da fé em Jesus Cristo. Paulo, escrevendo aos efésios, fala do Evangelho da vossa salvação (Ef 1.13). Escrevendo aos romanos, ele diz: "Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16).

Se o pecado é um mal universal, o Evangelho é um remédio universal, e todos os que dele experimentam sentirão o efeito da graça salvadora de Deus, que é a principal fórmula desse remédio.

2.4. Uma mensagem cristocêntrica

A mensagem do Evangelho deve ser cristocêntrica, pois ela precisa apresentar Cristo como o seu centro. Não apenas o Cristo histórico, mas o Cristo vitorioso, que morreu, ressuscitou, subiu em glória, está à direita do Pai e é Senhor sobre todas as coisas; e que, diante dEle, "se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.10,11).

> O Evangelho é uma mensagem centrada em Cristo. Sem Ele, não há Evangelho. Jesus Cristo é o cumprimento da promessa de salvação divina. Ele é o Salvador e o Senhor. É através dele que Deus salva e liberta a humanidade do poder e opressão do pecado.[40]

2.5. Uma mensagem reconciliadora

O Evangelho revela à humanidade a proposta reconciliadora de Deus tanto para a raça humana quanto para a criação de Deus, pois ambos foram corrompidos pelo pecado. Por isso, o Senhor deu à igreja, como disse Paulo em 2 Coríntios 5.18,19, o ministério e a palavra da reconciliação:

> E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação.

2.6. Uma mensagem de justiça

A justiça é um dos temas bíblicos que muito pouco faz parte de nossa proclamação evangelística, mas que é extremamente necessária ser proclamada numa realidade de injustiça que faz parte de nossas cidades. Wilfredo Canales[41] diz que, para proclamarmos esse Evangelho de justiça, precisamos, como Igreja, ser:

a) Uma comunidade cristã composta por santos, mas também justos;

b) Uma comunidade comprometida com o Deus da justiça que nos revela a Bíblia, além uma identificação peregrina (a caminho) com o pobre e necessitado;

c) Uma comunidade disposta a desmascarar os sistemas e estruturas que geram e mantêm a injustiça;

d) Uma comunidade que prepare os seus membros para que desenvolvam os seus ministérios mediante as suas profissões e da sua liderança na sociedade civil;

e) Uma comunidade cristã que trabalhe unida, buscando o bem-estar da sua comunidade independentemente da sua denominação.

II. DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO PARA O CONTEXTO BRASILEIRO

Após analisarmos as tendências da prática evangelizadora que está presente na maioria das igrejas que estão emergindo no Brasil, precisamos olhar quais são os desafios que nos propõe essa prática.

1. Desafio de uma Evangelização Profética

A missão da igreja na cidade não pode calar-se diante da lógica que gera a opressão e a pobreza na sociedade. Com evangelização profética, quero dizer que precisamos manter-nos fiéis ao profetismo bíblico, cabendo à igreja, como comunidade profética na cidade, denunciar as injustiças em todos os níveis na sua cidade.

2. Desafio de uma Evangelização teologicamente Sólida e Prática

Infelizmente, existem dois extremos nesses aspectos, bem como um desequilíbrio. Muitos evangelistas que possuem pouco ou quase nenhum conhecimento são os que arrastam multidões para as suas reuniões. Por outro lado, aqueles que possuem muito conhecimento não conseguem traduzi-los de forma prática para os seus ouvintes, tanto que não são muitos aqueles que gostam de ouvi-los.

Precisamos de evangelistas que possuam um conhecimento sólido da Palavra de Deus e que tenham uma firme perspectiva da teologia cristã. Esse conhecimento, porém, deve ser ungido pelo Espírito Santo e tocar os corações para que os ouvintes possam praticar aquilo que ouvem da boca desses evangelistas.

3. Desafio de uma Evangelização Sincera

Nossa evangelização não pode ser manipuladora, apenas com o propósito de encher nossos templos, abandonando os valores eternos do Evangelho. Essa é uma vã evangelização, que não convoca os pecadores a arrepender-se dos seus pecados, mas que apenas deixem a sua religião e tornem-se evangélicos sem precisarem nascer de novo.

4. Desafio de uma Evangelização Discipuladora

O objetivo de todo empreendimento evangelístico é formar discípulos de Jesus. Por isso, nossa evangelização deve ter uma forte conotação discipuladora, levando pessoas a assumir um compromisso de vida com Jesus. Nosso objetivo não é ajuntar “amiguinhos” de Jesus, mas, sim, discípulos do Mestre.

5. Desafio de uma Evangelização Estratégica e Criativa

A evangelização transformadora também exige que tenhamos uma estratégia para realizá-la de forma eficaz. Vejamos algumas dessas estratégias:

5.1. A metáfora da pescaria

Jesus comparou a evangelização como uma pescaria que exige uma estratégia e diferentes atitudes, dependendo do tipo de peixe que pretendemos pegar. Rick Warren, no seu livro *Uma Igreja com Propósitos,*[42] fala desse princípio aplicado à estratégia da evangelização contextual:

a) Aprender a pensar como um peixe

Para isso, é necessário estar em contato com as pessoas de nossa comunidade, conversando com elas e conhecendo os seus pensamentos e opiniões em relação às coisas significativas para a sua vida. Warren diz que quanto mais tempo ficarmos confinados dentro da igreja, apenas convivendo com os crentes, mais nos afastaremos das pessoas que não pertencem ao nosso convívio. Por isso, não conseguimos compreender como essas pessoas pensam.

b) Ir onde os peixes estão mordendo

Esse princípio é o que nos ajuda a descobrir quais pessoas estão mais receptivas ao Evangelho. Geralmente, são pessoas que estão passando por algum tipo de transição, como, por exemplo: casamento, primeiro filho, mudança de cidade, morte de alguém próximo à família ou mudança de emprego.

c) Pegar o peixe nos termos dele

Esse princípio ensina-nos que nosso alvo deve determinar nossa tática:

> E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivera debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se estivera sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para, por todos os meios, chegar a salvar alguns. (1 Co 9.20-22)

Isso quer dizer que não há um padrão absoluto para a evangelização. Cada peixe exige uma tática de pesca.

d) Usar mais de um anzol

Esse último princípio fala das múltiplas atividades evangelísticas que precisamos desenvolver para alcançarmos o maior número de peixes. O problema é que muitas vezes gastamos mais dinheiro com a estrutura dos pescadores e menos dinheiro com os mais variados tipos de anzóis. Isto é, na igreja gastamos mais dinheiro conosco (pescadores), para a realização de nossas festas, sobrando muito pouco dinheiro para investirmos em várias estratégias evangelísticas (anzóis).

6. Desafio de uma Evangelização Contextual

Essa não é uma evangelização que obedece a um método padrão e único para todos os lugares ou que vem para nós como franquia de um pacote fechado, porém deve ser uma evangelização criativa e aberta a outros métodos que sejam relevantes para o contexto em que estamos inseridos.

Cada indivíduo está situado em um determinado contexto com todas as suas características culturais, geográficas, políticas, sociais e econômicas. Quando falamos em evangelização contextual, referimo-nos a todas as ações da Igreja em fazer com que o Evangelho seja acessível a todas as pessoas em toda e em qualquer cultura. Em nosso contexto brasileiro, precisamos estar alertas a esse fato para que nossa obra evangelizadora venha ser relevante em nossa sociedade.

Todos vivemos e acompanhamos a realidade das várias situações em que vivem e que se encontram as pessoas em nosso contexto urbano brasileiro. São pessoas concretas de carne e osso, que vivem os seus sonhos e desilusões, as suas esperanças e desesperanças, as suas alegrias e sofrimentos; são pessoas que têm os seus ídolos e depositam neles a sua fé. O desafio da evangelização contextual é fazer o Evangelho compreensível aos nossos contemporâneos.

III. EVANGELIZANDO OS "CAMPOS MISSIONÁRIOS" EM POTENCIAL NA CIDADE

1. Evangelizando os Centros de Ensino

As escolas, os colégios e as universidades já não têm mais a mesma importância que se lhes davam no século XIX, período em que todo o progresso da nação baseava-se nas suas escolas. Nessa época, a escola era o novo santuário destinado a substituir as igrejas. Esperava-se que as escolas seriam os templos do saber, assim como as igrejas eram os templos da ignorância e da superstição.

Hoje em dia, há muitas outras instituições que tiraram as escolas do monopólio dos valores sociais. Os meios de comunicação, os *shoppings centers*, os estádios e ginásios de esportes, por exemplo, são tão importantes como as escolas para a difusão da cultura e a educação dos jovens, ou,

talvez, até mais importantes. Contudo, as instituições de ensino ainda são socialmente muito importantes, sobretudo na ideologia dominante que as elites tratam de difundir no povo.

É importante conhecer as escolas, a mentalidade do corpo docente e dos alunos. Qual é a presença da igreja em cada escola ou instituto de educação? Claro que cada uma é diferente, e nenhuma pode ser tratada a partir de um padrão comum para todas. Cada escola deverá ter o seu próprio grupo de evangelizadores.

2. Evangelizando os Centros de Saúde

As instituições de saúde são hospitais, postos de saúde, clínicas especializadas, sem esquecer todos os centros de novas terapias que absorvem boa parte do tempo das classes médias. Cada hospital tem a sua especificidade. Os hospitais são lugares sociais privilegiados pelo grande número de pessoas que ali trabalham ou que por ali passam.

Além disso, os doentes e os seus familiares são pessoas fragilizadas, muito sensíveis, carentes, necessitados de apoio moral. A saúde é o bem mais precioso e mais precário.

Precisamos conhecer bem cada hospital ou centro de saúde. Em cada instituição, deverá ter a presença da Igreja. A presença da evangelização nos hospitais ainda é muito limitada. No entanto, muitas pessoas idosas e aposentadas poderiam dedicar algumas de suas horas de lazer na visita aos hospitais, de tal forma que sempre houvesse uma presença visível da igreja nos centros de saúde.

3. Evangelizando através dos Meios de Comunicação

Ultimamente, cresceu bastante a presença da igreja nos meios de comunicação: TV, rádios, impressos e, agora, a revolucionária Internet, bem

como as redes sociais. No entanto, é preciso saber qual o público atingido, qual o alcance real da presença da igreja nesses meios. É preciso examinar o conteúdo que se refere a metas. Se a igreja quer evangelizar, então não pode falar somente para aqueles que já estão persuadidos e nem alimentar apenas os crentes tradicionais. Ela precisa buscar exatamente o público cujos meios tradicionais já não atingem mais, isto é, que a igreja deixou de atrair.

4. Evangelizando os Centros Culturais

São academias ou grupos literários, organizações de espetáculos, companhias de teatro, conjuntos musicais, orquestras, teatros, cinemas, centros de convenções ou centros culturais, centros de artesanato, salas de exposição, feiras artísticas, bibliotecas, centros de difusão de livros, etc. Qual é a presença da igreja nessas entidades? Quem leva o Evangelho a essas categorias de pessoas?

5. Evangelizando os Centros de Lazer

O lazer ocupa e ocupará um lugar cada vez mais importante na vida urbana. Inclusive, muitos habitantes das cidades voltam para o campo nos fins de semana. Esse campo, porém, é bem diferente do campo dos camponeses. É um campo urbanizado, acomodado para o lazer.

Muitos procuram o lazer em atividades individuais. No entanto, também há muitas instituições que oferecem melhores condições de lazer. Primeiro, tudo o que se refere às praias ou aos lugares de turismo; depois, os balneários, os clubes de campo e os parques de diversões para as crianças e os pais. Também podemos citar os campos de esportes e ginásios de esportes, sem contar os *shopping centers* e os lugares de diversão noturna.

Qual é a presença cristã em tudo isso? Essas são as instituições em que se encontram os habitantes das cidades. Primeiro, as classes médias, mas também as classes populares vão seguindo o exemplo das classes superiores.

6. Evangelizando as Empresas

A economia está no centro da vida das cidades atuais. Ela é o centro das atividades, dos valores e das preocupações. A primazia da economia é tão forte que é a publicidade que faz o lado espetacular da cidade. A publicidade está 99% a serviço da economia. Trata-se sempre de vender e comprar. Na sociedade, a atual atividade sagrada por excelência é comprar. Manipular o dinheiro é o símbolo sagrado, o ídolo de nossos tempos.

A presença cristã na economia é mínima. As empresas são lugares que, muitas vezes, o Deus cristão não penetra, ainda que, para enganar a clientela, os donos de empresa coloquem a imagem de Jesus crucificado nos escritórios e nas oficinas.

Não depende dos dirigentes das empresas. Eles são prisioneiros do sistema. Daí o problema para os cristãos: como há de ser o comportamento dos cristãos num sistema fechado a todos os valores? Quais são as aberturas e as brechas? Como compensar a dureza do sistema por medidas locais que possam suavizar as relações de classe?

Precisamos conhecer as empresas financeiras, industriais, comerciais e de transporte. Quantos empregados há nelas e quais são as condições de trabalho?

Ao lado das empresas, existe todo o setor informal. Vários trabalhadores preferem o setor informal, apesar da sua precariedade, porque não se adaptam à disciplina do trabalho nas empresas. Quais são os valores, os

comportamentos e as formas de socialização dos trabalhadores do setor informal?

Na prática, uma parte importante da população vive ou sobrevive de "bicos", improvisa cada dia o modo de sobreviver. São mulheres abandonadas que devem sustentar os filhos, famílias que sustentam membros aleijados, doentes e incapacitados de trabalhar.

Finalmente, há os desempregados que vivem à custa da mulher ou dos pais ou, mais frequentemente, da aposentadoria dos idosos. Quem vive assim nunca adquire segurança, tranquilidade e nem pode ter uma vivência religiosa constante.

IV. EVANGELIZAÇÃO POR PONTES

O conceito de pontes foi utilizado na missiologia contemporânea pelo famoso missiólogo e pesquisador de crescimento em igreja Donald McGavran (1897-1990).

Nas suas pesquisas sobre crescimento de igreja em várias partes do mundo, McGavran observou que um dos principais fatores na expansão da fé cristã era a maneira como essa fé fluía melhor de parente para parente ou de amigo íntimo para amigo íntimo. Já em 1955, ele havia escrito um livro chamado *As Pontes de Deus*, dizendo:

> Cada nação é constituída por várias camadas sociais. Em muitas nações, cada camada social é claramente separada de todas as outras. As pessoas em cada camada se casam principalmente, se não apenas, com pessoas do mesmo ambiente social. Sua vida íntima é, portanto, limitada à sua própria sociedade, isto é, ao seu povo. Elas podem trabalhar com as outras, comprar e vender a indivíduos das outras sociedades; mas sua vida íntima está envolvida por indivíduos de seu próprio povo. Quando estes começam a se tornar cristãos, isto toca suas vidas.[43]

Ele ainda diz que, à medida que estamos envolvidos na evangelização mundial, devemos descobrir e utilizar as pontes disponíveis para

alcançarmos os perdidos. Vejamos os dois tipos de pontes que podemos utilizar.

a) Pessoas

Como o próprio McGavran já disse, pessoas são as principais pontes que podemos utilizar para alcançar outros com a pregação do Evangelho. Principalmente no contexto urbano, com vários grupos e tribos urbanas, a estratégia mais eficaz para alcançarmos essas tribos é ganharmos pelo menos alguém do seu meio, discipular essa pessoa e treiná-la para que possa voltar à sua tribo e conquistar os seus amigos com a pregação do Evangelho.

Uma pesquisa feita por George Barna sobre o crescimento de igreja confirma o que já temos abordado:

> As pesquisas têm demonstrado, de forma coerente, que os visitantes vieram visitar essas igrejas por causa de recomendação, do convite ou da insistência consistente de algum vizinho, amigo ou colega de trabalho. Isso concorda com as descobertas feitas em estudos de âmbito nacional, sobre como as igrejas obtêm os seus membros e qual a sua freqüência. As pessoas tendem mais a visitar igrejas recomendadas por alguém em quem confiam.[44]

Um exemplo das pessoas que se tornam pontes para alcançarmos uma comunidade é a mulher samaritana que teve um encontro com Jesus no poço de Jacó, pois, através dela, toda a cidade de Sicar pôde ser alcançada pela mensagem de Cristo.

b) Eventos

Jesus sempre frequentava as festas sociais, cívicas e religiosas em Israel. Ele utilizava esses eventos como “pontes” para alcançar os perdidos. Em nossas cidades, existem muitos eventos que podemos aproveitar para pregarmos o Evangelho de maneira contextualizada e criativa.

[40] PAREDES, Tito. No Princípio Era o Verbo Todo o Evangelho – Volume 1. Curitiba: Encontrão, 1994, p. 94.

[41] CANALES, Wilfredo. No Princípio Era o Verbo Todo o Evangelho – Volume 1. Curitiba: Encontrão, 1994, p. 163.

[42] WARREN, Rick. Uma Igreja com Propósitos. São Paulo: Vida, 1998, p. 186.

[43] MCGAVRAN, Donald. Compreendendo o Crescimento da Igreja. São Paulo: Sepal, 2001, p. 358.

[44] BARNA, George. Igrejas Amigáveis e Acolhedoras. São Paulo: Abba Press, 2001, p. 100.

6 Desenvolvendo Pequenos Grupos na Cidade

Talvez o método evangelístico mais eficaz para o contexto urbano em termos de conversão e consolidação de novos convertidos seja o sistema de pequenos grupos.

Infelizmente, pelo fato de alguns segmentos do meio evangélico estarem utilizando esse sistema de forma equivocada, inserindo práticas antibíblicas, muitas igrejas têm aversão só em ouvir falar sobre esse sistema, também conhecido como células. Todavia, não podemos deixar de falar sobre esse método, que tem sido eficaz na evangelização urbana e tem levado muitas igrejas a terem um grande crescimento de forma consistente. Não queremos aqui estabelecer um padrão que seja absoluto, pois o sistema de pequenos grupos não é apenas um método, mas também é, antes de tudo, um princípio bíblico. O que apresentaremos neste capítulo são algumas sugestões e dicas sobre os pequenos grupos.

Muitas igrejas já tentaram trabalhar com o sistema de pequenos grupos e não foram bem-sucedidas no seu desenvolvimento, achando que ele é ineficaz; porém existem algumas razões que podem fazer com que o sistema não funcione. Eis alguns:

- Falta de interesse do pastor da igreja como agente motivador e implementador do processo.
- Não esperar tempo suficiente para que a igreja possa assimilar os princípios dos pequenos grupos e começar a participar de modo ativo,

principalmente se for uma igreja dirigida por programas.

- Estabelecer o trabalho de pequenos grupos, realizando reuniões nos lares, sem objetivos e alvos definidos.

I. REVENDO ALGUNS CONCEITOS ECLESIÁSTICOS TRADICIONAIS

Para que o trabalho de pequenos grupos possa ter êxito, é preciso mudar pelo menos dois conceitos tradicionais na maneira de ser igreja. Como não estamos abertos a mudanças, somos resistentes a elas. Verificaremos agora os conceitos ou paradigmas que precisamos mudar:

1. O Templo

Esse é o primeiro conceito tradicional em nossa maneira de ser igreja.

O templo é algo fundamental para a igreja evangélica de nossos dias; tanto é verdade que o conceito de igreja ficou estreitamente relacionado com o templo. Para muitas pessoas, a igreja é o templo. Hoje em dia, corremos o risco de cair no templocentrismo, isto é, centralizar ou relacionar ao templo tudo o que diz respeito à nossa caminhada de fé. Foi isso que aconteceu com o povo de Israel quando começou a atribuir ao Templo de Jerusalém uma importância maior do que devia, chegando ao ponto de afirmar que, fora dele, Deus não podia agir. Jesus quebrou esse conceito, dizendo que ele era maior do que o Templo e que Deus não estava confinado dentro das estruturas religiosas do povo, mas, sim, que é um Deus livre para agir como quer.

O apóstolo Paulo diz que Deus não habita em templos feitos por mãos humanas, assim como os deuses gregos, que habitavam nos templos ou nas colinas da Grécia.

Na época da Igreja Primitiva, se fôssemos a uma cidade já alcançada pelo Evangelho e perguntássemos onde ficava a igreja, seríamos levados a um grupo de cristãos reunidos em uma casa.

Os cristãos só aderiram ao templo depois da conversão do imperador Constantino, o Grande (272–337 d.C.), coisa que levou muitos anos depois. Por essa razão, Constantino estabeleceu o cristianismo como religião oficial do império, e já sabemos o que aconteceu.

O que estou querendo dizer é que a Igreja/povo de Deus pode sobreviver mesmo sem ter templos para congregar, pois, nos dias atuais, não há liberdade religiosa em alguns lugares. É o caso da China, em que a igreja está crescendo mesmo sem templos. Então, surge uma pergunta: o que fazer dos nossos templos? Não podemos adotar uma postura radical, dizendo que os templos não têm importância. O que nós não podemos é restringir nossa vida cristã no espaço físico do templo, pois devemos vivê-la de forma dinâmica e produtiva. Os pequenos grupos são uma maneira de vivermos esse estilo de vida cristã.

2. O Ministério Pastoral

O segundo conceito que precisamos mudar é o de ministério pastoral.

No Antigo Testamento, tanto o lugar de adoração quanto o ministério daqueles que eram responsáveis pelos ofícios do culto era centralizado. O culto ocorria em um lugar específico, que era o Tabernáculo ou o Templo; o sacerdócio centralizava-se num grupo específico, isto é, os sacerdotes.

Após Jesus ter morrido na cruz, Ele tornou-se o perfeito sacerdote, abrindo um novo e vivo caminho para que todos possam chegar-se a Deus e, assim, exercer o ministério que foi concedido por Ele.

Ainda hoje, a liderança cristã é centralizadora em muitas igrejas evangélicas, onde o pastor é um faz-tudo. Há muitos pastores que possuem

múltiplas capacidades: pregam, oram, visitam, evangelizam, aconselham, levantam recursos, administram e constroem. Esses pastores fazem todas essas e muitas outras coisas, mas, muitas vezes, o que eles menos fazem é pastorear o seu povo. Muitos se tornam um super-homem casado com a mulher-maravilha — que, geralmente, não tem nome, sendo conhecida apenas como a "mulher do pastor". Esses pastores tornam-se orgulhosos pelo fato de a igreja depender inteiramente deles, até que chega um momento em que as forças físicas, espirituais e emocionais esgotam-se e eles precisam tomar uma decisão: ou mudam a maneira de trabalhar ou, então, devem deixar o ministério. Isso demonstra aquilo que diz uma pesquisa realizada entre pastores, em que muitos estão frustrados, desgastados e estressados por causa do ministério pastoral.

Só depois desse momento é que esses pastores percebem que, diante deles, em todos os cultos em que ministram, existem dezenas de pessoas membros da Igreja que o Senhor Deus também capacitou com dons ministeriais e que, caso fossem treinados pelos seus líderes, ajudariam a levar a carga da obra que pesa sobre os seus ombros.

Precisamos fazer uma distinção entre o ministério de pastor da igreja e o ministério pastoral da igreja. O ministério de pastor é dado ao pastor/líder da igreja; o ministério pastoral da igreja é dado a todos aqueles que colocam os seus dons e talentos à disposição para exercer os seus ministérios para o crescimento e o desenvolvimento da igreja local.

O sistema de pequenos grupos possibilita aos leigos da igreja a ajudar os seus pastores nas atividades ministeriais.

2.1. Moisés: a lição do deserto

Moisés era pastor do povo de Israel no deserto. Apesar de ser um homem de Deus, Moisés não estava conseguindo atender a todas as

necessidades do povo de Israel, ainda que ele houvesse tentado. O seu sogro viu que ele estava à beira de um enfarto, então lhe aconselhou:

> E aconteceu que, ao outro dia, Moisés assentou-se para julgar o povo; e o povo estava em pé diante de Moisés desde a manhã até à tarde. Vendo, pois, o sogro de Moisés tudo o que ele fazia ao povo, disse: Que é isto que tu fazes ao povo? Por que te assentas só, e todo o povo está em pé diante de ti, desde a manhã até à tarde? Então, disse Moisés a seu sogro: É porque este povo vem a mim para consultar a Deus. Quando tem algum negócio, vem a mim, para que eu julgue entre um e outro e lhes declare os estatutos de Deus e as suas leis. O sogro de Moisés, porém, lhe disse: Não é bom o que fazes. Totalmente desfalecerás, assim tu como este povo que está contigo; porque este negócio é mui difícil para ti; tu só não o podes fazer. Ouve agora a minha voz; eu te aconselharei, e Deus será contigo. Sê tu pelo povo diante de Deus e leva tu as coisas a Deus; e declara-lhes os estatutos e as leis e faze-lhes saber o caminho em que devem andar e a obra que devem fazer. E tu, dentre todo o povo, procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; e põe-nos sobre eles por maiorais de mil, maiorais de cem, maiorais de cinquenta e maiorais de dez; para que julguem este povo em todo o tempo, e seja que todo negócio grave tragam a ti, mas todo negócio pequeno eles o julguem; assim, a ti mesmo te aliviarás da carga, e eles a levarão contigo. Se isto fizeres, e Deus to mandar, poderás, então, subsistir; assim também todo este povo em paz virá ao seu lugar. E Moisés deu ouvidos à voz de seu sogro e fez tudo quanto tinha dito; e escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os pôs por cabeças sobre o povo: maiorais de mil e maiorais de cem, maiorais de cinquenta e maiorais de dez. E eles julgaram o povo em todo tempo; o negócio árduo traziam a Moisés, e todo negócio pequeno julgavam eles. Então, despediu Moisés o seu sogro, o qual se foi à sua terra. (Êx 18.13-27)

Quando queremos fazer o trabalho sozinhos, desgastamo-nos e não produzimos o suficiente.

II. FUNDAMENTOS NEOTESTAMENTÁRIOS PARA OS PEQUENOS GRUPOS

1. No Ministério de Jesus

Por três anos e meio, Jesus ministrou no planeta Terra. Ele não começou com multidões, mas com o seu pequeno grupo de discípulos. Jesus focalizou num pequeno grupo, sabendo que poderia finalmente alcançar as

multidões por meio dele. Assim como Jesus, a Igreja Primitiva também se organizou em pequenos grupos.

A ideia de comunidade estava no coração do ministério de pequenos grupos de Jesus. No seu ministério, Ele tinha interesse de a comunidade ser desenvolvida entre os seus seguidores. Cristo sabia que, se os seus seguidores não tivessem um relacionamento fraterno uns com os outros, jamais conseguiriam trazer outros à comunidade. É por esse motivo que Ele passou tanto tempo buscando desenvolver a genuína comunidade entre os seguidores disfuncionais que chamara ao ministério. Jesus desejava que os seus seguidores se multiplicassem após a descida do Espírito Santo. Comunidades genuínas e saudáveis se reproduzirão. Portanto, um pequeno grupo ou igreja que não esteja em reprodução, estabelecendo novas comunidades relacionais, é uma igreja enferma. Simplesmente ter pequenos grupos numa igreja não gera comunidade. Essas comunidades precisam se reproduzir.

2. Na Igreja Primitiva

O ministério de pequenos grupos nos lares não é nenhuma novidade: nasceu com a Igreja Primitiva.

A Igreja Primitiva iniciou a sua existência em um lar (At 1.13). O cenáculo era uma grande sala de jantar — provavelmente era na casa da mãe de Marcos, conforme Atos 12.12. Naquele lar, quando os primeiros cristãos estavam em oração pela primeira vez, receberam o batismo com o Espírito Santo.

O livro de Atos mostra-nos que os primeiros cristãos tinham o hábito de reunirem-se nas casas para realizarem os seus cultos de celebração. Foi em uma casa que Dorcas foi ressuscitada (At 9.36-43). Foi na sua própria casa que o centurião Cornélio aceitou a Cristo e o Espírito Santo foi derramado

sobre os gentios (At 10). Após ser liberto da prisão, Pedro foi à casa de Maria, mãe de Marcos, onde estava havendo uma reunião de oração pelo seu livramento (At 12.12).

3. A igreja nos lares no ministério de Paulo

Paulo foi cheio do Espírito Santo na casa de Judas (At 9.11,17). A casa de Lídia foi um lugar de refúgio depois que Paulo saiu da prisão de Filipos (At 16.40). Na cidade de Éfeso, durante dois anos, Paulo discipulou pequenos grupos diariamente em uma escola que pertencia a um homem chamado Tirano (At 19.8-12). Em Trôade, Paulo ministrou a palavra no cenáculo de uma casa (At 20.7-12). Aos anciãos de Éfeso, Paulo disse: "Como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar e ensinar publicamente e pelas casas" (At 20.20).

Foi na casa do evangelista Felipe que Paulo recebeu uma profecia acerca do futuro do seu ministério (At 21.8-15). Em Roma, Paulo ministrava às pessoas na sua própria casa (At 28.16,23). Nas suas cartas apostólicas, Paulo menciona três igrejas que funcionavam nos lares, sendo elas:

a) Na casa de Priscila e Áquila (Rm 16.3,5 e 1 Co 16.19).
b) Na casa de Ninfa (Cl 4.15).
c) Na casa de Filemom (Fm 3).

III. CARACTERÍSTICAS DOS PEQUENOS GRUPOS

1. O que não São Pequenos Grupos

Antes de definirmos o que realmente são pequenos grupos, precisamos saber o que *não* são os pequenos grupos.

a) Pequenos grupos não é apenas uma reunião social, embora haja sociabilidade entre as pessoas do grupo.

b) Pequenos grupos não é apenas uma reunião doméstica, embora tais grupos possam reunir-se nos lares.

c) Pequenos grupos não é apenas um centro de caridade, embora possa haver atos de caridade.

d) Pequenos grupos não é apenas uma reunião de oração, embora haja momentos de oração nas suas reuniões.

e) Pequenos grupos não é outro culto da igreja, embora possa haver cântico de hinos, oração e mensagem nas reuniões.

f) Pequenos grupos não é uma inovação, mas já era um princípio praticado pela Igreja Primitiva.

g) Pequenos grupos não é um substituto para as reuniões normais da igreja. Muito pelo contrário, constitui-se, quando bem utilizado, uma maneira de estabelecer contatos com pessoas não convertidas e levá-las aos cultos da igreja.

2. Então o que São os Pequenos Grupos?

Em primeiro lugar, é um pequeno grupo de crentes que se unem para adorar a Deus, desenvolver uma vida de comunhão, edificar a fé pelo estudo da Bíblia, compartilhar as suas necessidades e experiências, e evangelizar as pessoas ainda não salvas. Em segundo lugar, é um sistema que proporciona o crescimento contínuo e permanente da Igreja, tendo como base o trabalho de indivíduos inspirados, treinados e equipados para o discipulado.

IV. QUAIS AS VANTAGENS DOS PEQUENOS GRUPOS?

Howard Snyder,[45] missiólogo estudioso dos princípios dos pequenos grupos, fala sobre oito vantagens dos pequenos grupos para a estrutura da igreja local.

1. É Flexível

Como o grupo é pequeno, é fácil mudar os seus procedimentos ou funções para enfrentar situações novas ou para alcançar objetivos diferentes.

2. Tem Mobilidade

O grupo pode reunir-se em casa, escritório ou loja; quase em qualquer lugar.

3. É Inclusivo

Os pequenos grupos podem demonstrar uma abertura que atraia pessoas que a igreja, a princípio, não atrai.

4. É Pessoal

A comunicação cristã sofre de impessoalidade; porém, num pequeno grupo, pessoas encontram pessoas, e a comunicação acontece em nível pessoal.

5. Pode Crescer por Multiplicação

O pequeno grupo só é eficaz enquanto for pequeno, mas, ao crescer, pode reproduzir-se facilmente. Falaremos sobre isso mais adiante.

6. É um Eficaz Meio de Evangelização

A evangelização mais eficaz em um mundo cada vez mais urbanizado utilizará pequenos grupos como metodologia básica.

7. Requer um Mínimo de Líderes Profissionais

Muitos membros de igrejas que nunca poderiam dirigir um coral, pregar um sermão ou liderar um grupo de jovens podem liderar um pequeno grupo.

8. É Adaptável à Igreja Institucional

O pequeno grupo não requer a derrubada da igreja organizada. É possível introduzir pequenos grupos sem descartar ou abalar a igreja.

V. AS FUNÇÕES DOS PEQUENOS GRUPOS

Agora veremos em que consiste a importância dos pequenos grupos.

a) Adoração

Nos pequenos grupos, deve haver sempre uma atitude de adoração cujo foco é voltado para ministrar ao Senhor por meio do louvor e de palavras de gratidão. É necessário que as pessoas que estão liderando o pequeno grupo sejam sensíveis e cheias do Espírito Santo para conduzirem esse momento muito especial da reunião.

b) Comunhão

Um dos grandes problemas da sociedade moderna é a despersonalização, em que as pessoas tornam-se apenas uma no meio da multidão. Esse fato também ocorre na igreja, principalmente nas grandes igrejas, cuja dinâmica depende quase que exclusivamente da personalidade do seu líder. Nesse tipo de igreja, as pessoas são meras espectadoras. No entanto, por meio dos pequenos grupos, é possível ter um contato mais personalizado e uma maior

comunhão entre os participantes do conjunto. Sendo assim, poderá haver uma ajuda mútua, onde se cumpre a expressão muito repetida na Bíblia: “uns aos outros”.

c) Gerar novos líderes

Por intermédio dos pequenos grupos, muitos cristãos podem descobrir os seus ministérios por meio da ministração aos outros participantes do grupo. Ali eles vencem as barreiras e passam a perceber que Deus também pode usá-los para realizar a sua obra.

d) Mobilizar toda a igreja para participar da evangelização

Esse é o principal objetivo dos pequenos grupos: a evangelização. Por meio deles, toda a igreja pode participar, sendo mobilizada para a evangelização de parentes e amigos. O pequeno grupo só será eficaz na sua missão se evangelizar os pecadores, conquistando-os mediante a pregação do Evangelho.

VI. A DINÂMICA DOS PEQUENOS GRUPOS

1. Liderança

Os líderes dos pequenos grupos normalmente são os leigos da igreja. Por leigo, refiro-me a membros da igreja que ainda não foram consagrados oficialmente ao ministério. Todo pastor de igreja precisa reconhecer que tem de valorizar essas pessoas, canalizando os seus potenciais para a evangelização. Paulo disse que Deus deu os ministros à Igreja com o propósito de aperfeiçoar os santos no exercício do ministério.

O pastor David Yonggi Cho disse que, no início do trabalho de grupos familiares na sua igreja na Coreia do Sul, os grupos eram inicialmente

liderados pelas irmãs, que, treinadas por ele, desempenharam com sucesso a liderança dos grupos familiares.

1.1. Qualificações dos líderes de pequenos grupos

a) Entusiasmo

Os líderes dos pequenos grupos devem ser pessoas entusiasmadas e contagiar os participantes com o seu entusiasmo; caso contrário, ninguém vai querer fazer parte de um grupo onde o líder vive sempre desanimado.

b) Bom testemunho

Para ser um líder em qualquer esfera da vida cristã, a pessoa escolhida precisa dar bom testemunho de um fiel e verdadeiro(a) servo(a) de Deus. Algumas reuniões do grupo serão realizadas na casa desse líder, e essa pessoa não pode ter nenhum constrangimento em convidar os vizinhos. Como fará isso se não der bom testemunho onde mora?

c) Dedicação

A pessoa que lidera um pequeno grupo deve ser um cristão dedicado, participando das demais atividades da igreja e preservando a unidade da mesma.

d) Ser cheio do Espírito Santo

A plenitude do Espírito Santo é algo indispensável no exercício da liderança, e isso não é diferente no trabalho de pequenos grupos. Ali,

o líder encontrará pessoas com problemas e dificuldades e que precisarão da sua ajuda. É nesses momentos que o Espírito Santo ministrará a sua bênção aos membros do grupo por meio da pessoa que estiver na liderança.

e) Treinamento

Os líderes precisam ser treinados para dirigirem os pequenos grupos. Eles são pessoas importantes para o crescimento e desenvolvimento da igreja; por isso, o seu treinamento é indispensável.

f) Submissão

É preciso verificar a submissão de um líder de pequenos grupos, se ele é responsável para prestar periodicamente relatórios de tudo o que está acontecendo nas reuniões. Líderes devem sujeitar-se às determinações da igreja e dos seus líderes superiores.

g) Disciplina

Os líderes são responsáveis por manter a ordem e a disciplina das reuniões. Contendas, dissensões e quaisquer tumultos devem ser evitados ou controlados. As reuniões deverão iniciar no horário regulamentar e terão duração máxima de uma hora. Com todo empenho e esforço, o trabalho deve ser desenvolvido com o propósito de alcançar as metas de crescimento estabelecidas.

1.2. A missão dos líderes

a) Supervisionar o crescimento espiritual dos crentes.

b) Encorajá-los na comunhão.

c) Não se intrometer nos assuntos pessoais dos membros — a menos que seja solicitado.

d) Ensinar a cada crente a depender do Espírito Santo.

e) Orientar cada membro no desenvolvimento da sua fé.

f) Basear a sua autoridade no amor.

g) Planejar o trabalho com vistas aos alvos estabelecidos.

h) Acompanhar o desenvolvimento do trabalho.

i) Realizar avaliações frequentemente.

j) Efetuar as correções necessárias, com vistas a um maior nível de eficiência.

l) Baseado nas experiências dos membros do pequeno grupo e nas necessidades existentes na sua área de atuação, coordenar a elaboração das estratégias para obter os resultados almejados.

m) Aprimorar os seus conhecimentos, buscando melhores índices de produtividade.

n) Ministrar o ensino nas reuniões do grupo.

o) Motivar novas vocações.

p) Conduzir os membros do pequeno grupo a uma plena integração na igreja.

VII. A FORMAÇÃO DOS PEQUENOS GRUPOS

Cada grupo é composto de, no mínimo, cinco pessoas. Não existe limite para o seu crescimento, tal como o corpo que se desenvolve por meio da multiplicação celular. Cada grupo não deve ultrapassar o número de 15 pessoas, pois, tendo a assistência de mais pessoas do que esse número, já é possível a multiplicação.

VIII. O PROCESSO DE MULTIPLICAÇÃO DOS PEQUENOS GRUPOS

A multiplicação do grupo procede da seguinte maneira: metade do grupo permanece no grupo original, e as demais dão início a outro grupo. Esse é o procedimento normal, porém cada ministério deve observar a sua realidade sem prejudicar o trabalho que está sendo implantado.

É imprescindível, porém, que o líder que estiver no comando do novo grupo já tenha sido treinado para liderá-lo.

IX. A PROGRAMAÇÃO DOS PEQUENOS GRUPOS: MODELO DE UMA REUNIÃO DE PEQUENO GRUPO

1. Início com Louvor e Adoração

a) Oração de abertura
b) Louvor a Deus
c) Tempo: 5 minutos

2. Estudo Bíblico

a) Exposição da mensagem do dia
b) Oração pelos necessitados
c) Tempo: 45 minutos

3. Apresentação dos Visitantes

a) Tempo: 5 minutos

4. Encerramento

a) Louvor
b) Despedida

c) Bênção apostólica

d) Tempo: 5 minutos

e) Duração total da reunião: 60 minutos

X. O SUCESSO DOS PEQUENOS GRUPOS

O pastor David Yonggi Cho,[46] que pastoreou por muitos anos a maior igreja evangélica do mundo, que teve um crescimento extraordinário por meio de grupos familiares, mostra-nos quatro pontos-chave práticos para o sucesso daqueles que desejam realizar um trabalho eficaz mediante os grupos familiares. São eles:

1. Eficácia em Ganhar Almas

a) Ter o desejo ardente de ganhar almas.

b) Escolher uma pessoa específica a quem vamos testemunhar sobre Jesus.

c) Preparar-se de antemão com muita oração por aquela alma a ser ganha para Cristo.

d) Estabelecer alguns contatos sociais com antecedência antes de testemunhar.

e) Diagnosticar as necessidades imediatas da pessoa.

f) Compartilhar os testemunhos de outras pessoas que venceram dificuldades semelhantes.

g) Depois que essa pessoa aceitar a Cristo, cuidar do seu crescimento espiritual por, pelo menos, três meses.

2. Oração pelos Membros do Pequeno Grupo

a) Orar pelos doentes.

b) Orar pela solução dos problemas pessoais dos membros.

c) Orar pelas metas e desejos pessoais das suas vidas.

d) Orar pela plenitude do Espírito Santo.

3. Aconselhamento Eficaz para os Membros do Pequeno Grupo

a) Deixar que os membros falem tanto quanto possível.

b) Tirar os olhos deles da situação em que se encontram e transferi-los para Jesus.

c) Dar-lhes orientação fundamental com base na Palavra de Deus.

d) Antes de concluir o aconselhamento, sempre orar juntos.

e) Animar o membro a ter uma fé positiva.

4. Pontos a Lembrar no Ministério de Pequenos Grupos

a) Sempre proteger os membros para não se desviarem.

b) Sempre evitar conversa improdutiva e desnecessária.

c) Sempre evitar transações financeiras entre os membros do grupo familiar.

---

[45] SNYDER, Howard. Vinho Novo, Odres Novos. São Paulo: ABU, 2002, p. 171.

[46] CHO, David Yonggi. Manual de Estudos para Grupos Familiares. São Paulo: Vida, 2001, p. 9.

7 Alcançando os Pobres da Cidade

Não há como pensarmos em missão urbana sem fazê-la sob a perspectiva da missão integral, que é o agir da igreja com base na Palavra de Deus, demonstrando de forma prática a sua compaixão pelo ser humano, procurando restaurá-lo e transformá-lo em todas as dimensões da sua vida, e não somente na dimensão espiritual.

Uma das principais características das cidades é a vida pobre, miserável e excludente em que vivem milhões de pessoas que ocupam o espaço urbano. Por isso, a Igreja deve ser um instrumento de Deus e mediadora de processos de transformação social.

I. DESIGUALDADE SOCIAL

1. Análise Social

Processo de desigualdade social

Vivemos numa sociedade capitalista onde os detentores das riquezas querem cada vez mais aumentar esse capital. Por isso, desde o início da sociedade capitalista, as relações sociais passaram a ser através de classes sociais, isto é, os detentores dos meios de produção diferem daqueles que trabalham para produzir os produtos de consumo para o mercado. No entanto, o fato que nos interessa neste momento é que a divisão da sociedade em classes sociais expressa a existência de uma hierarquia. Os grupos sociais predominantes são mantidos através do poder.

Nesse processo, a sociedade não é mais pensada na perspectiva das necessidades coletivas, e sim dos interesses individuais. Portanto, o modo de produção capitalista fundamenta-se na exploração de uma classe sobre a outra, ou seja, a proprietária dos meios de produção (capital) explora a que possui a força de trabalho. Enquanto os donos do capital têm a possibilidade de acumular cada vez mais grandes riquezas, aqueles que produzem essas riquezas ganham somente o suficiente para viver e continuar produzindo essas riquezas. Esse processo, por sua vez, acabará gerando desigualdade social entre as pessoas, onde poucos ganham muitíssimo, e muitos ganham pouco ou quase nada se comparado às riquezas que são produzidas.

Também vale ressaltar que o que gera a desigualdade social não é somente a posse ou não dos bens materiais, mas também a ausência de participação das classes menos favorecidas nos espaços políticos de tomada de decisão quanto aos bens gerados pela sociedade.

A pobreza e a sua reprodução

a) A pobreza

Como vimos anteriormente, o atual sistema em que vivemos hoje acaba gerando desigualdade social entre as classes. Além disso, essa desigualdade, por sua vez, gera a pobreza. Mas o que, de fato, é a pobreza?

De forma geral, costumamos dizer que pobreza é a falta de bens materiais. No entanto, esse conceito tem dimensões e implicações que extrapolam as condições materiais necessárias à existência de homens e mulheres na sociedade capitalista.

Em primeiro lugar, é importante compreender a pobreza como um fenômeno multidimensional.

Em segundo lugar, a pobreza é o resultado de um processo histórico de desapropriação das classes sociais politicamente desprivilegiadas.

A pobreza, então, está relacionada à desigualdade social, que se foi instalando e, cada vez mais, distanciando as camadas populares dos espaços de decisão na esfera política da sociedade.

b) A reprodução da pobreza

Se a pobreza é um fenômeno multidimensional, como perceber essas várias dimensões? Tomaremos como exemplo as crianças e os jovens.

Observando a sociedade como um todo, podemos identificar determinadas situações a que alguns jovens e crianças estão submetidos por conta da situação social em que se encontram as suas famílias. Entre elas, destacamos:

- Pais e mães com pouca escolaridade.
- Risco constante do desemprego. Isso ocorre não somente pelo modelo econômico baseado na automação e redução dos custos, como também pela falta de qualificação para o trabalho.
- Baixos salários, resultando em pouco poder aquisitivo.
- A falta de condições adequadas no atendimento à saúde, incluindo a preventiva.
- As precárias condições de moradia.
- A violência doméstica e urbana.
- A falta de acesso aos bens culturais e lazer.
- A evasão escolar.
- A busca pelo primeiro emprego.

• O trabalho infantil.

Olhando para as condições acima, surge uma pergunta: quais seriam as possibilidades desses jovens e crianças produzirem melhores condições de existência do que aquelas que eles já vivem? As crianças e os jovens que nascerem, viverem e forem formados dentro desse contexto de pobreza, com raras exceções, acabarão por reproduzir o mesmo modelo de vida. Isso acabará ou se repetindo ou se reproduzindo por longo tempo dentro dessas famílias.

As políticas educacionais são consideradas fundamentais para intervir nessa realidade adversa, que gera um ciclo de reprodução de pobreza. No entanto, precisam ser acompanhadas de ações nos outros setores que mantêm o ciclo da pobreza. Também se deve formar um programa consistente e dotado de "vontade política" clara e verdadeira no combate à pobreza e, consequentemente, à exclusão social.

2. Análise Teológica

Desigualdade social não é um tema somente sociológico, mas também teológico, pois, desde os tempos bíblicos, já existiam pessoas que sofriam privações causadas pelas injustiças sociais daquela sociedade.

Segundo Uwe Wegner,[47] que analisou a questão da pobreza na Bíblia, no período em que o povo de Israel peregrinou no deserto, a pobreza não chegou a representar um grande problema para a nação, pois existia um forte sentimento de solidariedade e ajuda mútua entre as tribos. Com a conquista da terra de Canaã e com a fixação das tribos nos seus respectivos territórios, os problemas de desigualdade social iniciaram-se. Os israelitas começaram a dominar as técnicas de produção agrícola e, com a ampliação da sua pecuária, começou a haver a ascensão social de alguns mais do que

outros, surgindo, assim, as primeiras desigualdades sociais entre a nação. Outro fator para que isso acontecesse foi o fato de que os israelitas também se adaptaram ao estilo de vida com desníveis sociais em que viviam os cananeus, que anteriormente ocupavam as cidades de Canaã e que não foram totalmente expulsos por Israel. Sendo assim, eles esqueceram-se da advertência divina:

> Quando o Senhor, teu Deus, te tiver introduzido na terra, a qual passas a possuir, e tiver lançado fora muitas nações de diante de ti, os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; e o Senhor, teu Deus, as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas concerto, nem terás piedade delas; nem te aparentarás com elas; não darás tuas filhas a seus filhos e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois elas fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós e depressa vos consumiria. (Dt 7.1-4)

Depois, com o surgimento do sistema de governo monárquico em Israel, as desigualdades sociais e o agravamento da pobreza tornaram-se mais intensos na nação. Isso se deu por vários fatores, entre eles:

a) Cobrança de pesados impostos para manter a máquina estatal (1 Sm 8.11; 1 Rs 12.3, 14; Am 5.11; 7.1)

b) Exploração comercial (Mq 6.11; Os 12.8; Am 8.4- 6)

c) O surgimento de latifúndios e o acúmulo de riquezas e propriedades. Estas desarraigavam os agricultores da sua fonte original de renda (Is 5.8; 65.21; Jr 17.11; Mq 2.1-3).

d) A corrupção da justiça (Is 1.23; 10.1,2; 32.7; Jr 5.28; 22.16; Mq 3.11; 7.3; Am 2.6; 5.10 6.12).

e) A cobrança de juros extorsivos (Êx 22.25; Lv 25.35-38; Dt 23.20; Ez 18.8,13,17).

Todos esses fatores causaram extrema desigualdade social em Israel, levando, dessa forma, muitas pessoas a contrair dívidas, e, por isso, acabavam vendendo as suas terras e submetendo-se a trabalhar como escravos. Nessa época, muitos até passavam a mendigar para poderem sobreviver. Mais uma vez, a história repete-se: a pobreza surgindo como consequência da desigualdade social.

Os pobres na Bíblia

Através desta tabela, veremos as definições etimológicas no hebraico dos pobres da Bíblia no Antigo Testamento:

Textos legais, históricos e proféticos			**Textos sapienciais**	
ani	ebyon	dal	Resh/Rush	haser
Todos esses termos hebraicos referem-se a pessoas com carências de bens, em estado de penúria e, consequentemente, debilidade física e marginalidade social.			Esses termos referem-se aos pobres como pessoas carentes, tanto no aspecto material como espiritual.	

a) Quem eram os pobres?

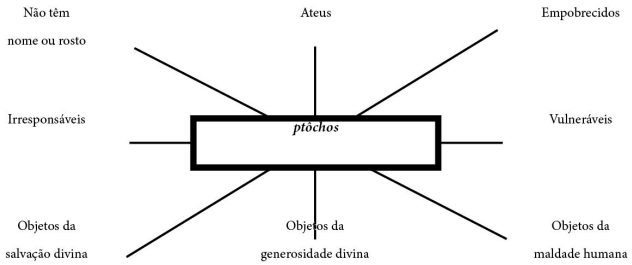
1º No Antigo testamento

Ófãos, viúvas, estrangeiros, idosos, assalariados diaristas e escravos.

2º No Novo Testamento

Principalmente nos Evangelhos, aparecem várias classes de pessoas pobres. Jorge Barro[48] mostra nove grupos marginalizados citados no Evangelho de Lucas que foram ministrados por Jesus. São eles: os cativos, os machucados, os cegos, os surdos-mudos, os coxos, os leprosos, os aleijados, os mortos e os pobres.

Dentro da teologia lucana, o termo mais forte para evidenciar o pobre é *ptôchos*, cujo significado é demostrado pelo gráfico abaixo:[49]



II. A RESPONSABILIDADE SOCIAL CRISTÃ

1. Pacto de Lausanne – Artigo 5º: A Responsabilidade Social Cristã

> Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela reconciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus; toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade, possui uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem ação social a evangelização, nem a libertação política uma salvação, afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão. Pois ambos são necessárias expressões e são nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, de nosso amor por nosso próximo e de nossa obediência a Jesus Cristo. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre forma de alienação, de opressão e de discriminação; e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu Reino e devem procurar não só evidenciar, mas também divulgar a retidão do mesmo Reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.[50]

Desde que essas palavras foram escritas pela primeira vez no Congresso Mundial de Evangelização ocorrido no ano de 1974, em Lausanne (Suíça), tem-se discutido muito o tema “evangelização e ação social”. Infelizmente, embora o tema já venha sendo tratado há algum tempo, a igreja evangélica brasileira ainda não sabe, pelo menos não de forma plena, como fazer missão de maneira integral.

Ainda permanecemos questionando se é missão da igreja envolver-se em questões sociais, mesmo tendo farto material teológico e histórico do engajamento dos servos de Deus nas questões sociais nas suas respectivas épocas como parte do cumprimento da missão de Deus para as suas vidas. Entretanto, por que ainda temos dúvidas acerca dessa verdade? O teólogo britânico Jonh Stott (1921–2011)[51] dá cinco razões pelas quais a Igreja vem resistindo, com raras exceções, a assumir uma postura mais arrojada no seu engajamento nas questões sociais de nossa sociedade.

A primeira razão, segundo Stott, é que, no início do século passado, tanto as igrejas europeias quanto as americanas estavam sendo fortemente influenciadas pela teologia liberal, que vinha questionando verdades fundamentais da fé cristã. Por causa disso, as igrejas evangélicas começaram a ficar mais preocupadas em fazer apologia da fé cristã, não restando espaço nas suas agendas para preocupações de cunho social nas suas comunidades.

A segunda razão, bastante ligada à primeira, é que os evangélicos, no combate aos ensinamentos da teologia liberal, também passaram a combater aquilo que eles intitularam "evangelho social", que era um dos principais ensinos dos teólogos liberais. E esse combate aos ensinos teológicos liberais fez com que a maioria das igrejas evangélicas americanas tivesse bastante resistência à ideia de um envolvimento dos cristãos com as questões sociais, bloqueando, dessa forma, o desenvolvimento de um "programa social evangélico". E, como a comunidade evangélica brasileira foi inicialmente formada por missionários europeus e americanos, ela também não se preocupou muito com as questões sociais, embora alguns desses missionários tenham contribuído bastante para uma cidadania de melhor qualidade em nossa nação.

A terceira razão foi que os evangélicos ficaram desiludidos com a humanidade por causa das consequências da Primeira Guerra Mundial (1914–1918). Devido aos fatos ali ocorridos, eles puderam ver o quanto os seres humanos estavam deformados pelo pecado. Sendo assim, eles acreditavam que qualquer tentativa de melhoria seria inútil para mudar a situação humana.

A quarta razão, também bastante ligada à terceira, foi a escatologia pré-milenarista predominante. Segundo ela, o mundo é irremediável. Então, quanto mais as coisas piorarem, melhor, pois, sendo assim, a vinda de Cristo estará cada vez mais próxima, e, se as coisas tendem a piorar, por que se preocupar com questões de melhoria social?

A quinta e última razão, segundo Stott, foi o crescimento dos evangélicos da classe média. Esse fator fez com que se desenvolvesse um cristianismo voltado para essa classe, deixando as classes sociais inferiores esquecidas e até mesmo rejeitadas. A exclusão dessas classes era necessária para a manutenção das classes superiores.

III. A IMPORTÂNCIA DE REALIZARMOS A MISSÃO DE FORMA INTEGRAL

A missão integral é uma estratégia fundamental para nossa missão na América Latina. Não há como pensarmos em missão urbana no Brasil sem desenvolvermos ministérios que busquem alcançar as pessoas na integralidade do seu ser. Muitos estão desiludidos com ela por não terem conseguido assumir a postura de mudança de paradigma que ela exige. Outros, ao desenvolverem esse ministério, têm recebido críticas e estão sendo taxados de socialistas revolucionários com inspirações políticas de esquerda. A própria falta de estrutura da igreja em muitos aspectos limita-a bastante no cumprimento da missão integral. Contudo, talvez o fator que

mais tem prejudicado a ação da Igreja nesse sentido é porque a igreja contemporânea está presa pelas ideologias da teologia da prosperidade, que domina o mundo evangélico com a sua proposta de sucesso e riqueza.

Missão integral não é um tema atraente, pois não fala de sucesso, riqueza, quebra de maldição, derrubada de muralhas, portas abertas, chaves, entre outros. Ao contrário desses temas, missão integral fala em dar de comer ao faminto, dar de beber ao sedento, hospedar o forasteiro, vestir o nu, visitar o enfermo e ver o que está preso (Mt 25.35,36). Tais temas não são atraentes; não é à toa que eles quase nem são mencionados em nossos púlpitos atualmente.

IV. A IGREJA COMO AGENTE DA MISSÃO INTEGRAL NA CIDADE

1. A Missão Integral da Igreja a partir da Missão de Cristo

O exemplo mais perfeito e mais impressionante de solidariedade com o pobre e miserável é o exemplo de Jesus Cristo. Ninguém é tão alto, majestoso e glorioso quanto Ele, e ninguém desceu do seu pedestal tanto quanto o Senhor. A pessoa mais empolgada com o exemplo de Jesus certamente foi o apóstolo Paulo. Aos coríntios, o ex-fariseu escreveu: “porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que, pela sua pobreza, enriquecêsseis” (2 Co 8.9).

E, aos filipenses, o apóstolo propõe a imitação do exemplo de Jesus:

> De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. (Fp 2.5-8)

A espantosa solidariedade de Jesus com os socialmente marginalizados, com os humildes e com os famintos, e não com os soberbos, poderosos e ricos, começou com a eleição de Maria para ser mãe do Salvador, com o nascimento de Jesus numa humilde estrebaria (pois não havia lugar para uma mulher grávida de 9 meses na hospedaria) e em Belém Efrata, uma das menores cidades de Judá (ver Mq 5.2).

À semelhança de João Batista, que não se vestia de roupas finas e nem transitava pelos palácios, Jesus vivia entre os pecadores, entre os famintos de pães e peixes e famintos do Pão da Vida. Ele vivia entre pessoas tomadas de alguma enfermidade ou deficiência física e de pessoas tomadas ferozmente de espíritos imundos, entre publicanos e meretrizes. Ele não tinha onde repousar a cabeça e recebia o apoio material de mulheres da Galileia, como, por exemplo, Maria Madalena, Joana e Suzana (Lc 8.1-3).

Jesus desceu ao nível do ser humano de tal modo que Ele permitiu uma "mulher pecadora" entrar na casa de um "homem santo" e mostrar publicamente a Ele toda a sua gratidão pelo perdão anteriormente obtido. Dominada por forte emoção, a mulher derramou as suas lágrimas sobre os pés de Jesus, cujas pernas estavam para trás, no assoalho, enquanto Ele comia da mesa de Simão, para, depois, enxugá-los com os próprios cabelos (Lc 7.36-50).

Jesus era alguém sempre a caminho, indo de encontro às pessoas necessitadas. O exemplo de Jesus não deve ser esquecido, jogado fora e desperdiçado. Ele é nosso padrão de comportamento.

Biblicamente falando, a Igreja deve ser a continuadora da missão de Cristo na terra; e, como tal, precisamos ser fiéis ao modelo deixado pelo Senhor Jesus. A missão integral de Cristo serve como um referencial para nossa ação missionária urbana, de maneira integral tanto no Brasil como na América Latina.

> Jesus percorria todas as cidades e povoados fazendo três coisas: (1) pregando, (2) ensinando e (3) curando. Isso demonstra a tríplice ação de Jesus: querigma, didaquê e diaconia. Através da proclamação (querigma) das Boas Novas, a Igreja apresenta a vida eterna. Através do ensino (didaquê), a Igreja educa para a vida eterna, para os valores do Reino de Deus. Através do serviço (diaconia), a Igreja demonstra o poder do Reino de Deus no "já-ainda não", revelando seu ministério de misericórdia e compaixão. Isso demostra que está preocupada com salvação, educação e ação social.[52]

O Evangelho de Cristo exige de nós essa fidelidade e, assim como Ele, encarnou-se nas estruturas sociais do seu tempo. Precisamos também estar introduzidos em nossa realidade, pois ela é bem semelhante à da Palestina dos dias de Jesus.

> Ser fiel como Igreja convida-nos a visualizar o futuro de nossos povos, partindo de uma leitura correta das realidades de injustiça que lhes são comuns. Da mesma forma como Jesus foi esperança para o povo oprimido, assim também sua Igreja na América Latina tem a missão profética de arrancar o povo do "Egito" (da escravidão) e o "Egito" (a escravidão, a desesperança) de dentro do coração do povo. Esta é a tarefa de uma igreja reconciliadora.

Como Igreja fiel à missão de Cristo, não podemos estar sujeitos às ideologias dominantes de nossa sociedade. Precisamos, sim, fazer uma leitura bíblica e contextualizada de nossa realidade para não cairmos nas garras sedutoras do Inimigo, que tem levado muitos cristãos a ser biblicamente analfabetos, não conseguindo conhecer a Cristo na sua essência. Por esse motivo, muitos estão fazendo concessões para perpetuarem o seu *status* social e denominacional, fechando os olhos para todas as injustiças da sociedade e sacrificando a ética cristã no altar da cobiça.

> A sociedade conseguiu manietar os cristãos de tal forma que eles se vêem impotentes diante das armadilhas impostas pelo mundo. Um cristão luta para ser promovido em seu emprego. Nesta sua luta, ele não sabe (ou sabe) que naquela nova posição terá que fazer alguns acordos para continuar naquele cargo. Surge então o dilema: continuo na posição atual ou aceito aquela outra, mesmo sabendo que terei de abrir mão de alguns princípios bíblicos? O tentador não quer o sangue dos cristãos derramado nas arenas do mundo, pois isso poderia produzir algum tipo de reação por parte dos mesmos. Mas, o que ele quer é a entrega silenciosa da alma, pouco a pouco, até que ele tenha o total controle do

> cristão. Esta perseguição se dá através de múltiplos oferecimentos: uma amizade com alguém mais rico; uma ajuda de alguém no alto escalão do governo; a aceitação de um presente da mulher do chefe; aceitar o convite para passar um fim de semana na casa do presidente da denominação; fechar os olhos para a injustiça que está sendo cometida com o meu chefe, porque eu sou o próximo na lista das promoções. Aos poucos, o tentador vai silenciando a voz dos cristãos. Ele vai amordaçando o ministério profético da Igreja como boca de Deus ao mundo.[53]

V. A INSERÇÃO DA IGREJA NAS COMUNIDADES CARENTES

Como agente de transformação social, a igreja evangélica precisa inserir-se nas comunidades carentes, que fazem parte do contexto das suas cidades. Para isso, porém, precisamos vencer barreiras que nos impedem de agir de maneira transformadora.

A igreja que deseja servir as comunidades carentes deve ser mediadora dos meios pelos quais essas comunidades possam resgatar a sua dignidade, e isso pode ser feito mediante o desenvolvimento comunitário, dos projetos sociais e da criação de ONGs.

1. Desenvolvimento Comunitário

Linthicum[54] fala sobre alguns princípios importantes que precisamos avaliar quando trabalhamos com o desenvolvimento comunitário a fim de transformarmos as comunidades carentes de nossa sociedade. Organização comunitária é o processo pelo qual as pessoas de uma área urbana organizam-se para tomar conta da sua situação, desenvolvendo a ideia de ser uma comunidade. Trata-se de uma ferramenta particularmente eficaz para os pobres e a classe média, na qual identificam para si mesmos as ações que precisarão para lidar com as forças essenciais que estão destruindo a sua comunidade e sociedade.

O desenvolvimento comunitário deve ser:

Relacional

O desenvolvimento comunitário começa com o relacionamento da igreja com a comunidade a ser alcançada. Esse relacionamento fortalecerá a confiança para ambos trabalharem juntos.

Pragmático

As ações devem ser baseadas não naquilo que a igreja quer fazer, mas, sim, nas necessidades da comunidade. Essas ações confrontarão os problemas sociais locais, mas também trarão satisfação tanto para a igreja quanto para a comunidade quando começarem a testemunhar as transformações que ocorrerão na vida das pessoas.

Democrático

O desenvolvimento só será, de fato, comunitário se todos os grupos que fazem parte da comunidade participarem das tomadas de decisões. Trata-se de uma forma de inclusão social, pois todos estarão envolvidos no processo de transformação da sua realidade.

Orientado para o desenvolvimento

Nesse aspecto, o desenvolvimento comunitário será efetuado de maneira "contextualizada", isto é, não obedecerá a um padrão ou modelo já estabelecido, mas será uma ação conforme a realidade de cada comunidade.

Uma organização que busca mudanças estruturais

Muito do que se faz em termos de ajuda aos necessitados são atitudes assistencialistas que tentam combater somente os efeitos, e não as causas, da injustiça social. Por isso, o desenvolvimento comunitário que visa à

transformação das comunidades carentes precisa focar a sua ação na mudança das estruturas (causas) para depois também oferecer os vários tipos de serviços para mudar as situações (efeitos) das pessoas.

Conscientizadora

Isto é, enxergar os problemas não de maneira simplista, mas de maneira sistemática.

Liderança intensiva

É preciso identificar quais são os líderes naturais e potenciais da comunidade para que estes assumam o compromisso da sua transformação.

Desenvolvimento proativo

Não esperar pelos favores dos "poderes competentes", mas antecipar-se em tomar a iniciativa pela transformação da comunidade.

VI. EXEMPLO PRÁTICO DA VISÃO MUNDIAL

1. Projeto Social

Grande parte do desenvolvimento comunitário será feito por meio de projetos sociais. Por isso, é muito importante conhecer alguns dos princípios básicos que envolvem a elaboração de um projeto social para que se possa conseguir captar recursos junto às instituições financiadoras.

Princípios básicos para a elaboração de um projeto social

Em primeiro lugar, precisamos definir claramente qual será a área de atuação e o objetivo principal do projeto, procurando não o mostrar com

aquele sensacionalismo que muitos utilizam, mas, sim, da maneira mais clara possível.

Em segundo lugar, devemos fazer por escrito uma relação do que é necessário para a execução desse projeto, incluindo os objetivos, os meios que serão utilizados para alcançá-lo, quais recursos serão necessários e como consegui-los. E, por fim, como será possível avaliar se ele foi bem-sucedido.

É preciso dividir o projeto em etapas a serem cumpridas. Essa divisão irá ajudar-nos tanto na execução do projeto como na avaliação do seu desenvolvimento, destacando seus pontos fortes e fracos.

Itens que devem constar em um projeto social

Resumo

Em uma única página, forneça as informações mais gerais sobre o projeto, principalmente no que se refere a que tipo de problema se pretende combater; a importância social de o fazer; qual é a forma e o tempo necessário para atingir o objetivo e qual é o custo previsto para isso.

Objetivos

O projeto deve apresentar a maneira de solucionar ou minimizar o problema identificado no resumo, esclarecendo o que se pretende fazer. É importante que o objetivo do seu projeto seja realista, factível e possível de ser executado no prazo nele determinado.

Método

Descreva como serão alcançados os objetivos listados anteriormente no projeto, ou seja, apresente um plano de ação claro e viável. Se houver modelos já desenvolvidos por outra entidade ou indivíduo, é importante

citá-los aqui. Dividir a metodologia em etapas é uma boa estratégia para facilitar a execução e a avaliação do projeto como um todo.

Orçamento

É importante separar o orçamento em categorias (como equipamento, pessoal, viagens, material administrativo, etc.), apresentando os dados em uma tabela, onde constem quantidade necessária, valor unitário, valor total, custo em dólares e o que mais for necessário. Todos os gastos do orçamento devem estar fortemente justificados e esclarecidos. Evite categorias que deixam dúvidas, como "gastos diversos". É preferível encaixar esses gastos em outras categorias especificadas.

VII. ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL (ONG)

1. O que É uma ONG?

As organizações não governamentais (ou também chamadas de organizações não governamentais sem fins lucrativos), também conhecidas pelo acrônimo de ONG, são associações do terceiro setor da sociedade civil, que se declaram com finalidades públicas e sem fins lucrativos, que desenvolvem ações em diferentes áreas e que geralmente mobilizam a opinião pública e o apoio da população para melhorar determinados aspectos da sociedade.

Essas organizações ainda podem complementar o trabalho do Estado, realizando ações onde ele não consegue chegar, podendo receber financiamentos e doações do mesmo e, também, de entidades privadas para tal fim.

Atualmente, estudiosos têm defendido o uso da terminologia organizações da sociedade civil para designar as mesmas instituições.

Foi utilizado pela primeira vez pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas em 1950. No Brasil, começou a ser utilizado na metade dos anos 80.

2. As ONGs cristãs e a missão integral

Já vimos anteriormente o contexto urbano em que vivemos. Agora veremos qual a importância das ONGs cristãs para a missão integral da Igreja.

As ONGs cristãs devem compartilhar com as organizações seculares as mesmas preocupações pelo bem-estar dos habitantes das suas cidades. No entanto, o que difere as ONGs cristãs das demais é o seu caráter cristocêntrico, pois nossas ações de misericórdia são motivadas pelos mandamentos de Cristo.

Muitas ONGs cristãs têm surgido em nossos dias com o propósito de ser um instrumento de Deus na promoção de uma sociedade mais justa. Nossa principal preocupação deve ser o comprometimento com a transformação de nossa sociedade, procurando servi-la como Cristo, que se fez servo de todos.

Esse compromisso significa voltar-se ao mundo com compaixão, gastar as mãos em serviço e sentir no mais profundo do ser o impulso do amor de Deus, que não pode ser sufocado.

---

[47] WEGNER, Uwe. Práticas Diaconais – Subsídios Bíblicos. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 223.

[48] BARRO, Jorge Henrique. De Cidade em Cidade. Londrina: Descoberta, 2002, p. 187.

[49] *Ibidem*, p. 200.

[50] WAGNER, C. Peter. Estratégias para o Crescimento da Igreja. São Paulo: Sepal, 1991, p. 216.

[51] STOTT, John. O Cristão em uma Sociedade não Cristã. Niterói: Vinde, 1990, p. 22.

[52] BARRO, Jorge Henrique. Ações Pastorais da Igreja com a Cidade. Londrina: Descoberta, 2000, p. 25.

[53] BARRO, Antônio Carlos. Práxis Evangélica nº 03. Londrina: Descoberta, 2003, p. 19.

[54] LINTHICUM, Robert C. Revitalizando a Igreja. São Paulo: Bom Pastor, 1996, p. 79.

8 Sendo uma Voz Profética na Cidade

A lógica urbana estabelecida no Brasil é caracterizada tanto pela marginalidade quanto pela injustiça. O espaço urbano é o cenário onde as piores demonstrações de injustiça acontecem. Todos os dias, vemos ao vivo ou pelos meios de comunicação a maneira como a iniquidade está estruturada e como ela é praticada no Brasil.

No entanto, a igreja evangélica muitas vezes fica calada diante de todos esses acontecimentos. De certa forma, parece que estamos anestesiados ou, por que não dizer, domesticados, uma vez que vemos tudo passar diante de nós e não tomamos nenhuma atitude.

Muitas vezes envolvemo-nos em causas que não produzem nenhum resultado duradouro ou transformador e, por estarmos tão envolvidos em satisfazer nossas próprias necessidades internas e institucionais, acabamos não nos envolvendo com as coisas que realmente valem a pena e que fazem parte de nossa missão.

> O ministério profético deve fazer a igreja ou comunidade correr o risco de renunciar a certas instituições por ela criadas que não mais ajudam no cumprimento de sua missão. Compete à comunidade, em sua missão profética, sair de sua aparente neutralidade, oriunda da divisão entre o material e o espiritual.[55]

Se os profetas do Antigo Testamento pudessem visitar o Brasil contemporâneo, os seus corações ficariam partidos ao verem a situação lamentável em que se encontra nosso país. Se assistissem a alguns de nossos cultos, possivelmente sentiriam náuseas ao ouvirem músicas e mensagens egocêntricas sem nenhuma pretensão em desafiar o povo de

Deus a uma ação transformadora. Se Jesus visitasse alguns de nossos templos em dias de festa, certamente viraria muitas mesas dos “cambistas” modernos que estão fazendo da casa de Deus tudo, menos um lugar de oração.

> O Evangelho tornou-se um alto negócio, e toda a sorte de estranhos pássaros estão empoleirados nos seus ramos. O culto da personalidade tornou-se um círculo vicioso, e estamos agora promovendo ministérios e mercadorias do mesmo modo que o mundo promove pasta de dentes e carros usados.[56]

É dentro dessa perspectiva de um ministério profético baseado na vida dos profetas do Antigo Testamento que pretendo apresentar neste capítulo algumas propostas para o ministério profético da Igreja no contexto urbano. Espero que os temas que incomodavam os profetas e que os levaram a denunciar os pecados da sua época e a agir profeticamente possam falar alto em nossos corações para desenvolvermos esse ministério tão fundamental, porém cada vez mais raro em nossos dias.

I. A PESSOA DO PROFETA

Embora não pareça, trazer uma definição ou descrever um profeta não é tão fácil, pois eles não são uniformes no sentido de obedecerem a um único padrão. Todos foram convocados a exercer o ministério em realidades específicas com mensagens específicas. Contudo, tentaremos sistematizar algumas das características em comum entre eles.

1. O Profeta É alguém Vocacionado por Deus

Desde que o Senhor chamou Samuel quando este ainda era criança e servia o sacerdote Eli em Siló, podemos ver que o ministério profético é uma iniciativa divina. Não é o homem quem escolhe ser profeta, mas é Deus quem determina isso.

Essa determinação divina ao vocacionado muitas vezes ocorre num momento de confronto, em que o Deus que chama não deixa nenhuma alternativa àquele que é chamado, mesmo que se apresente uma lista de desculpas, como foi o caso de Moisés, ou se apresente a sua imaturidade, como fez Jeremias. Muitas vezes, somos enviados, encarregados de uma missão mesmo a contragosto; seja porque nos sentimos indignos de ser mensageiros de Deus, seja porque prevemos que a mensagem não será bem acolhida. Não nos tornamos, portanto, profetas por iniciativa própria.

Especificamente no caso de Jeremias, o Senhor disse que, antes de ele existir como pessoa, já existia na sua mente. Com essas palavras, Deus deixa bem claro a Jeremias que a única funcionalidade da sua existência era cumprir a sua missão de profeta. Caso contrário, ele não tinha razão nem de existir. A história de Jonas é uma demonstração do que pode acontecer a um profeta desobediente. A melhor escolha foi a de Isaías, que, ao ver o grande desafio, disse: “Senhor, eis-me aqui; envia-me a mim”.

2. O Profeta Pertence a uma Realidade Social Concreta

Os profetas do Antigo Testamento tinham a missão de proclamar ao povo a mensagem de Deus em um contexto histórico, social, político e espiritual concreto.

> O profeta é o homem que vê para onde a história vai. Para nós, hoje, isto significa a necessidade de formar uma cosmovisão bíblica, entender a história pela Bíblia; de pesquisar, ler e refletir. Já se disse que o verdadeiro teólogo tem a Bíblia em uma das mãos e o jornal diário em outra. Isto não é para fazer previsões atabalhoadas, mas sim para buscar entender o mundo pela Bíblia. O profeta é sentinela da história, conhece a outra face dos acontecimentos humanos e sabe da transcendência do acontecer e do fazer humano.[57]

3. O Profeta É alguém que Anuncia o Futuro

Essa era a característica clássica do profeta: alguém que anunciava o futuro daquilo que iria acontecer. A legitimidade de um profeta estava no cumprimento da profecia que ele anunciara. O anúncio poderia ser de julgamento ou salvação. Assim, os profetas interpretavam os sinais dos tempos mediante o ponto de vista de Deus.

4. O Profeta É alguém que Proclama uma Mensagem de Juízo e Esperança

Os profetas que exerciam o seu ministério antes de o povo de Israel ser levado para o exílio, tanto o assírio quanto o babilônico, anunciavam as suas mensagens convocando o povo ao arrependimento dos seus pecados. Se assim não o fizessem, seriam atingidos pelo juízo de Deus. Depois da mensagem de juízo, os profetas anunciavam a mensagem de esperança, de um futuro novo de acordo com a promessa de Deus — na maioria das vezes, ligada à pessoa do Messias. O profeta não é apenas anunciador de catástrofes, como alguns presumem, mas também é o arauto de um novo tempo; é o pregoeiro do amor e da misericórdia de Deus, que mostra o que Ele pode fazer na vida das pessoas. O profeta tem uma palavra de estímulo também, e isso é muito necessário de praticar em nosso contexto contemporâneo. O mundo sofre e necessita de esperança e de conforto. "O profeta continua voltado para o futuro, mas uma só coisa monopoliza sua atenção: a vinda de Jesus e a formação do novo povo de Deus."[58]

5. O Profeta É um Reformador Social

Essa característica é demonstrada no seu confronto com os pecados da sociedade como um todo e no seu confronto com a elite política e religiosa dominante na sua época. Nesse aspecto, o profeta torna-se uma pessoa admirável pela sua ousadia e coragem em combater as ideologias

opressoras, comprometendo-se com a sociedade do seu tempo e lutando para transformá-la.

6. O Profeta É alguém que Fala aquilo que Deus Manda

Em Israel, nenhuma outra classe tinha tanta convicção e uma consciência tão clara de que aquilo que falava era uma mensagem vinda da parte de Deus do que os profetas. Os argumentos que os profetas utilizavam para anunciar as suas mensagens não eram resultados de literaturas pesquisadas, mas, sim, uma palavra direta da parte de Deus. A palavra profética era algo tão forte que Amós disse: "Bramiu o leão, quem não temerá? Falou o Senhor JEOVÁ, quem não profetizará?" (Am 3.8). Jeremias disse que a palavra profética para ele era "como fogo ardente, encerrado nos [seus] ossos" (Jr 20.9b).

7. O Profeta É uma Pessoa Pública

Para transmitir a sua mensagem, o profeta não poderia isolar-se indo para um lugar sossegado, nem tampouco ficar limitado ao espaço litúrgico do templo ou se esconder na caverna, como fez o profeta Elias. Por isso, o lugar do profeta é a rua e a praça pública, onde a vida acontece. É lá onde o povo reúne-se que a mensagem é mais necessária e urgente.

O profeta precisa estar em contato com o mundo que o rodeia; deve conhecer as articulações políticas, as intenções dos governantes, a desigualdade social e o sofrimento dos pobres, bem como a luxúria dos ímpios e as negligências dos líderes espirituais do povo.

8. O Profeta É uma Pessoa Ameaçada

O profeta era perseguido muitas vezes, principalmente pela elite dominante dos reis e poderosos, bem como pelos sacerdotes e falsos

profetas, que eram exortados por causa dos seus pecados. Os profetas estavam sempre sofrendo ameaças de perseguição e represálias, como aconteceu com:

a) Oseias, que foi chamado de louco e néscio.

b) Elias, que foi ameaçado por Jezabel.

c) Jeremias, que foi acusado de traidor da pátria e também foi jogado no cárcere.

d) Urias, que foi apedrejado e jogado na fossa comum.

O exemplo mais eloquente da perseguição e eliminação de um profeta é o Senhor Jesus Cristo.

> Se almejamos ser profetas, temos que compreender bem o que é um profeta. Não é um megalomaníaco, exaltando suas virtudes ou criando um fã-clube que o aplaude. Aliás, muitos dos "profetas" e "profetisas" contemporâneos não têm rebanho, mas fã-clube. É chocante e deprimente o culto à personalidade no cenário evangélico contemporâneo.[59]

II. O PROFETA E A SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE

Como o ministério profético é desenvolvido em um contexto social específico, precisamos ver como era o envolvimento e as relações dos profetas com a sua sociedade. Já dissemos também que esse envolvimento era marcado por tensões, pois o profeta era amado por uns e odiado por outros.

No entanto:

> Uma visão simplista do problema nos levaria a pensar que a relação é só de oposição. Sabemos das muitas dificuldades e perseguições que os profetas sofreram ao longo da sua vida, provenientes de todos os seguimentos sociais. Todavia, é falso pensar que o profeta só encontra a oposição da sociedade. Também encontra nela, pelo menos em certos grupos, um ponto de apoio que possibilita a missão.[60]

1. As Verdades e os Valores Sociais na Formação Individual do Profeta

O profeta não é um alienígena que vem de outro planeta, mas geralmente é uma pessoa que emerge da própria realidade social a qual pertence. Essa sociedade é composta por valores e verdades. No caso dos profetas do Antigo Testamento, esses valores estavam nas memórias dos grandes livramentos de Deus, na importância do decálogo como códigos normativos da conduta do povo, na importância das autoridades políticas e religiosas, na sacralidade do templo como o lugar onde se encontra Deus, no amor ao próximo e na prática da justiça. Todos esses valores estão intrinsecamente estabelecidos na formação do profeta como indivíduo e cidadão. Depois, quando ele recebe o chamado de Deus para ser um profeta, esses valores serão fundamentais para ele na transmissão da sua mensagem.

2. O Ministério dos Profetas em Benefício da Sociedade

O ministério profético não era apenas marcado por confrontos, mas também pelo serviço ao povo. Os profetas Elias e Eliseu são um exemplo disso. Quando olhamos para os milagres que Deus realizou através deles, podemos observar que uma das marcas dos seus ministérios era servir a sociedade. O serviço dos profetas ao povo fazia com que eles fossem amados e admirados por parte desse povo.

3. Os Profetas e os Confrontos Sociais

Como já mencionamos, o profeta era amado por uns e odiado por outros. A hostilidade de certos grupos em relação ao profeta ocorre pelo fato de as suas profecias serem direcionadas aos pecados desses grupos. O que caracteriza o profeta é o espírito crítico. Consumidos pelo amor a Javé, os profetas bíblicos denunciaram os erros dos reis e do povo, formaram grupos

de discípulos, anunciaram as derrotas (o cativeiro na Babilônia) em função de políticas equivocadas dos reis, solidarizaram-se com o povo, a quem ajudaram a ler os fatos históricos à luz da fé. São muitos os casos em que o profeta tem de confrontar-se com diversos setores sociais, começando pelos mais elevados.

Confronto com os reis

O relacionamento entre o profeta e o rei sempre foi marcado por tensões. O profeta tinha a capacidade de eleger reis e dinastias, como também deveria ser o primeiro a denunciar a corrupção desses reis. Dessa forma, o profeta era uma "pedra no sapato" dos monarcas. Muitos reis, abusando do seu poder e autoridade, acabavam perseguindo os profetas, a menos que eles profetizassem apenas o que os reis quisessem.

Tabela de confronto dos profetas com os reis

Profeta	**Referência Bíblica**
Samuel	1 Samuel 15
Natã	2 Samuel 12
Elias	1 Reis 18.18,19; 21.17-23; 2 Reis 1
Eliseu	2 Reis 3.13
Oseias	Oseias 1.4
Amós	Amós 7.9
Isaías	Isaías 3.12-15; Isaías 7; Isaías 39
Jeremias	Jeremias 22.13-19
Ezequiel	Ezequiel 17

Confronto com os falsos profetas

O confronto mais acirrado que os profetas enfrentavam era com os falsos profetas.

O falso profeta tranquiliza a consciência dos pecadores para que não se convertessem da sua injustiça; prometiam paz e bem-estar ao povo quando o país precipitava-se para a ruína; esperavam que as desgraças terminassem rapidamente.

Jeremias disse que cada um desses falsos profetas usa de falsidade: “E curam a ferida da filha de meu povo levianamente, dizendo: Paz, paz; quando não há paz” (Jr 8.10b,11).

Os falsos profetas eram divididos em dois grupos: (1) os profetas das divindades pagãs, como, por exemplo, os profetas de Baal; (2) e aqueles que se denominavam os profetas do Senhor sem, contudo, receberem tal incumbência.

> E disse-me o SENHOR: Os profetas profetizam falsamente em meu nome; nunca os enviei, nem lhes dei ordem, nem lhes falei; visão falsa, e adivinhação, e vaidade, e o engano do seu coração são o que eles vos profetizam. (Jr 14.14)

A determinação de Deus era para que tais profetas fossem mortos pelos prejuízos causados ao povo, conforme Deuteronômio 18.20: “Porém o profeta que presumir soberbamente de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não tenho mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, o tal profeta morrerá”.

Tabela de confronto dos profetas com os falsos profetas

Profeta	**Referência Bíblica**
Elias	1 Reis 18
Micaías	1 Reis 22
Miqueias	Miqueias 3
Jeremias	Jeremias 6.13,14; Jeremias 23; Jeremias 28; Jeremias 29

Confronto com os sacerdotes

Os sacerdotes eram os líderes espirituais do povo e deveriam ensiná-lo a Lei de Deus para que não caísse na idolatria. Eles viviam exclusivamente em função do Templo, e as suas atividades resumiam-se em ser mediadores entre o povo e Deus. Todavia, muitos sacerdotes corromperam-se, foram comprados pelos reis e negligenciaram as suas atividades sacerdotais. Essas atitudes dos sacerdotes foram combatidas duramente pelos profetas, causando também grande confronto entre eles.

Tabela de confronto dos profetas com os sacerdotes

Profeta	**Referência Bíblica**
Samuel	1 Samuel 3
Isaías	Isaías 28.7-13
Jeremias	Jeremias 2.8; 5.31; 6.13; 8.8; 23.11
Sofonias	Sofonias 3.4
Oseias	Oseias 4.4; 6.9
Amós	Amós 7.10-17
Miqueias	Miqueias 3.11

Confronto com outros grupos sociais

Os profetas também entravam em confronto com outros grupos sociais, tais como os líderes políticos que eram beneficiados pelas suas corrupções — líderes militares que abusavam das suas atribuições e os magistrados que, subornados pelos príncipes, promoviam a injustiça entre o povo.

III. OS MEIOS DE TRANSMISSÃO DA MENSAGEM PROFÉTICA

Todo o processo de transmissão de uma mensagem envolve o emissor, a mensagem, os meios de transmissão e o receptor. Veremos agora os três meios usados pelos profetas na transmissão da mensagem.

1. A Palavra Profética

O primeiro método era a palavra profética, que era transmitida ao povo. Embora o significado de muitos termos usados pelos profetas não seja muito compreendido por nós nos dias de hoje, eles produziram um grande impacto no público-alvo original.

A maioria das mensagens pregadas pelos profetas era carregada de denúncias contra os pecados do povo.

Luis Sicre apresenta-nos um exemplo de uma releitura do texto de Amós 4.1-3:[61]

Texto Original	Releitura do Texto
Ouvi esta palavra, vós, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, que oprimis os pobres, que esmagais os necessitados, que dizeis a vossos maridos: "Dai cá e bebamos". Jurou o Senhor Deus, pela sua santidade, que dias estão para vir sobre vós, em que vos levarão com anzóis e aos que sairdes por último com anzóis de pesca. E saireis pelas brechas, cada qual em frente de si, e sereis lançadas para Hermom, diz o Senhor.	Escutai esta palavra, "peruas" poderosas do Morumbi, as que veraneais em Búzios e em Maceió. Vós que oprimis os pobres, explorais os trabalhadores e só vos interessa entregar-se à boa vida. Chegará o dia em que vos rodearão com fuzis, a vossos filhos com baionetas e vos farão subir em caminhões de animais a caminho do desterro — oráculo do Senhor.

Teríamos a coragem de transmitir tal mensagem em nossos dias?

2. A Ação Profética

O segundo método utilizado pelos profetas na transmissão da mensagem era a ação profética, que se constituía de ações públicas e simbólicas com o objetivo de chamar a atenção do povo para aquilo que Deus queria lhe dizer. Algumas dessas ações eram fortes e dramáticas. A mensagem

verbalizada e simbolizada pela ação profética teria um maior impacto sobre os ouvintes.

Profeta	Ação Profética	Referência Bíblica
Isaías	A companhia da criança	Isaías 7.3
	Um nome simbólico	Isaías 8.1-4
	Andar descalço e nu	Isaías 20
Oseias	Casar com prostituta em nome dos filhos	Oseias 1–3
Jeremias	O cinto de linho	Jeremias 13.1-11
	Não se casar, não chorar, não se alegrar	Jeremias 16.1-9
	A botija de barro	Jeremias 19.1,2,10,11
	O jugo	Jeremias 27.1-3,12
	A compra do terreno	Jeremias 23.7-15
	As pedras de Tafnes	Jeremias 43.8-13
Ezequiel	Cerco, fome e morte na cidade	Ezequiel 4 e 5
	Caminhada para o deserto	Ezequiel 12
	Comer com medo	Ezequiel 12.1-19
	Gemer e retorcer-se	Ezequiel 21.11,12
	Os dois caminhos	Ezequiel 21.23-28
	Não entrar em luto	Ezequiel 24.15-24
	As duas varas	Ezequiel 37.15-19
Zacarias	Balança final: três tipos de ações	Zacarias 6.9-15

3. A Mensagem Escrita

Como a mensagem falada e simbolizada pelos atos proféticos só podia ser presenciada por aqueles que a ouviram no tempo em que foi proferida, o terceiro método utilizado pelos profetas na transmissão da mensagem foi a palavra escrita.

A palavra escrita conservava a mensagem de Deus na memória coletiva do seu povo para que, ao ter contato com a mensagem, as pessoas pudessem

conhecer os erros e acertos do passado e, dessa forma, construir o seu futuro.

IV. A MENSAGEM PROFÉTICA

O profeta é, em primeira instância, um mensageiro e, independentemente dos métodos como transmitirá a sua mensagem, ele tem de tocar nos assuntos que incomodam o coração de Deus relacionado à sociedade. Não estudaremos todos eles, somente os dois que consideramos mais pertinentes.

1. A Idolatria

Não há como falar de ministério profético sem falar da idolatria, que foi um dos pecados mais combatidos pelos profetas.

A idolatria cultual

Esse tipo de idolatria refere-se à adoração aos falsos deuses. O povo de Israel demonstrou-se vulnerável diante da idolatria cultual desde a adoração do bezerro de ouro no deserto logo após presenciarem o milagre de Deus. Israel cometeu os mais abomináveis atos de idolatria cultual, visto que a adoração aos deuses pagãos envolvia desde a prostituição cultual até queimar os filhos no fogo, como fez o rei Manassés.

Entretanto, a idolatria combatida pelos profetas não estava restrita somente na esfera cultual; antes, estava atingindo a própria estrutura social do povo.

A idolatria da força política e militar

A idolatria das forças políticas consistia na confiança que era colocada em um exército como o único meio de livramento para uma nação. Um

exemplo desse tipo de idolatria são as palavras de afronta que Senaqueribe enviou ao rei Ezequias, descritas em Isaías 37.10-13:

> Assim falareis a Ezequias, rei de Judá, dizendo: Não te engane o teu Deus, em quem confias, dizendo: Jerusalém não será entregue nas mãos do rei da Assíria. Eis que já tens ouvido o que fizeram os reis da Assíria a todas as terras, destruindo-as totalmente; e escaparias tu? Porventura, as livraram os deuses das nações que meus pais destruíram: Gozã, e Harã, e Rezefe, e os filhos de Éden, que estavam em Telassar? Onde está o rei de Hamate, e o rei de Arpade, e o rei das cidades de Sefarvaim, Hena e Iva? (Is 37.10-13)

No entanto, após o rei Ezequias orar a Deus, apenas um anjo foi o suficiente para mostrar ao rei da Assíria quem era o verdadeiro Senhor dos Exércitos:

> Recebendo, pois, Ezequias as cartas das mãos dos mensageiros e lendo-as, subiu à Casa do SENHOR; e Ezequias as estendeu perante o SENHOR. Então, saiu o Anjo do SENHOR e feriu, no arraial dos assírios, a cento e oitenta e cinco mil; e, quando se levantaram pela manhã cedo, eis que tudo eram corpos mortos. (Is 37.14,36)

Por outro lado, essa idolatria também era manifestada na aliança que Israel fazia com outras nações, confiando plenamente no poder delas como se elas pudessem dar-lhes a segurança que só Deus podia dar. Por isso, os profetas eram contundentes em dizer que essas nações não podiam trazer segurança para Israel.

> Nesta forma de idolatria, os deuses são as grandes potências da época: Assíria, Egito e Babilônia. Da mesma forma que Baal, os impérios recebem às vezes qualificativos depreciativos. Isaías chama o Egito de “povo inútil”, “vaidade”, “humano e não divino”, aludindo com isto à sua inconstância e fraqueza em comparação com a ajuda que Deus proporciona.[62]

A idolatria das riquezas

Além da idolatria cultual e do poder político-militar, o povo de Israel também passou a idolatrar as riquezas ou ao deus que a Bíblia chama de Mamon. Esse tipo de idolatria consiste na divinização dos bens materiais como os únicos fundamentos que orientam a vida de um indivíduo.

Enquanto Baal era adorado como o deus da chuva, da fertilidade e da colheita, Mamon é o deus da luxúria, dos bens caríssimos, do esplendor, dos banqueiros e do *status*.

Diante desse deus, valores morais e éticos são deixados para trás, profetas cerram os seus lábios, testemunhas mudam os seus depoimentos, juízes mudam os seus vereditos e príncipes corrompem-se. Nas palavras de Pedro Crisólogo, o deus Mamon:

> [...] manda nos povos, decide nos reinos, ordena guerras, compra mercenários, vende o sangue, causa mortes, destrói cidades, submete povos, assedia fortalezas, humilha os cidadãos, preside os tribunais, suprime o direito, confunde o justo e o injusto, e, firme até à morte, põe em crise a fé, viola a verdade, dissipa a honradez, rompe os vínculos do afeto, destrói a inocência, enterra a piedade, desgarra o carinho e acaba com a amizade. Que mais? Este é Mamon, senhor da iniqüidade, que domina iniquamente tanto o corpo como o espírito dos homens.[63]

Contudo, um fato importante a salientar sobre esse tipo de idolatria é que aqueles que buscam cada vez mais as riquezas tornam-se cobiçosos e não medem esforços para conquistar aquilo que desejam. Nessa busca, acabam cometendo injustiças, tornando-se egoístas pela preocupação excessiva do seu próprio bem-estar, nunca se importando com o próximo. No entanto, o que não percebem ou não querem perceber é que as suas atitudes cobiçosas acabam deixando muitas vítimas além deles mesmos. “O culto a Mamon é dos mais cruentos. Órfãos, viúvas, pobres, emigrantes, fracos, miseráveis e inclusive os próprios pais aparecem nos textos proféticos como vítimas do desejo de enriquecer-se.”[64]

2. A Injustiça

Como já observamos anteriormente, o ministério profético não estava restrito à esfera espiritual do povo de Israel, mas tinha implicações para todas as áreas da sociedade.

O ministério dos profetas era fundamental para que o povo pudesse resgatar o senso ético-social que havia perdido. De um povo que havia sido oprimido e liberto pela misericórdia de Deus, Israel passou a incorporar a opressão, agindo injustamente com vários grupos do seu território.

A injustiça sempre foi um tema com o qual Deus preocupou-se desde o início da formação de Israel como nação. Nos livros do Pentateuco, principalmente no Êxodo e Deuteronômio, vemos nos códigos da Lei quais eram as determinações de Deus em relação a esses assuntos.

Principais Determinações	**Referência Bíblica**
Em relação aos mais fracos	Êxodo 21.1-10; 26-31; 22.20,21; 23.12
Em relação à correta administração pública	Êxodo 23.1-9
Em relação à legislação sobre o empréstimo e as finanças	Êxodo 22.24,25; Deuteronômio 23.20,21; 24.17
Em relação aos grupos mais pobres	Deuteronômio 15.13-15; 23.25; 24.19-21
Em relação à administração justa nos tribunais	Deuteronômio 16.18-20
Em relação aos salários	Deuteronômio 24.14
Em relação ao comércio	Deuteronômio 25.13-15

A própria legitimidade da adoração no culto que Israel prestava a Deus estava legada aos atos de justiça:

> Senhor, quem habitará no teu tabernáculo? Quem morará no teu santo monte? Aquele que anda em sinceridade, e pratica a justiça, e fala verazmente segundo o seu coração; aquele que não difama com a sua língua, nem faz mal ao seu próximo, nem aceita nenhuma afronta contra o seu próximo; aquele a cujos olhos o réprobo é desprezado; mas honra os que temem ao Senhor; aquele que, mesmo que jure com dano seu, não muda. Aquele que não empresta o seu dinheiro com usura, nem recebe subornos contra o inocente; quem faz isto nunca será abalado. (Sl 15.1-5)

No entanto, todos esses valores éticos foram sendo deixados de lado, e a sociedade começou a ficar caracterizada pela sua injustiça, muito combatida pelos profetas.

A sociedade urbana era o grande campo de ação profética dos porta-vozes de Deus, pois era ali que aconteciam terríveis atos de injustiças. Dentre essas cidades, duas geralmente se destacavam: Samaria, capital de Israel (no Reino do Norte), e Jerusalém, capital de Judá (no Reino do Sul).

Na cidade de Samaria, a opressão e a injustiça eram tão grandes que nem se comparava com a opressão sofrida por eles por parte dos filisteus (castelos de Asdode) e egípcios (castelos da terra do Egito), que eram dois povos especialistas em oprimir os outros. Isso é demonstrado na mensagem de Amós:

> Fazei ouvir isto nos palácios de Asdode e nos palácios da terra do Egito e dizei: Ajuntai-vos sobre os montes de Samaria e vede os grandes alvoroços no meio dela e os oprimidos dentro dela. Porque não sabem fazer o que é reto, diz o SENHOR, entesourando nos seus palácios a violência e a destruição. (Am 3.9,10)

Jerusalém também não escapava da denúncia dos seus profetas, pois, de uma cidade onde se esperava justiça, estava emanando injustiça e opressão:

> Como se fez prostituta a cidade fiel! Ela que estava cheia de retidão! A justiça habitava nela, mas, agora, homicidas. A tua prata se tornou em escórias, o teu vinho se misturou com água. Os teus príncipes são rebeldes e companheiros de ladrões; cada um deles ama os subornos e corre após salários; não fazem justiça ao órfão, e não chega perante eles a causa das viúvas. Portanto, diz o Senhor Deus dos Exércitos, o Forte de Israel: Ah! Consolar-me-ei acerca dos meus adversários, e vingar-me-ei dos meus inimigos. E voltarei contra ti a minha mão e purificarei inteiramente as tuas escórias; e tirar-te-ei toda a impureza. E te restituirei os teus juízes, como eram dantes, e os teus conselheiros, como antigamente; e, então, te chamarão cidade de justiça, cidade fiel. (Is 1.21-26)

3. Os Pecados Sociais

Para entendermos o quanto a injustiça era combatida pelos profetas, precisamos analisar fatos específicos, que eram alvos das suas denúncias.

a) A falta de justiça nos tribunais

A falta de justiça pública nos tribunais era frequentemente mencionada pelos profetas, pois era a única esperança dos injustiçados verem as suas causas sendo julgadas sem parcialidades. Mas que esperança eles poderiam ter se o único instrumento que poderia ajudá-los estava a serviço dos poderosos?

> Ai dos que decretam leis injustas e dos escrivães que escrevem perversidades, para prejudicarem os pobres em juízo, e para arrebatarem o direito dos aflitos do meu povo, e para despojarem as viúvas, e para roubarem os órfãos! Mas que fareis vós outros no dia da visitação e da assolação que há de vir de longe? A quem recorrereis para obter socorro e onde deixareis a vossa glória, sem que cada um se abata entre os presos e caia entre os mortos? Com tudo isto a sua ira não se apartou, mas ainda está estendida a sua mão. (Is 10.1-4)

Os profetas não poupavam palavras para denunciar os magistrados que, subornados pelos poderosos, absolviam os culpados e condenavam os inocentes. “Assim diz o SENHOR: Por três transgressões de Israel e por quatro, não retirarei o castigo, porque vendem o justo por dinheiro e o necessitado por um par de sapatos” (Am 2.6).

As corrupções dos tribunais eram tantas que os legisladores legitimavam as atitudes injustas das classes dominantes, criando leis e elaborando fundamentos jurídicos que legalizavam o aumento ilícito das riquezas dessas classes. Era uma clara demonstração de que os poderes legislativo e judiciário de Israel estavam a serviço dos poderosos corruptos.

Outras práticas de injustiças também eram reprovadas pelos profetas, conforme a tabela abaixo:

Práticas Injustas	**Profeta**	**Referência Bíblica**
Comércio injusto	Jeremias	Jeremias 5.27
	Ezequiel	Ezequiel 27

	Amós	Amós 8.4-6
	Miqueias	Miqueias 6.9-11
	Sofonias	Sofonias 1.10,11
	Amós	Amós 1.6,9; 2.6; 8.6
Escravidão	Isaías	Isaías 10.1,2
	Jeremias	Jeremias 34.8-20
Latifundiarismo	Miqueias	Miqueias 2.1-10
O não pagamento do salário aos trabalhadores	Jeremias	Jeremias 22.13; Malaquias 3.5
	Isaías	Isaías 3.8-21; 5.8-13
Luxúria e riqueza ilícita	Jeremias	Jeremias 5.25-28; 6.13; 8.10; 17.11; 22.17
	Ezequiel	Ezequiel 22.12; 33.31
	Amós	Amós 3.10-15; 4.1; 5.11; 6.4-7

V. IMPLICAÇÕES DO MINISTÉRIO PROFÉTICO PARA A MISSÃO DA IGREJA NA CIDADE

Depois de entrarmos um pouco no mundo dos profetas, surge a seguinte pergunta: como a Igreja pode desenvolver um ministério profético em nossos dias na realidade urbana em que vivemos?

Arifranklin Sousa disse que a missão é em si uma ação profética, pois tem por objetivo anunciar os desígnios de Deus a este mundo tenebroso; corrompido em todos os seus seguimentos pela ação do pecado no homem e pela astúcia de Satanás.

Pretendo concluir este capítulo fazendo algumas considerações sobre nosso posicionamento como comunidade profética.

Primeiramente, precisamos redescobrir nossa vocação profética, pois fazemos parte de um contexto social concreto e estamos inseridos geograficamente em uma sociedade marcada por todos os tipos de corrupção. Por isso, a Igreja

> [...] não pode calar-se diante da lógica que gera a opressão e a pobreza para amplos setores das populações citadinas. Solidária a estas maiorias excluídas do processo participativo da divisão das riquezas produzidas pelo seu trabalho, e contrária a esta lógica, a Igreja precisa defender a vida, a dignidade e a justiça. Fiel à tradição do profetismo bíblico, cabe à Igreja, como comunidade urbana, denunciar esta lógica de tragédia social institucionalizada, e reivindicar uma atitude ética compatível com a responsabilidade pela vida.[65]

Como povo de Deus, precisamos ser sal da terra — e esse mesmo sal que dá sabor também faz arder. Também somos a luz do mundo — e essa mesma luz que ilumina para guiar também traz à tona aquilo que está oculto.

> Devemos entender que não fomos chamados para a alienação social; pelo contrário, fomos vocacionados para proferir todas as mudanças e transformações produzidas pelo Evangelho no seio da terra. O cristão precisa estar presente no contexto da vida social, para ser o elemento influenciador, saneador e referencial. A Bíblia fala de homens santos que exerceram grande influência na história, porque se envolveram nos assuntos seculares, como José do Egito, Daniel, Neemias e tantos outros. A igreja é a luz do mundo e não a sombra da história. A igreja deve ser a consciência do mundo e não uma inocente útil nas mãos dos poderosos deste século.

Em segundo lugar, como comunidade profética, precisamos estar dispostos não somente a servir nossa sociedade, como também confrontar com a Palavra de Deus os príncipes, falsos profetas, sacerdotes e outros grupos sociais corruptos e corruptores. Esse confronto, contudo, não deve ser fisicamente agressivo — mesmo porque não somos anarquistas —, mas deve ser um confronto baseado nos critérios dos valores morais e éticos da Palavra de Deus.

Em terceiro lugar, devemos fazer com que nossa mensagem seja anunciada e conhecida pela sociedade. Para isso, devemos anunciá-la de forma oral, como fizeram os profetas, utilizando os meios de comunicação que estão a nosso dispor. Todavia, também precisamos comunicá-las através de atos proféticos, com manifestações públicas, combatendo ideologias e valores que são contrários à Palavra de Deus. “No exercício de sua missão

profética, a comunidade urbana não se limitará ao falar. Aliás, o falar e o denunciar não isenta a Igreja do agir."[66]

E também de forma escrita, usando jornais, Internet, revistas e até *outdoors*, como fez o profeta Habacuque: "Então, o SENHOR me respondeu e disse: Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler o que correndo passa" (Hb 2.2).

Em quarto lugar, nossa mensagem deve tocar em temas relevantes. Como a mensagem dos profetas, ela deve ser direcionada contra a idolatria nos três níveis: cultual, político e econômico.

Nossa mensagem deve combater a injustiça institucionalizada em nossa sociedade e também deve combater o tipo de culto que hoje se presta em nome de Deus, mas que, na verdade, são cultos aos elementos sagrados e às personalidades evangélicas em nosso meio.

Sei que esses são temas polêmicos que produzirão incômodo em nossas vidas e ministérios, mas aqueles que desejam ser profetas na sua cidade têm de estar dispostos a serem amados por uns e odiados por outros.

---

55 HOFFMAN, Arzemiro. Critérios e Proposições para uma Pastoral Urbana na Cidade Capitalista. São Leopoldo: EST, 1988, p. 117.

56 WARREN, W. Wiersbe. A Crise de Integridade. São Paulo: Vida, 1988, p. 33.

57 FILHO, Isaltino Gomes Coelho. Palestra sobre "Profetismo em Israel", proferida no *campus* avançado do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em Cabo Frio, em agosto de 2004.

58 SICRE, José Luis. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 194.

59 FILHO, Isaltino Gomes Coelho. Palestra sobre "Profetismo em Israel", proferida no *campus* avançado do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, em Cabo Frio, em agosto de 2004.

60 SICRE, José Luis. Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 126.

61 *Ibidem*, p. 139.

[62] *Ibidem*, p. 344.

[63] *Ibidem*, p. 348.

[64] *Ibidem*, p. 351.

[65] HOFFMAN, Arzemiro. Critérios e Proposições para uma Pastoral Urbana na Cidade Capitalista. São Leopoldo: EST, 1988, p. 116.

[66] *Ibidem*, 116.

9 Sendo uma Igreja Terapêutica na Cidade

Quero concluir este trabalho com este capítulo que fala sobre o assunto Poimênica. Apesar de esse termo ser desconhecido por muitos cristãos, trata-se de um ministério cujo propósito é ajudar, por meio de uma ação pastoral, aqueles que enfrentam os vários problemas e doenças emocionais, principalmente as provocadas pelo ambiente urbano.

I. A CIDADE COMO AMBIENTE GERADOR DE CONFLITOS

No capítulo 2 deste livro, mostrei alguns fatores que fazem parte do complexo espaço urbano. A cidade, com todas as suas complexidades, tornou-se um ambiente gerador de conflitos e de várias enfermidades não somente físicas, como também as chamadas doenças da alma. Os fatores causadores dessas doenças são vários, mas falarei sobre três que considero muito significativos.

Em primeiro lugar, essas doenças são causadas pela condição econômica em que vivem as massas urbanas. Milhões de pessoas em nossas cidades vivem situações de grande miséria; milhares de crianças têm que conviver com a triste realidade da fome e da falta de perspectivas de uma vida futura. À medida que o campo passa por um processo de "modernização agrícola", as pessoas são obrigadas a buscar na cidade um meio de sobrevivência. Sendo assim, passam a formar os cinturões de misérias, vivendo todos os tipos de privações. Como o ser humano é formado pela sua integralidade —

não somente de corpo —, precisa viver num lugar que possa lhe dar condições para viver uma saúde integral (física, mental e espiritual). Essas condições são: alimentação saudável, habitação, trabalho, educação, esporte, lazer, transporte, participação comunitária nas decisões da sua comunidade, acesso aos serviços de saúde, entre outros.

A falta de acesso a todas essas coisas acaba gerando sérios problemas tanto físicos como emocionais nos moradores da cidade.

> Desta forma, quem chega na cidade vai se estabelecendo em seus arredores, onde não há água, luz, esgoto, escolas e hospitais. Formam-se ali os grandes bolsões de pobreza. Esse é um cenário de pobreza que, aliado a outros fatores sócio-econômicos, facilitam a produção da violência urbana.[67]

Em segundo lugar, temos a violência urbana, que é, talvez, a maior consequência da desigualdade socioeconômica do Brasil. Nesse aspecto, a vida delinquente em que muitas pessoas vivem na cidade seria uma maneira de impor-se. Também seria uma forma de vingar-se daqueles que os privaram de ter acesso às coisas "boas" que lhes oferece a cidade; é uma maneira de sentirem-se respeitados pela imposição do medo; é um constante conflito de pessoas que, de alguma forma, estão machucadas e que, por isso, se acham no direito de também machucar os outros.

> Especificamente, no Brasil, as grandes cidades, por se constituírem nos centros mais dinâmicos de sua economia, representam espaços nos quais suas contradições se tornam mais evidentes: a riqueza e a opulência convivendo com a mais flagrante miséria. Este contraste entre ostentação e indigência poderia ser encarado como o elemento que fornece a base necessária ao surgimento da delinqüência da classe baixa.[68]

A violência também é responsável pelos distúrbios emocionais que vivem os cidadãos da cidade. O medo, a ansiedade e a perda tanto de bens materiais como de pessoas queridas, que foram tirados por atos de violência, têm destruído a vida de muitas pessoas.

Em terceiro lugar, vem um fator comportamental muito próprio da vida urbana atual: a pressa e a correria. Constituímos uma sociedade que tem pressa. Percebe-se isso em diversas expressões que envolvem a vida cotidiana: tem-se pressa no trânsito, nas escolas e nas famílias. A sociedade urbana beira a uma histeria querendo agitar, apressar e mudar tudo o mais rápido possível. Essa correria leva-nos a buscar na tecnologia as comodidades que nos ajudam a ficar mais adaptados à vida agitada. Estamos sempre querendo adquirir as mais recentes descobertas e propostas em todas as áreas do desenvolvimento humano para, só depois, percebermos que não chegamos ao final de nossa busca. A voracidade faz com que nunca estejamos saciados e, além disso, torna-nos dependentes daqueles que pesquisam e formulam essas novas propostas. Tornamo-nos exatamente assim: escravos de nossos desejos e prejudicados por nossa ansiedade.

Esse tipo de comportamento, segundo Sidnei Vilmar Noé, produz uma queima de etapas na vida do indivíduo que vive na cidade:

> Esse processo faz com que sejam "queimadas etapas" no desenvolvimento social e cultural. Aos "saltos" chega-se ao novo, ao último suposto avanço. As etapas intermediárias são puladas e se substitui o novo pelo novíssimo. Por outro lado, a pulsação dessa sociedade em constante mudança é um fator que gera angústia. As pessoas expostas a essas mudanças são confrontadas com uma ambivalência que ameaça sua integridade psíquica. Por um lado percebem, apreciam e aspiram por esses avanços, pois esperam melhorias nas suas condições de vida. E, por outro lado, sofrem as sombras, por terem que deixar muitas coisas no caminho e por pairar sobre elas a ameaça de não serem incluídas nesse processo ou até mesmo de serem excluídas.[69]

Para Sidnei, a queima das etapas da vida provocada pela correria acaba trazendo sérias consequências sobre a vida psicológica das pessoas.

> A linha da biografia da pessoa é entrecortada por sequelas vivenciais sulcadas na psique, que não raramente deságuam num quadro de depressões. A biografia é retalhada por vazios vivenciais que buscam por preenchimento. Para preencher esses buracos na história da vida, muitos artifícios são oferecidos e buscados, porém poucos conseguem

> corresponder a essa expectativa de atribuir sentido. Em suma, a exposição às mudanças sociais coloca as pessoas numa situação de crise.[70]

Em quarto lugar, vem aquilo que Michael Walzer descreve como mobilidades. Segundo ele, há quatro tipos de mobilidade que seriam típicas em sociedades expostas à pós-modernidade: geográfica, social, relacional e política.

Mobilidade geográfica

Trata-se de um fenômeno conhecido por muitos de nós. As pessoas de hoje já não têm privilégio ou a carga de nascer, crescer e morrer no mesmo lugar. Somos como itinerantes que peregrinam por todos os vários lugares, sempre atrás de melhores condições de vida, fixando lugar apenas por alguns períodos de nossas vidas. Já não sabemos mais onde é nossa casa, se é lá onde estamos no momento, se onde nascemos, se em todos os lugares onde já moramos ou se para onde iremos em seguida.

Mobilidade social

Esta já aponta para a insegurança social a que todos estamos expostos. São poucos aqueles que têm um lugar seguro no contexto social. Poucas pessoas conseguem dar continuidade à profissão que os seus pais tinham. Menos pessoas ainda têm o privilégio — e o peso — de ocupar na comunidade o mesmo espaço que era destinado à sua família em gerações anteriores. Há uma quebra no processo de transmissão de usos, costumes, valores e qualificações para o exercício do ofício que caracterizou a família no passado. Também as experiências e a cultura acumuladas pelas famílias não são mais automaticamente repassadas às novas gerações.

Mobilidade relacional

Sobre esta, o autor entende outro marco típico desta fase, que é a instabilidade das relações sociais, especialmente constatável nas situações onde ocorrem separações, divórcios e novos casamentos. Sendo a família o lugar privilegiado para a socialização das novas gerações, onde a identidade e as atitudes éticas e religiosas são constituídas, isso pode representar uma ruptura na formação social da pessoa.

Mobilidade política

Essa mobilidade, segundo o autor, estaria representada na falta de apego às figuras de liderança e na pouca lealdade em relação às organizações sociais, como igrejas, partidos e sindicatos. Essa situação geraria um quadro de instabilidade institucional.

Para Walzer, essas mobilidades trazem consequências psicossociais sobre a vida das pessoas, principalmente na cidade, pois, por um lado, estaria a constante busca pela felicidade privada, mas, em contrapartida, também surge a frustração e a preocupação, que são causadas pela sensação de ter perdido as raízes.

Por causa dessas consequências, as pessoas buscam na religião, em geral, e na comunidade cristã, em particular, preencher os vazios existenciais experimentados e sofridos. Por isso, a igreja urbana precisa estar preparada para lidar com essas questões.

II. O MINISTÉRIO POIMÊNICO

Antes de falarmos sobre esse ministério, precisamos definir o termo poimênica. Esse termo deriva da palavra grega *poimen*, que significa pastor. Poimênica é:

> [...] cuidado pastoral. Pode incluir atividades da igreja dirigidas para manter e restaurar a saúde e integralidade de indivíduos e comunidades no contexto dos propósitos

> redentores de Deus para toda a criação.[71]

Se o ministério poimênico é sinônimo de cuidado pastoral, então precisamos redescobrir a importância do significado do cuidado.

> A poimênica é o ato de acolhimento por parte da comunidade cristã das pessoas expostas a essas mudanças. Esse acolhimento significa, entre outras coisas, ajudar as pessoas que no empuxo desta sociedade são levadas a queimar etapas na sua biografia a se re-situarem psiquicamente, em seu sentido cognitivo, emocional e comportamental diante dos desafios que lhe são impostos. Esta ajuda atenta para a ambivalência: tanto as possibilidades quanto as sombras precisam ser contempladas.[72]

Como comunidade terapêutica, a Igreja deve estar preparada para cuidar daqueles que fazem parte do seu convívio.

> A partir do convívio entre os irmãos peregrinos — e a partir da sua troca de vivências, sonhos e derrotas —, será possível criar um novo universo referencial, que não é apenas uma re-criação daquele perdido no caminho, mas sim adequado à nova situação.

Todos somos responsáveis pelo cuidado uns dos outros. Infelizmente, muitos agem como Caim, que, ao invés de cuidar do seu irmão, matou-o e, quando Deus perguntou a ele onde estava Abel, Caim respondeu: “Não sei; sou eu o guarda do meu irmão?”.

A Igreja deve ser como uma hospedaria, lugar onde sempre chega alguém ferido pelos salteadores dos caminhos da vida. Esses feridos são trazidos pelo Bom Samaritano; nossa responsabilidade é atender o seu pedido (Lc 10.35).

Julio Zabatiero disse que cuidar é a expressão do agir de Deus para com a sua criação. Por isso, ele também diz que os pastores das igrejas evangélicas devem proporcionar capacitação para os seus membros, para que possam ser parceiros tanto dele quanto de Deus no cumprimento da missão:

> [...] o pastor urbano capacitará o seu rebanho para o exercício da missão integral da igreja. O povo de Deus foi constituído para ser povo missionário, para ser — como Jesus Cristo — enviado ao mundo como agente de transformação.[73]

Jesus como Modelo de um Ministério Poimênico

Jesus desenvolveu um ministério fundamentado no cuidado. Ele estava sempre procurando o bem-estar integral das pessoas e, por isso, curava enfermidades, expulsava demônios e alegrava os tristes. Para isso, Ele tinha uma visão pastoral da realidade dos sofrimentos das pessoas que moravam nas cidades dos seus dias, conforme Marcos 6.34, que diz: “E Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas”.

Jorge Henrique Barro faz uma abordagem contextualizada sobre as características das pessoas citadas nesse texto de Marcos 6.34.

> A primeira fala de pessoas aflitas. Aflição no contexto moderno e urbano pode ser traduzida como um sentimento de angústia diante das realidades concretas da vida. A segunda fala de pessoas exaustas. Exaustão é traduzida hoje por stress, canseira, fadiga, excesso de trabalho, não ter tempo para o lazer e trabalho pesado. A terceira fala de pessoas desorientadas. São pessoas sem liderança e sem rumo na vida. Jesus fala que essas pessoas aflitas e exaustas são como ovelhas que não têm pastor.[74]

Jesus, portanto, tornou-se para nós um modelo de quem sempre esteve trabalhando pelo cuidado das pessoas, assim como um bom pastor que estava disposto a dar a vida pelas suas ovelhas. Podemos encontrar na sua vida e ministério alguns aspectos para uma poimênica libertadora e geradora de vida para muitos — um modelo pastoral curador. Vejamos, então, alguns desses aspectos:

Olhar empático sobre as pessoas

No texto que narra a multiplicação dos pães, a cena é precedida por um olhar compassivo de Jesus, que via a multidão como ovelhas sem pastor. Houve, então, uma identificação com aqueles que sofriam por alguma razão. Essa empatia leva ao segundo ponto.

Atitude solícita

Jesus era alguém solícito, pronto, com um coração aberto para novos fatos e novas situações. A sua grande agenda eram as pessoas. Ele podia até mesmo abrir mão de um descanso pessoal em função da demanda de uma só pessoa ou de todo um grupo.

Atitude de aceitação

Jesus foi reprovado por várias autoridades religiosas exatamente por ter uma postura que aceitava muitos excluídos e enfermos da sociedade. Ele almoçava com pecadores, tinha discípulos nada convencionais e conversava com as prostitutas. Tal ação era profundamente libertadora.

Atitude de perdão

Jesus era a expressão maior da graça de Deus e, logo, do perdão divino. A sua reação para com a mulher pega em adultério (Jo 8) revela um Deus perdoador que dá a segunda chance, concedendo libertação da culpa que aprisiona e impede o crescimento.

Quebra de preconceitos

Jesus rompeu barreiras, questionou e quebrou paradigmas sem preocupar-se com as consequências para a sua vida. Conversar com a mulher samaritana (Jo 4), além de romper a barreira cultural, curou a enfermidade do preconceito e gerou salvação para toda uma aldeia.

Através do serviço

Provavelmente, o maior sinal de saúde integral de Jesus foi o fato de Ele ter assumido uma posição de servo, que procurava estar entre as pessoas,

aproveitando situações para servir e ministrar graça àqueles que necessitavam dela (Mc 10.35-45). Lavar os pés dos discípulos é uma evidência clara de que a cura inicia-se com gestos concretos de serviço.

Amar até a própria morte

Paradoxalmente, a morte também gera vida, e muita vida (Jo 12.24). Jesus tomou sobre si nossas enfermidades (Is 53), compartilhou de nossas chagas e maldições por amor. A sua morte produziu sanidade na vida de muitos. O seu amor pelos discípulos foi até o fim (Jo 13.1).

A pessoa e a presença de Jesus por si só eram geradoras de saúde para aqueles que com Ele conviviam. A sua capacidade de amar, a sua compaixão, as suas ações com o propósito de gerar integralidade na vida das pessoas tornaram-se pistas importantes para uma poimênica em nossos dias. O objetivo disso é levar a Igreja a desenvolver um modelo semelhante ao de Jesus, tornando-se, assim, uma comunidade de salvação e cura, de libertação para o desenvolvimento das potencialidades dos seus membros.

III. A IGREJA COMO COMUNIDADE TERAPÊUTICA

Embora a cidade tenha doentes de todos os tipos de enfermidades, as políticas de saúde têm trabalhado bastante para combater os efeitos das doenças. Ainda assim, não têm conseguido atacar as suas causas. Além disso, os instrumentos de cura disponíveis não são o suficiente para sarar os feridos (ver Jr 8).

Ao constatarmos a triste realidade em que vivem as pessoas na cidade, precisamos fazer uma pergunta: como a igreja tem agido e tratado essas pessoas?

Jesus, quando viu a triste realidade em que se encontravam as pessoas da sua época, disse em Mateus 11.28-30:

> Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

Será que estamos preparados para oferecer alívio aos sobrecarregados de nossas cidades?

Como povo de Deus na cidade, a igreja não pode ficar alheia às crises existenciais em que vivem os cidadãos. Infelizmente, muitas igrejas estão mais preocupadas em "vender o seu peixe"[75] para atrair mais clientes do que construir uma comunidade onde as pessoas possam relacionar-se a fim de ajudarem uns aos outros.

> A igreja na sociedade pós-moderna também está enferma. Na ânsia de crescer numérica e financeiramente, começou a priorizar os grandes projetos e as realizações de mega eventos, deixando de lado a importância dos relacionamentos. Tornou-se uma igreja realizadora, mas pouco relacional. Como consequência, suas reuniões tornaram-se superficiais, sendo mais uma oportunidade para consumo de artigos religiosos e menos oportunidade para relacionamentos que possam curar as feridas e gerar vida em abundância.[76]

As atuais igrejas urbanas precisam redescobrir a sua função terapêutica de ser um instrumento de cura para a sociedade; não somente a cura do corpo, mas também trabalhar de forma séria sem misticismos pela cura integral do indivíduo.

Cristãos e pecadores devem encontrar na igreja um espaço onde possam, por intermédio da vida comunitária e ajuda mútua, vencer os seus traumas e dilemas. Marcos Orison, citando Luciano Zajdsznajder, fala sobre a dissolução da individualidade das pessoas no mundo urbano, provocando solidão, indiferença, supervalorização do trabalho e a presença sempre constante das drogas.[77] Portanto, se a vida urbana tende a desintegrar o ser humano, a igreja deve ser o instrumento de Deus para a integração desses mesmos seres humanos. Kjell Nordstokke afirma que, numa sociedade que gera miséria e marginalidade de milhões de brasileiros, a igreja não pode

limitar-se apenas ao discurso. O desafio consiste em dar sinais concretos e visíveis de uma compreensão diferente do ser humano e da sociedade civil. Nesse sentido, diaconia é denúncia e anúncio de um projeto mais humano e cristão de relacionar-se com o outro, com a natureza e com a sociedade.

A Função Terapêutica da Igreja

A Igreja, na sua função terapêutica, precisa desenvolver várias qualidades básicas. Ricardo Zandrino sugere algumas para nossa reflexão:

Aceitação

A aceitação é a necessidade básica no desenvolvimento da personalidade de qualquer ser humano. É a base do indivíduo.

A argumentação bíblica para essa atitude é o fato de que fomos aceitos por Deus na sua família por intermédio de Cristo. Se na família tal aceitação é importante, na Igreja ela possibilita vida e alegria.

Confissão

Trata-se de uma prática pouco desenvolvida na igreja. A confissão a Deus encarnada no ouvido atento e perdoador do irmão é um recurso poderoso para promover saúde nos membros da igreja.

O próprio Davi descreveu as consequências físicas e emocionais de carregar pecados sem jamais os confessar (Sl 32). A verdadeira confissão gera crescimento e saúde no Corpo de Cristo.

Perdão

A prática do perdão traz saúde ao indivíduo culpado, além de senso de libertação e renovação da própria vida. O perdão livra-nos da culpa que paralisa e impede o crescimento para o qual fomos criados.

Uma igreja que pratica o perdão ensina a graça de Deus aos seus membros de uma forma mais eficaz, proporcionando ao outro um recomeço, bem como a possibilidade de tentar mais uma vez. A igreja é o lugar dos recomeços!

Oração intercessória

Orar e interceder por alguém traz saúde a quem quer que seja. Além de demonstrar interesse e valorização, a oração intercessória faz-nos aproximar do outro, movidos pela sensibilidade da dor e do sofrimento que alcança pessoas a quem amamos e que estão à nossa volta.

Contato físico

Há uma necessidade de toque físico em cada um de nós; toque que gera aceitação, que manifesta carinho e cuidado. É o toque curador do abraço, do aperto de mão e do braço sobre o ombro do irmão.

Há um mistério no contato físico que pode consolar, encorajar, tirar a dor e até mesmo curar.

Louvor

O ato de louvar expressa atitude contrária à enfermidade. No louvor, não há medo, nem recriminação e nem tristeza.

A ordem bíblica é bem clara: "Cantai ao SENHOR um cântico novo" (Sl 96.1), uma vez que "bom é louvar ao SENHOR e cantar louvores ao [seu] nome" (Sl 92.1). Uma igreja que louva reflete maturidade e saúde, e gera saúde e maturidade entre os seus membros: "[...] Está alguém contente? Cante louvores" (Tg 5.13b).

Outras expressões de serviço

Na medida em que, como membros, ajudamos uns aos outros nas mais diversas tarefas, mesmo naquelas pequenas e domésticas, suprimos as expectativas daqueles que estão à nossa volta e, dessa forma, geramos saúde para nós, para o outro e, por conseguinte, na comunidade local.

---

[67] SILVÉRIO, Luiz G. O Pastor Urbano. Londrina: Descoberta, 2003, p. 76.

[68] OLIVEN, Ruben. Violência e Poder, p. 30.

[69] NOÉ, Sidnei Vilmar. Preleção inaugural proferida na Escola Superior de Teologia no dia 08/05/2000.

[70] *Ibidem*.

[71] SCHIPANI Daniel S. O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 15.

[72] NOÉ, Sidnei Vilmar. Preleção inaugural proferida na Escola Superior de Teologia no dia 08/05/2000.

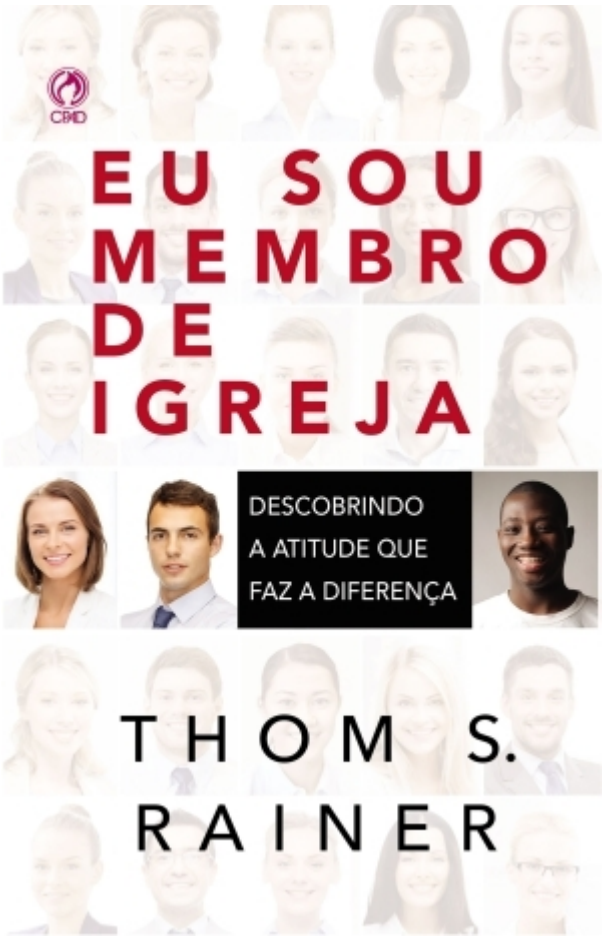
[73] ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. O Pastor Urbano. Londrina: Descoberta, 2003, p. 240.

[74] BARRO, Jorge Henrique, Ações Pastorais da Igreja com a Cidade. Londrina: Descoberta, p. 26.

[75] N. do E.: A expressão “vender o seu peixe”, segundo o dicionário eletrônico Houaiss, significa “usar de meios engenhosos para realçar as próprias qualidades”.

[76] ROSSI, Luiz Henrique Solano. Igreja: Comunidade terapêutica. Em https://ejesus.com.br/igreja-comunidade-terapeutica/. Acesso em 22/08/2019.

[77] ORISON, Marcos. Missão Integral Transformadora. Londrina: Descoberta, 2006, p. 214.


CPAD
EU SOU MEMBRO DE IGREJA
DESCOBRINDO A ATITUDE QUE FAZ A DIFERENÇA
THOM S. RAINER

Eu sou Membro de Igreja

RAINER, THOM S.

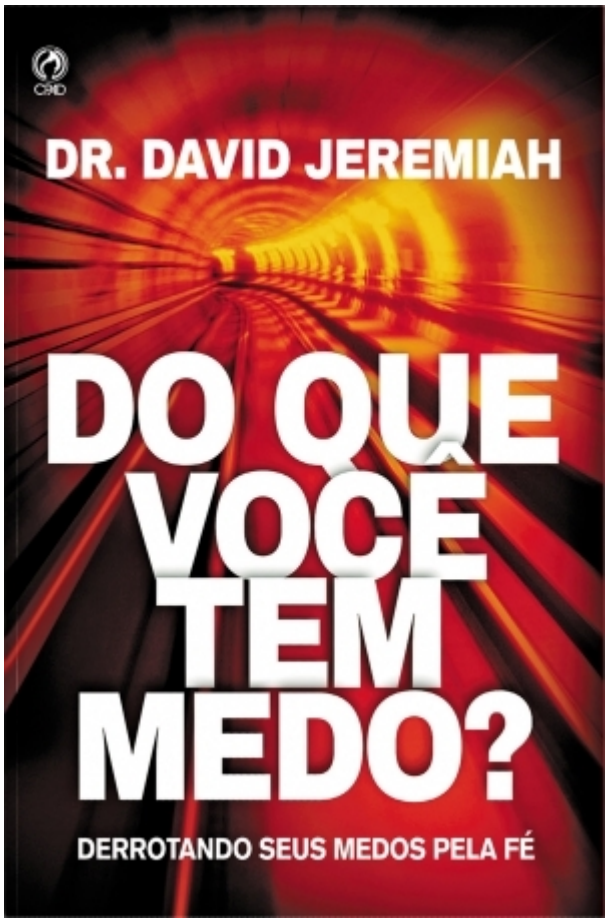
9788526318588

112 páginas

Compre agora e leia

Ao dizer que os membros da igreja precisam parar de agir como "consumidores" e começar a agir como "discípulos", Thom coloca o alvo no lugar correto: em nossa disposição (ou na ausência dela) de seguir a Jesus. Este livro traz uma mensagem oportuna, profunda e desafiadora para os cristãos em geral: igrejas não são clubes de campo. Deus nos colocou nelas para servir, cuidar dos outros, orar, aprender, ensinar, e, até mesmo, morrer pelo Evangelho.

Compre agora e leia


DR. DAVID JEREMIAH
DO QUE VOCÊ TEM MEDO?
DERROTANDO SEUS MEDOS PELA FÉ

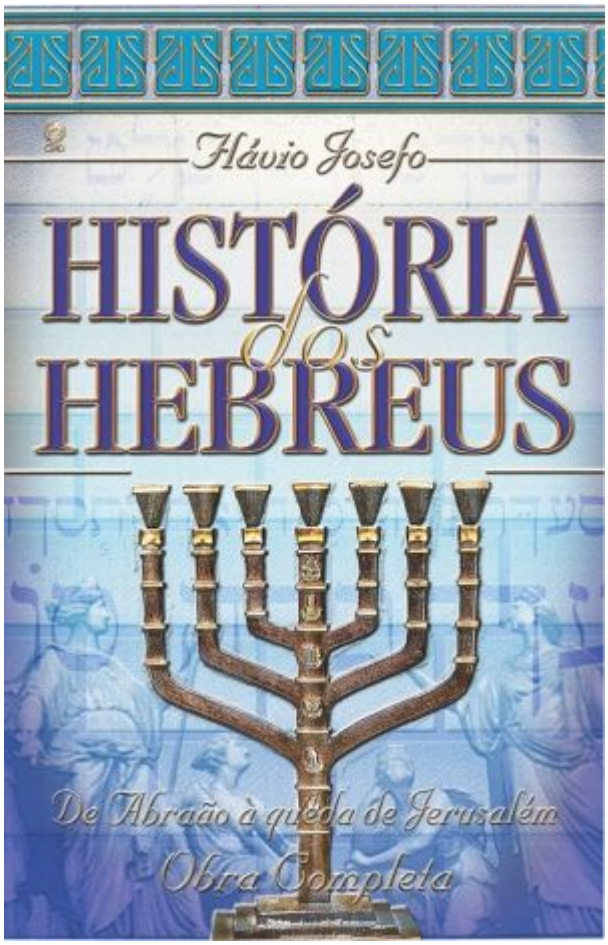
Do que você tem medo?

Jeremiah, Dr. David
9788526314184
264 páginas

Compre agora e leia

VOCÊ PODE VENCER O MEDO! Todos temos medo de algo, seja do fracasso, sucesso, solidão, multidão, morte, vida. A lista é interminável. Ninguém está imune ao medo. O medo assombra os fracos e os fortes, os jovens e os velhos, os pobres e os ricos. É o elemento que nos coloca a todos no mesmo nível. Alguns medos assaltam-nos apenas momentaneamente, passando quase tão rapidamente quanto surgem. Mas outros nos atacam por toda a vida. Instalam-se na mente aniquilando todo senso de segurança e, por vezes, chegam a assumir o controle da vida. Mas não tenha medo! Há esperança. Em Do que Você tem Medo? David Jeremiah Identifica e explica o que está no cerne de nove de nossos maiores medos e estabelece um plano bíblico para vencer cada um deles. Examina também um determinado medo que deve fazer parte de nossa vida diária: o temor de Deus. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


Flávio Josefo
HISTÓRIA DOS HEBREUS
De Abraão à queda de Jerusalém
Obra Completa

História dos Hebreus

Josefo, Flávio

9788526313491

1568 páginas

Compre agora e leia

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


Mais de um milhão de cópias vendidas
Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta
Fortalecendo a Comunhão com Deus em uma Vida Atarefada
JOANNA WEAVER
Autora do Best-Seller Tendo um Espírito como o de Maria

Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta

Weaver, Joanna

9788526312302

256 páginas

Compre agora e leia

Um convite para toda mulher que sente que não é piedosa o suficiente ... não está amando o suficiente ... não está fazendo o suficiente. A vida de uma mulher hoje não é realmente tão diferente da de Maria e Marta no Novo Testamento. Como Maria, você deseja se sentar aos pés do Senhor ... mas as demandas diárias de um mundo ocupado simplesmente não o deixam em paz. Como Marta, você ama Jesus e realmente quer servi-lo ... mas luta com cansaço, ressentimento e sentimentos de inadequação. Então vem Jesus, bem no meio de sua movimentada vida Maria / Marta - e ele estende o mesmo convite que fez há muito tempo às duas irmãs de Betânia. Com ternura, ele convida você a escolher "a melhor parte" - uma vida alegre de intimidade na "sala de estar" com ele, que flui naturalmente para o "serviço de cozinha" para ele. Como você pode fazer essa escolha? Com sua nova abordagem à história familiar da Bíblia e suas estratégias criativas e práticas, Joanna mostra como

todos nós - Maria e Marta - podemos nos aproximar de nosso Senhor, aprofundando nossa devoção, fortalecendo nosso serviço e fazendo as duas coisas com menos estresse e maior alegria.

Compre agora e leia


CPAD
HERÓIS
DA
FÉ
VINTE HOMENS
EXTRAORDINÁRIOS
QUE INCENDIARAM
O MUNDO
ORLANDO BOYER

Heróis da fé

Boyer, Orlando

9788526311954

272 páginas

Compre agora e leia

Mais de 300.000 livros vendidos! Um dos maiores clássicos da literatura evangélica. Homens extraordinários que incendiaram o mundo. A cada capítulo uma história diferente, uma nova biografia. As verdadeiras histórias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo. Heróis como: Lutero, Finney, Wesley e Moody, dentre outros que resolveram viver uma vida de plenitude do evangelho. "O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração: esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespero desses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sobre o amor do Mestre, amor profundo como o mar, contempla o horripilante espetáculo do desespero dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir." (Carlos Inwood). Esta obra contém as biografias de grandes servos de Jesus. Conheça a vida de pessoas verdadeiramente transformadas por Deus e que, por isso, servem-

nos como exemplos de vida. Um estímulo para também buscarmos ser reconhecidos como verdadeiros Heróis da Fé. Um produto CPAD.

Compre agora e leia